

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

As narrativas de alunos e processos de ensino aprendizagem

Ana Sofia Ferreira da Cruz

M

2017



As narrativas de alunos e processos de ensino aprendizagem

Ana Sofia Ferreira da Cruz

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pelo Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves e coorientado pela Professora Doutora Elsa Pacheco

Orientadores de Estágio: Dr.^a Delminda Gonçalves e Dr.^a Isabel Afonso

Supervisores de Estágio: Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves e Professora Doutora Elsa Pacheco

Membros do Júri

Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Cristiana Martinha Maia Oliveira da Fonseca Costa Abay
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Álvaro de Campos

Sumário

Agradecimentos	7
Resumo	9
Abstract.....	10
Índice de ilustrações.....	11
Índice de quadros	12
Índice de gráficos.....	13
Introdução	14
Capítulo I - Enquadramento Teórico	17
1. A comunicação.....	18
1.1 O(s) conceito(s) de comunicação	18
1.2 A comunicação ao serviço da pedagogia.....	20
1.3 A comunicação e a aprendizagem escolar.....	22
1.4 O papel do professor enquanto comunicador	24
1.5 Os problemas de comunicação na sala de aula.....	27
2 As Narrativas.....	29
2.1 O uso da narrativa enquanto produto de aprendizagem	29
Capítulo II - Enquadramento Metodológico do Estudo.....	34
1. Contextualização do Estudo	34
1.1 O estágio, a Escola e a descrição do meio envolvente	34
1.2 Justificação do Estudo	39
1.3 Seleção e Caracterização da Amostra.....	40
2. Instrumentos de recolha de dados	43
2.1 O processo de recolha de dados nas aulas de História e Geografia.....	44
2.2 As narrativas escritas na disciplina de História A	47
Capítulo III – Trabalho desenvolvido nas aulas de História e Geografia	52
1. Processo e materiais didáticos utilizados nas aulas.....	53
2. As atividades propostas nas aulas de História.....	54
2.1 A aula através da exposição do professor.....	54
2.2 A aula através de imagens fixas	55
2.3 A aula através do trabalho de grupo	56

2.4 A aula através de imagens em movimento	58
3. As atividades propostas nas aulas de Geografia	60
3.1 A aula através do trabalho de grupo	60
3.2 A aula através do debate	61
3.3 A aula através da exposição do professor.....	64
3.4 A aula através do jogo didático	65
Capítulo IV – Apresentação e análise dos resultados	68
1 Análise dos resultados na disciplina de História.....	69
1.1 Primeiro exercício de narrativa escrita	70
1.2 Segundo exercício de narrativa escrita	73
1.3 Terceiro exercício de narrativa escrita.....	75
1.4 Quarto exercício de narrativa escrita	77
2 Análise dos resultados na disciplina de Geografia.....	80
2.1 Primeiro exercício de narrativa escrita	81
2.2 Segundo exercício de narrativa escrita	85
2.3 Terceiro exercício de narrativa escrita.....	88
2.4 Quarto exercício de narrativa escrita	90
Considerações Finais	94
Referências Bibliográficas.....	99
Documentos Reguladores.....	101
Anexos	102
Anexo 1 – Exercícios das Narrativas escritas em História	103
1.1 Narrativa 1	103
1.2 Narrativa 2	105
1.3 Narrativa 3	107
1.4 Narrativa 4	109
Anexo 2 – Exercícios das Narrativas escritas em Geografia	111
2.1. Narrativa 1	111
2.2. Narrativa 2	113
2.3. Narrativa 3	115
2.4. Narrativa 4	117
Anexo 3 – Materiais utilizados na aula expositiva da disciplina de História...	119

3.1. Roteiro “Do Condado portucalense à monarquia portuguesa”.....	119
3.2. Textos de apoio.....	121
Anexo 4 – Materiais utilizados na aula de imagens fixas da disciplina de História.....	124
Anexo 5 – Materiais utilizados na aula de trabalho de grupo da disciplina de História.....	128
Anexo 6 – Materiais utilizados na aula de imagens em movimento da disciplina de História	128
Anexo 7 – Materiais utilizados na aula de trabalho de grupo da disciplina de Geografia.....	129
7.1. Dossier PRAUD (1).....	129
7.2. Dossier PRAUD (2).....	132
7.3. Dossier POLIS (1)	135
7.4. Dossier POLIS (2)	138
7.5. Dossier URBAN.....	141
7.6. Dossier PER.....	143
7.7. Dossier Cidades 2020	146
7.8. Dossier Projeto Lado a Lado	149
Anexo 8 – Materiais utilizados na aula debate da disciplina de Geografia	152
8.1. Dossiês Cidades Médias	152
8.2. Dossiês Grandes Cidades	190
8.3. Certificado dos alunos	227
Anexo 9 – Materiais utilizados na aula do jogo didático da disciplina de Geografia.....	228
Anexo 10 – Tabela de análise de dados na disciplina de História	236
Anexo 11 – Tabela de análise de dados na disciplina de Geografia	238

Agradecimentos

Ao finalizar uma fase tão significativa da minha vida acadêmica, existe em mim a consciência de que o caminho trilhado poderia ter tido um rumo diferente sem todas aquelas pessoas que foram a promessa de luz incondicional nos dias mais cinzentos. Aquelas pessoas que nunca me deixaram cair em desânimo quando me faltou a força e a fé em mim, que sempre estiveram presentes e que com palavras de coragem não permitiram que me rendesse nas adversidades.

Algumas de forma mais direta, outras de forma mais indireta, mas todas me ajudaram nesta caminhada tão importante da minha vida pessoal e profissional. Por isso, não lhes posso deixar de expressar o meu sincero agradecimento e admiração.

Em primeiro lugar, e de outra forma não poderia ser, aos meus Pais que sempre me fizeram sentir capaz de superar qualquer obstáculo. A eles devo tudo aquilo que sou e por isso só lhes tenho a agradecer o apoio incondicional, a confiança e o esforço que fizeram para, ao meu lado, poderem ver um dos meus objetivos cumpridos.

Não posso, também, deixar de agradecer à minha restante família, sobretudo, aos meus avós que sempre cheios de atenção, carinho e amor me enchiam o coração quando me diziam para eu nunca esquecer o orgulho que tinham em mim.

Depois aos meus colegas de estágio Celso, Rita e Teresa, que foram muito mais do que meros colegas, com quem a partilha diária deu lugar a uma relação de amizade verdadeira que primou pelo espírito de união, incentivo e cooperação. Sem vocês teria sido impossível a concretização de um estágio tão rico em bons momentos, marcante em fantásticas vivências de confraternização e repleto de sucessos. Vocês são incríveis! Não posso, igualmente, deixar de agradecer aos restantes colegas de curso pelo companheirismo, espírito de entreatajuda e pela troca constante de experiências que me permitiram crescer e aprender mais.

Aos meus amigos de sempre, por todos os estímulos de esperança, não deixaram que o medo de falhar me fizesse perder o foco de chegar ao destino que projetara. Parceiros que me acompanham desde muito cedo foram aqueles que, muitas vezes, tiveram a incrível habilidade de atenuar as minhas angústias.

Ao meu admirável Orientador, Professor Doutor Luís Marques Alves, pela orientação e disponibilidade que sempre teve em acompanhar o trabalho desenvolvido. Pelas sugestões, pelos momentos de aprendizagem, pelos incentivos e pela entrega que tem à sua profissão que sempre me motivou a seguir o seu exemplo. Obrigada por tudo!

Um grande agradecimento à minha Coorientadora, Professora Doutora Elsa Pacheco, pelo entusiasmo e pela pessoa acessível que sempre foi na execução deste projeto.

À Professora Doutora Isabel Afonso, orientadora cooperante, pelos ensinamentos, pelo amparo constante, pelas palavras de encorajamento, pela preocupação, pelo rigor exigido para me fazer chegar mais além, por todo o empenho investido no êxito deste trabalho. Nunca esquecerei o ar sincero de satisfação, no seu rosto, que transparecia em cada vitória alcançada, em cada objetivo concluído. Agradeço-lhe de coração!

Da mesma forma, agradeço à Professora Delminda Gonçalves, também ela orientadora cooperante, pela sua prontidão em ajudar ao longo deste trajeto.

Finalmente, sei que o espaço limitado deste documento não me permite apresentar, devidamente, o meu agradecimento às restantes pessoas que contribuíram de alguma forma para a conclusão deste Mestrado. Todavia, quero referir que o vosso contributo foi fundamental. A todos um enorme obrigada!

Resumo

No contexto escolar a comunicação apresenta-se como o principal elo de ligação entre o professor e os alunos. Sendo o professor o responsável pela transmissão dos conhecimentos aos alunos, é importante que este saiba expressar-se de forma correta e clara. Portanto, a comunicação desempenha um papel fundamental, visto que é determinante para a concretização dos objetivos que constituem a função docente.

Na atualidade, um dos maiores desafios com que os professores e, também, a Escola se deparam diz respeito ao facto de que a transmissão de conhecimentos tem de estar bem alicerçada numa eficaz comunicação em sala de aula. Vemos que as estratégias de ensino-aprendizagem têm vindo a ser um dos pontos de interesse, especialmente, das Didáticas como elemento construtivo do processo educativo que permitem a realização de aprendizagens significativa por parte dos alunos de modo mais dinâmico.

É neste segmento de construção e consolidação das aprendizagens que se potencializam as competências específicas das disciplinas de História e Geografia onde a comunicação, enquanto forma de apresentar os conteúdos de maneira devidamente fundamentada e estruturada, é basilar. Neste âmbito, desenvolvem-se variadas vertentes de oralidade e variadas vertentes da componente escrita onde, a produção de narrativas escritas pelos alunos foi o alvo de investigação do nosso estudo.

Assim, o estudo que se apresenta pretende tratar o contributo da comunicação em sala de aula para a construção de narrativas escritas no processo ensino-aprendizagem, na perspetiva de que a articulação da comunicação oral com diferentes estratégias de ensino se reveste de uma grande importância na receção e produção escrita.

Palavras-chave: Comunicação, Narrativa, Estratégia de aprendizagem, Educação Histórica, Educação Geográfica.

Abstract

In the school context communication presents itself as the main link between teacher and students. Since the teacher is responsible for transmitting the knowledge to the students, it is important that the student is able to express himself correctly and clearly. Therefore, communication plays a fundamental role, since it is decisive for the achievement of the objectives that constitute the teaching function.

Today, one of the major challenges facing teachers and the school is that the transmission of knowledge must be well grounded in effective communication in the classroom. We see that the teaching-learning strategies have been one of the points of interest, especially of the Didactics as a constructive element of the educational process that allow the realization of meaningful learning by the students in a more dynamic way.

It is in this segment of construction and consolidation of learning that the specific competences of the disciplines of History and Geography are strengthened where communication, as a way of presenting the contents in a duly substantiated and structured manner, is basic. In this context, there are varied verbal aspects and orthopedic aspects of the written component where, the production of narratives written by the students was the research target of our study.

Thus, the present study intends to deal with the contribution of classroom communication to the construction of written narratives in the teaching-learning process, in the perspective that the articulation of oral communication with different teaching strategies is of great importance in Receiving and written production.

Keywords: Communication, Narrative, Learning Strategy, Historical Education, Geographic Education.

Índice de ilustrações

Figura 1. Localização da Escola Secundária de Paredes	36
Figura 2. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1	71
Figura 3. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1	72
Figura 4. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2	74
Figura 5. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2	74
Figura 6. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3	76
Figura 7. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3	76
Figura 8. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4	78
Figura 9. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4	79
Figura 10. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1	83
Figura 11. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1	84
Figura 12. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2	86
Figura 13. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2	87
Figura 14. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3	89
Figura 15. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa escrita 3	90
Figura 16. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa escrita 4	92
Figura 17. Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa escrita 4	93

Índice de quadros

Quadro 1. Diferenças entre a Comunicação UNIdirecional e a Comunicação BIdirecional (Antão 1997:15)	23
Quadro 2. Categorização das narrativas dos alunos na disciplina de História	69
Quadro 3. Categorização das narrativas dos alunos na disciplina de Geografia	80

Índice de gráficos

Gráfico 1. Total de alunos que realizaram o Exercício 1 em Valores Absolutos	70
Gráficos 2. Total de alunos que realizaram o Exercício 2 em Valores Absolutos	73
Gráfico 3. Total de alunos que realizaram o Exercício 3 em Valores Absolutos	75
Gráfico 4. Total de alunos que realizaram o Exercício 4 em Valores Absolutos	77
Gráfico 5. Total de alunos que realizaram o Exercício 1 em Valores Absolutos	81
Gráfico 6. Total de alunos que realizaram o Exercício 2 em Valores Absolutos	85
Gráfico 7. Total de alunos que realizaram o Exercício 3 em Valores Absolutos	88
Gráfico 8. Total de alunos que realizaram o Exercício 4 em Valores Absolutos	91

Introdução

O presente relatório é parte integrante da Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional no âmbito do Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, constituindo o trabalho final representativo não só de uma reflexão na sequência de um ano letivo de estágio como, também, representativo do culminar do último ano deste mesmo mestrado profissionalizante.

Assim, este trabalho pretende tratar o contributo da comunicação em sala de aula para a construção de narrativas escritas no processo ensino-aprendizagem, na perspectiva de que a articulação da comunicação oral com diferentes estratégias de ensino se reveste de uma grande importância na receção e produção escrita.

No mundo contemporâneo, um dos maiores desafios com que os professores e, também, a Escola se deparam diz respeito ao facto de que a transmissão de conhecimentos tem de estar bem alicerçada numa eficaz comunicação em sala de aula. Vemos que as estratégias de ensino-aprendizagem têm vindo a ser um dos pontos de interesse, especialmente, das Didáticas como elemento construtivo do processo educativo que permitem a realização de aprendizagens por parte dos alunos.

No entanto, numa sociedade globalizada e informada onde os sistemas de comunicação apresentam um grande grau de desenvolvimento e as pessoas rapidamente e facilmente têm acesso a qualquer tipo de conhecimento, acentua-se a necessidade de o professor criar e inovar nos mecanismos que desenvolve para o exercício da sua profissão. Deste modo, a utilização dos métodos tradicionais de transmissão de conhecimentos revela-se desajustada.

A sala de aula é um local, por excelência, onde a comunicação predomina. A utilização de uma boa comunicação do professor com os alunos, alunos com o professor e dos alunos entre si reforça a motivação e promove a aprendizagem. Assim, a relação pedagógica afigura-se mais eficaz quanto mais agradável e construtiva for a comunicação entre professor e aluno. Como uma parte considerável do conhecimento dos alunos é obtido fora da escola, esta deixa de ser o único meio de construção de conhecimento do aluno passando a ser, nomeadamente, um lugar de reflexão crítica sobre esse conhecimento. Então, o professor é chamado a assumir novos papéis, onde lhe são exigidas competências, não só técnicas como comunicacionais, a fim de conseguir um melhor relacionamento com os alunos.

É facto que a comunicação é um dos aspetos mais importantes para o sucesso do trabalho do professor. Muito mais do que uma linguagem falada ou escrita, a

comunicação apresenta-se sob várias formas, isto é, olhares, expressões, gestos, posturas, atitudes, tons de voz, entre outros. A este tipo de comunicação designamos, usualmente, de linguagem corporal e é facilmente verificável que esta tem um grande impacto na transmissão de qualquer tipo de mensagem.

De modo a evitar que seja o professor que passe o tempo todo da aula a falar, este tem de ter consciência que é necessário traçar estratégias eficazes. O domínio dos conteúdos, ao contrário do que se pode pensar, não é suficiente para garantir o bom desempenho de um docente em sala de aula. Técnicas de comunicação e socialização são essenciais para a construção de uma melhor relação entre o professor e os seus alunos. Não há ensino sem conteúdos e nem sem comunicação, sendo que um elemento é tão importante quanto o outro. No entanto, na prática isto nem sempre acontece. Por vezes, a excessiva preocupação do professor com os conteúdos programáticos a lecionar, faz com que a comunicação fique para segundo plano, o que não deveria acontecer porque a comunicação é, sem dúvida, um dos fatores responsáveis pelo fracasso ou pelo sucesso de uma aula.

O professor deve previamente estruturar uma aula em que a comunicação não esteja, apenas, centrada no seu discurso tendo em atenção outras componentes como, por exemplo, a visual e a auditiva. Estas componentes são importantes, visto que cada aluno tem características próprias para assimilar o conteúdo, porém para tal é necessário que o professor conheça bem os seus alunos.

Além disso, é preciso que a comunicação seja interativa. O professor deve ter presente que o processo ensino-aprendizagem é constituído não só pelo próprio professor como também pelos alunos, logo é indispensável que haja espaço para estes intervirem. O aluno necessita de espaço para apontar as suas dúvidas e impressões. Uma boa aula é produzida em conjunto, em que o docente tem a função de orientar o conhecimento.

É fundamental que a comunicação seja constantemente verificada para evitar a incompreensão. O feedback da aula é determinante para verificar a qualidade da comunicação, porque se o aluno não entende algo, o problema pode estar na comunicação.

Portanto, o professor deve fazer por apresentar os conteúdos de forma clara e com interesse, procurando sempre ir ao encontro do aluno, verificar se ele compreende a informação e procurar conhecer e saber o seu nível de conhecimentos.

É, nesta conjuntura, que se insere a realização deste trabalho onde, através da produção de narrativas escritas se tentou perceber quais as formas de comunicação que se revelaram mais eficientes. Isto é, tendo em conta um conjunto de recursos que foram

utilizados ao longo de várias aulas, da disciplina de História e da disciplina de Geografia, buscou-se apurar em quais as narrativas foram mais ou menos ricas.

O contexto investigativo deste trabalho foi realizado a partir de quatro aulas lecionadas a uma turma do décimo ano da disciplina de História A, e a uma turma do décimo primeiro ano da disciplina de Geografia A do Ensino Secundário.

Considero o tema que escolhi muito pertinente, uma vez que este ano de estágio foi crucial para compreender que, enquanto (futuros) professores, podemos ter um excelente domínio das novas tecnologias, uma extraordinária capacidade criativa que nos permita produzir aulas inovadoras, tudo com o intuito de transmitir determinados conhecimentos aos alunos, todavia muitas vezes isso não acontece. Para que essa intenção não fique apenas no plano, necessitamos da comunicação e precisamos de ter competências comunicacionais, para que o nosso propósito e todo o trabalho realizado obtenha o resultado desejado e a mensagem se transmita eficazmente. Além disto, existe outro aspeto que me fez despertar o interesse por este tema, este está relacionado com todo o meu percurso escolar. Ou seja, ao fazer uma retrospectiva da minha vida enquanto estudante, todos os professores que mais me marcaram pela positiva, e que até hoje guardo na memória tinham, indiscutivelmente, uma grande capacidade de comunicação. Recordo-me do jeito irrepreensível com que lecionavam alguns conteúdos dos quais muitas vezes não tinham hipótese de se valer de qualquer recurso devido ao seu carácter de senso comum, sobretudo no caso da disciplina de Geografia, onde a única forma existente de tornar a aula o mais agradável possível era promovendo o diálogo vertical e horizontal na tentativa de favorecer uma classe ativa e, nestes casos, a comunicação desempenhava um, se não o mais decisivo papel.

Posto isto, considero que ainda existe um longo trajeto a percorrer no sentido de encurtar as dificuldades de comunicação professor/aluno presentes em sala de aula. O insucesso está, muitas vezes, relacionado com falhas a este nível. Portanto, é vital delinear e implementar boas práticas de comunicação na sala de aula e termos, nós professores, a capacidade de nos autoavaliar, de maneira a corrigirmos as falhas que possamos estar a cometer. Em suma, é conveniente que o professor tenha consciência de que a capacidade de comunicação é essencial para o processo ensino-aprendizagem.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

Conforme o desenvolvimento humano ao longo dos séculos, simultaneamente, evoluíram as formas de comunicação. Desde o princípio dos tempos que o Homem sente necessidade de comunicar e expressar-se de diferentes formas.

Na tentativa de fazer um breve resumo da história da comunicação humana, podemos, segundo Antão (1997: 9) apontar várias fases, onde em cada uma se assinala o uso de novas formas de comunicação que transformam a sociedade e que constituem um novo tipo de comunicação.

Assim, e ainda de acordo com Antão (1997: 9-10), o primeiro episódio comunicativo é o da “exteriorização” onde só a comunicação interpessoal é possível. Este episódio foi verificado no *homo sapiens* no momento em que aprendeu a manifestar as suas ideias, desejos e necessidades através do seu corpo, por ação dos gestos que começou a associar à articulação de sons, o que permitiu a formação de palavras. Neste contexto, o homem era o único meio de comunicação. Nesta fase, a linguagem não é predominantemente acústica, mas sim audiovisual, dado que o gesto faz parte integrante dela.

O segundo episódio comunicativo é aquele a que podemos chamar de “transposição”. O homem transpõe o seu pensamento e os objetos do mundo que o rodeia para esquemas, desenhos, ritmo, música e, por fim, para a escrita fonética. Nesta fase, o homem torna independente o mundo dos sons, aperfeiçoa instrumentos musicais, que se tornarão um prolongamento da voz, aos poucos dissocia a música da dança e a linguagem passa a dispensar o gesto. Desta forma, o homem começa a poder comunicar à distância, o que o leva a superar, de certo modo, a questão do espaço e do tempo. As mensagens são registadas em papiro ou pergaminho e, já anteriormente, as paredes das cavernas tinham-se transformado numa espécie de primeiras bibliotecas, cuja durabilidade nos permite atestar. É nesta altura que se desenvolvem vários sistemas de comunicação gráfica, nos quais só alguns detinham essas habilidades, pois se confinam a artistas, escribas e tecnocratas.

Num terceiro episódio na história da comunicação, que tem início com a implantação da imprensa e culmina com o satélite, é aquilo que podemos designar de comunicação de massa. Criada a partir dos *mass media*, trata-se de uma comunicação que consiste numa amplificação, numa amplificação de mensagens, dando resposta ao desejo do homem de ver multiplicadas as suas obras. Esta técnica moderna possibilitou-nos o acesso a gravações de som e de imagens criando, assim, novas linguagens.

Ao olharmos para a atualidade, vemos que dispomos de grande facilidade de acesso aos mais variados meios de comunicação, desde jornais, revistas, livros, rádio, televisão, internet até às tão conhecidas redes sociais. Esta facilidade da utilização dos meios de comunicação associada ao, constante, avanço tecnológico faculta o encurtamento de distâncias a nível geográfico e o transporte de grandes quantidades de informação num pequeno espaço como, por exemplo, num cartão de memória.

Contudo, é plausível dizer que esta modernização comunicativa não acarreta só vantagens, pois propicia a perda das relações interpessoais, sugerindo a ideia de que o ser humano possa estar a retroceder na sua evolução em prol do contínuo processo evolutivo da tecnologia de comunicação.

1. A comunicação

1.1. O(s) conceito(s) de comunicação

A comunicação é um conceito que detém uma multiplicidade de aspetos que impossibilitam a realização de uma abordagem completa a todo o seu significado. Por isso, todas as tentativas de definição nunca serão suficientes para esclarecer, na íntegra, a infinidade de valências que este conceito envolve. Primeiramente, parece-nos importante começar por falar da origem etimológica da palavra que deriva do latim “*communicare*” e que significa “partilhar algo, tornar comum”. Isto diz-nos que o ato de comunicar está, irrevogavelmente, inerente à vida em sociedade sendo uma atividade a que todos recorremos nas mais variadas situações. Como refere Antão (1997: 7) a comunicação é o centro polarizador de todo o tipo de conhecimento e de toda a organização, desde a mais simples associação de ideias contíguas, desde a resposta reflexológica a um certo estímulo, até às mais complexas redes de conjuntos ecossistémicos. Na verdade, tudo o que existe de concreto ou abstrato, de real ou irreal, de objetivo ou subjetivo, é apreendido por processos menos ou mais complicados de comunicação.

Em sentido lato, a autor entende a comunicação como um processo pelo qual se efetua o intercâmbio de informação. Neste sentido podemos falar em comunicação verbal, celular, tátil, visual, molecular, gestual, etc. Se, por exemplo, se tocar com um dedo num objeto bastante quente, o estímulo é comunicado ao respetivo centro nervoso através dos neurónios; nesse caso, imediatamente é fornecido um feedback ao local de proveniência desse estímulo no sentido de produzir um efeito, modificando a situação – o dedo automática e reflexamente se afasta do objeto quente.

A comunicação química é, talvez, das mais generalizadas nos seres vivos. Por exemplo, os odores emitidos por insetos e animais, os produtos tóxicos e venenos de certas plantas, os perfumes das flores, etc., asseguram a regulação dos equilíbrios naturais e a estabilidade de toda uma organização ecológica.

Em sentido restrito, comunicação é o “intercâmbio de informações – dados, sentimentos, opiniões – entre duas ou mais pessoas ou organizações por meios verbais” (Thayer 1968, cit. Antão 1997: 7)

A comunicação entre organismos humanos é de uma importância fulcral devido ao mais perfeito sistema jamais concebido e criado – a linguagem verbal. Diferentemente dos chamados irracionais, a fala concede ao homem o poder criativo e o raciocínio lógico que lhe permite progresso técnico e social.

A comunicação é um fenómeno global de funções múltiplas, logo seria bastante confuso estudá-la apenas através de uma dessas funções, a verdade é que o ato de comunicar é um dos elos de ligação mais importantes da evolução humana que revolucionou e continua a revolucionar o Mundo. O avanço progressivo da tecnologia, associado à evolução dos sistemas de comunicação, permitiu satisfazer as necessidades quotidianas do ritmo e qualidade de vida do Homem.

Joel de Rosnay (cit. Antão, 1997: 8-9) profere que “Como consequência da linguagem e da generalização da tradição oral, o aparecimento da escrita permite desmultiplicar e memorizar a informação a um baixo custo de energia. A prática da cópia dos manuscritos, mas principalmente a invenção da imprensa seguida da criação de bibliotecas, exteriorizam uma das funções mais importantes do cérebro humano – a memória – ao mesmo tempo que libertam o prodigioso poder amplificador da informação. A verdadeira explosão das telecomunicações data do momento em que se aprendeu a transmitir a informação através de um fio ou de uma onda. Com o telégrafo e o telefone, rádio e a televisão, o som e a imagem atravessam montanhas e oceanos e abarcam o planeta, reunindo os homens na *aldeia global* tão do agrado de M. McLuhan (cit. Antão, 1997: 8). As cartas, o telefone, os rádios de amador só autorizam simultaneamente comunicações bilaterais ou, quando muito, de pequenos grupos de indivíduos. A rádio, a televisão, os jornais e as revistas chegam a um grande número de indivíduos, embora estas não possam (em regra) emitir uma informação de retorno.

Mas na *aldeia global* a comunicação não depende só apenas da informação escrita e falada ou do audiovisual. Existe toda uma pluralidade de sinais e de símbolos de infinita complexidade. A força das mensagens que eles representam é tão real como a da palavra impressa ou da imagem televisada. O vestuário, o comportamento social, a função de

sinal que é representada pela compra e posse de bens materiais, tais como o automóvel e a habitação, mas também a arte, a música, os desportos, são meios de comunicação capazes de assegurar a integração e a diferenciação complementar dos indivíduos no seio da organização social.

Hoje, devido à união entre os computadores e as redes de telecomunicação, assiste-se à instalação progressiva de um verdadeiro “serviço público” de informações. Uma tal rede representará o estágio mais elaborado da integração dos diferentes sistemas de comunicação, desde as moléculas – sinais das bactérias até ao sistema nervoso do homem e da sociedade”

Deste modo, podemos dizer que a comunicação faz parte de todas as nossas vivências sendo essencial para toda a nossa realidade pois é através dela conseguimos aprender, compreender e evoluir.

1.2. A comunicação ao serviço da pedagogia

Com base na obra de Antão (1997: 11-12), no âmbito da pedagogia o conceito de comunicação está imbuído de elementos originariamente pertencentes à cibernética e à sua linguagem. Surgem, assim, palavras como *Emissor*, *Recetor*, *Código*, *Mensagem*, *Canal*, *De(s)codificação*, *Feedback*. Utilizando esta terminologia podemos, por exemplo, perguntar: - Se um professor, enquanto emissor, não incentivar os *feedbacks* dos alunos, isto é, a alteração de comportamento observável nesses alunos num momento posterior à veiculação de uma certa mensagem, como poderá ele saber se a sua mensagem foi ou não recebida? Como saber se o código linguístico utilizado tornou a mensagem incompreensível para os alunos, que se mostraram incapazes de decodificar a mensagem do professor, transformada para eles num ruído contínuo?

Ao emissor cabe a codificação da mensagem; ao recetor caberá a sua decodificação.

Numa comunicação bidirecional, do intercâmbio Emissor-Recetor, nascem *feedbacks* constantes que se produzem de um modo recíproco, dado que o mesmo elemento do circuito de comunicação é alternadamente emissor e recetor.

Qualquer perturbação na comunicação tem o nome de ruído. Podemos apontar como alguns exemplos de ruído a utilização de um som inadequado, uma imagem defeituosa, uma palavra caligraficamente impercetível, uma intervenção inoportuna, falar demasiado baixo, ausência de pontuação num texto escrito, entre outros.

Um dos processos mais usados para eliminar o ruído é a redundância, isto é, a repetição de informação (fazer parêntesis explicativos, usar exemplos e comparações,

passar complementarmente um filme ou sequências de imagens fixas, repetir a mensagem de forma perfeitamente audível para todos, utilizar adequada e expressivamente os gestos...). Sempre que numa mensagem não existe ruído, pode dizer-se que o emissor e recetor estão em sintonia.

Em contexto de sala de aula (onde a comunicação é estabelecida essencialmente através da linguagem verbal) podemos sucintamente dizer que o *Emissor* é quem diz; a *Mensagem* é aquilo que se diz e o *Recetor* é a quem se diz.

Os papéis de emissor e de recetor vão alternando (ora o emissor é o professor e os recetores os alunos, ora os alunos são os emissores e o professor o recetor). Esta alternância é típica do diálogo que deve caracterizar a maior parte da comunicação na sala de aula e que muito dificilmente é conseguida.

Qualquer mensagem tem de ser transmitida através de um *Canal* físico e em forma de *Código* entendível pelo recetor. Na aula, o código é a língua (o português ou outra) e o canal é o ar (que permite a propagação das ondas sonoras entre emissor e recetor).

O livro, o filme, a imagem são outros exemplos de canais que suportam fisicamente determinada informação e que permitem estabelecer contacto entre o(s) emissor(es) e o(s) recetor(es).

Assim, se a tónica da comunicação verbal for colocada sobre o recetor, a linguagem será do tipo apelativo. É o que acontece, por exemplo, num pedido de esclarecimento, numa exortação ou num anúncio publicitário. Se o mais importante for a realidade (concreta ou abstrata) a que se refere a mensagem, então a função predominante será a informativa. Se, enfim, a comunicação linguística privilegiar o papel do emissor (a sua subjetividade e mundividência), estaremos perante a função emotiva.

De modo simples, podemos dizer que as funções informativa e emotiva constituem o fulcro de toda a comunicação, a informativa (objetiva e intelectual) é a base da comunicação científica e técnica, a emotiva (subjetiva e afetiva) domina a maior parte das formas da comunicação estética.

O *Contexto* é outro importante aspeto comunicacional que convém definir. Trata-se do conjunto de circunstâncias que acompanham todo o ato comunicativo. No caso da linguagem verbal, mais do que aquilo que precede e sucede uma certa frase, o contexto diz respeito ao lugar onde se encontram emissor e recetor, à hora, ao sexo dos interlocutores e, sobretudo, ao grau de conhecimento, intimidade e à vontade existente entre os falantes. Sumariamente, podemos dizer que o contexto é tudo o que envolve o processo de comunicação propriamente dito.

1.3. A comunicação e a aprendizagem escolar

Ainda de acordo com Antão (1997: 14-15), conseguimos perceber que não se pode entender o processo ensino-aprendizagem sem se compreender o processo de comunicação. Deste modo, o professor deve tentar eliminar quaisquer interferências na transmissão das suas mensagens, devendo, para isso, minimizar os ruídos no sentido de obter uma boa sintonização por parte dos alunos. Para que isto aconteça é conveniente que o professor conheça o nível intelectual e os conhecimentos que os alunos já possuem, que saiba utilizar estratégias que conduzam ao interesse dos alunos, isto é, que saiba motivar os seus alunos, e que forneça um feedback aos alunos pela avaliação formativa oral e escrita que deve estar omnipresente no processo de ensino-aprendizagem.

O ato de ensinar não consiste somente em transmitir conhecimentos. Ensinar é fazer pensar, é estimular o aluno para a identificação e resolução de problemas, ajudando-o a ter hábitos de pensamento e ação. Assim, o professor deve conduzir os alunos à problematização e ao raciocínio, e nunca à absorção passiva das ideias e informações transmitidas. Além disso, para ser um bom comunicador, o professor deve gerar empatia, deve colocar-se no lugar do aluno e, com ele, problematizar o mundo. Desta maneira, irá simultaneamente transmitir-lhe novos conteúdos e ajudá-lo a crescer no sentido do respeito mútuo, da cooperação e da criatividade.

Portanto, se se quer ser um bom comunicador, torna-se necessário que a comunicação se faça em dois sentidos. Então, o objetivo do ensino-aprendizagem é atingido quando o aluno/recetor perceber a mensagem que o professor/emissor e quando estes papéis se invertem – para o professor saber se o aluno recebeu e compreendeu ou não a sua mensagem (e vice-versa) –, gerando-se, desta forma, um ciclo de feedbacks que levam à completa descodificação da mensagem ou conjunto de mensagens.

Verificamos, então, que a reciprocidade, a bilateralidade da comunicação na aula é não apenas aconselhável, mas, sobretudo, indispensável.

Para tal, atentamos no quadro que se segue que nos elucida de algumas diferenças fundamentais entre as comunicações UNIdirecional e BIdirecional.

COMUNICAÇÃO UNIDIRECCIONAL	COMUNICAÇÃO BIDIRECCIONAL
1. A rapidez na comunicação é assegurada (e assim consegue ministrar-se todo o programa de modo contínuo e fluente). 2. Há um bom aspecto exterior (tudo parece bem organizado e sistematizado, não se permitindo interferências). 3. Os alunos não fazem observações às emissões erradas (mantém-se a autoridade, exclui-se a crítica e protege-se a autoconfiança do professor). 4. Pode planificar-se com rigor (consegue medir-se a quantidade de informação que se deseja transmitir).	1. Os receptores mais lentos fazem atrasar os outros. 2. Há uma certa agitação e “desordem”. 3. Podem fazer-se observações contra a capacidade do emissor, o qual, ao ver descobertos e apontados os seus erros, pode sentir-se psicologicamente “atacado”.
Conclusão Fomenta-se o desinteresse, a apatia, a aversão pelas matérias, o insucesso dos alunos e a frustração do professor enquanto didacta e pedagogo.	Conclusão a) O emissor preocupa-se em que o receptor perceba a mensagem (assim um maior número de alunos obtém resultados positivos). b) Há um maior interesse por parte dos alunos. c) Os objectivos serão alcançados. [in <i>Psicologia de Grupo</i>, Arne Sjolund (adaptado)]

Quadro 1 Diferenças entre a Comunicação UNIdireccional e a Comunicação BIDireccional (Antão 1997:15)

Se a comunicação de apenas um sentido é, na realidade, de rejeitar, também não podemos limitar-nos a uma comunicação exclusivamente interindividual. De facto, o sistema de comunicações na sala de aula é uma interferência profunda de dois circuitos: o vertical e o horizontal, ou seja, o diálogo vertical e horizontal.

1.4. O papel do professor enquanto comunicador

Ainda com fundamento na obra de Antão (1997: 22) percebemos que perante uma grande diversidade de alunos, o professor se encontra à frente de diversos níveis intelectuais. Senso assim, não se torna fácil adaptar o código utilizado numa certa situação a uma variedade de elementos.

Trata-se de um problema muito complexo que tem início no primeiro ciclo do Ensino Básico e existe, até, a nível superior, quer devido a maior complexidade e sofisticação do código a usar, quer por causa de terminologias específicas e das conotações que em certos contextos determinadas palavras podem adquirir.

Se é verdade que uma boa parte do insucesso escolar se deve à incapacidade do aluno de compreender certas mensagens (devido ao uso inadequado do código linguístico), também é verdade que o professor pode – e deve – ter cuidados que façam da sua linguagem um conjunto de mensagens diretas e simples.

A linguagem do professor não deve nunca ser formalizada, abstrata e sem imagens. Pelo contrário, deve revelar-se simples, coloquial, rica em imagens e em comparações.

Existem várias formas de veicular um mesmo conteúdo. Neste sentido, deve procurar eliminar-se certa terminologia e certo formalismo que tornem a mensagem inacessível aos alunos. Contudo, por ser simples, nem a mensagem deixa de poder ser aprofundada nem a linguagem é menos rigorosa.

Considerações inoportunas são sempre de rejeitar, o professor deve referir o essencial e repeti-lo em diferentes contextos, as perguntas que faz aos alunos devem ter um nível de complexidade adequado, os textos escritos a fornecer aos educandos nunca devem ser confusos, as mensagens não verbais (como o gesto, o tom de voz, a verdade, a simpatia) são conscientes ou inconscientemente captadas pelos alunos – o que não raro determina muitos dos seus comportamentos na aula, perante o professor e colegas.

Antão (1997: 24-25) diz-nos que para o professor ser eficiente deve determinar o nível de desenvolvimento dos seus alunos, utilizar estratégias conducentes à melhor e mais fácil aprendizagem por parte destes, e ajudá-los a aprender consoante as suas capacidades.

Frequentemente, depois de se ter explicado determinado assunto e de ter atingido grande parte dos objetivos planeados, verifica-se frustrantemente que o resultado obtido junto dos alunos é bastante diferente daquele que fora previamente planificado.

Segundo Gagné (cit. Antão, 1997: 24), o sucesso num tipo de aprendizagem depende dos pré-requisitos desse e que são tipos mais simples de aprendizagem. Deste modo, para

resolver certos problemas, o aluno deve aprender associações ou factos específicos e diferenciá-los. Seguidamente deve aprender conceitos que começam por ser gerais até se tornarem específicos. Só depois o aluno atinge o conhecimento de certos princípios que lhe permitirão resolver os problemas iniciais. Trata-se, assim, de um processo bastante lógico que começa no geral e acaba no particular, iniciando-se no simples e terminando no complexo.

É necessário ter sempre em conta que determinados conceitos, tornados evidentes para o professor, nem sempre são claros para os alunos e, sem o seu conhecimento não se pode avançar para conteúdos mais complicados que pressuponham conhecimentos anteriores assimilados.

Nem todos os alunos têm as mesmas capacidades de entender um dado conceito. Este facto tem origem em múltiplos fatores, entre os quais se podem apontar o nível etário e a proveniência intelectual e social dos alunos.

Se o professor não conhecer bem o desenvolvimento intelectual dos seus alunos, pode levar a cabo as aulas mais interessantes e estimulantes que possa imaginar que, mesmo assim, a maioria dos alunos dificilmente conseguirá atingir os objetivos previamente estabelecidos. E se os alunos não tiverem capacidades para a compreensão dos trabalhos propostos e/ou dos assuntos novos a apresentar, então, a aprendizagem será nula.

Uma das mais importantes implicações da teoria do psicólogo Jean Piaget (cit. Antão, 1997: 25) é que a aprendizagem mais eficiente ocorre quando o instrutor combina a complexidade da matéria com o desenvolvimento cognitivo dos seus educandos, tendo em mente que nem todos os alunos de uma turma estão no mesmo ponto do seu desenvolvimento intelectual.

É curioso notar que o tipo e a qualidade de pensamento na aula podem ser fortemente influenciados pelo comportamento do professor. Para desenvolver o pensamento do aluno, é sempre bom tentar fazer com que ele relacione ideias expressas com outras anteriormente formuladas, levando-o a detetar a lógica existente ou não e a ocorrência ou incoerência da sua mensagem.

Deve dar-se sempre tempo suficiente para os alunos responderem às questões que se lhes dirigem, evitando dar-lhes as respostas, mas antes fornecendo-lhes pistas que os levem à resolução dos problemas.

Dito isto, podemos concluir que a qualidade de pensamento na aula está, em grande parte, dependente do tipo de qualidade de perguntas que se fazem.

Muitas das frustrações dos professores advêm do facto de os seus alunos nem sempre conseguirem prestar a devida atenção às matérias em estudo. De um leque de fatores que

podemos apontar, o facto é que o professor é, por vezes, o corresponsável por essa falta de interesse e pela distração dos alunos.

Segundo Flandres (cit. Antão, 1997: 27), em dois terços da aula quem fala é o professor. Deste modo, é bem provável que muitos alunos tenham deixado de ouvir muito antes de terminar a aula. Perante esta situação, deve tentar fazer-se com que haja uma participação ativa da turma. As diversas participações individuais dão azo a um maior índice de atenção e de interesse por parte dos alunos.

Um bom método a utilizar nestas circunstâncias é explicar os assuntos de vários modos, utilizando vocabulário diferente para explicar a mesma ideia e, seguidamente, pedir a um ou a vários alunos que repitam as mesmas ideias por palavras suas. Assim, os alunos estarão sempre com mais atenção, uma vez que não sabem quem vai ser solicitado. Depois deste feedback, o professor verá se há ou não necessidade de reexplicar o assunto que apresentou. Acrescente-se, facto importante, que em geral os alunos ouvem melhor os seus colegas do que muitas vezes o professor.

Se o código linguístico não for adaptado ao nível etário e intelectual dos alunos, esse será mais um motivo gerador de desatenção, limitando-se o aluno a deixar de ouvir o professor e a ocupar o tempo com qualquer outra coisa, quantas vezes perturbando o ambiente geral da turma.

Para que a mensagem se torne clara, simples e acessível a todos os alunos, para além dos cuidados a ter com o código linguístico, devem ter-se em conta certas estratégias que facilitem a compreensão das informações transmitidas.

Como indica Antão (1997: 36) um bom professor, deve ser um bom animador de aulas. As técnicas que utiliza dão à aula um clima motivador e interessante e contribuem, inclusivamente, para melhorar os resultados da aprendizagem. Várias são as estratégias que temos à disposição, das quais podemos destacar os debates, os trabalhos de grupo, os filmes, os audiovisuais, o jogo didático, o *BrainStorming*, entre outras. Todas apresentam um conjunto de vantagens consideráveis no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, é evidente que os recursos didáticos devem ser utilizados o mais alternadamente possível, não devendo o professor cair no uso sistemático de apenas um ou dois desses elementos, o que daria aos alunos um crescente desinteresse, desmotivação e tédio. Por outro lado, cabe ao professor selecionar quais os mais adequados à faixa etária e nível intelectual dos seus alunos como, também, ao assunto que está a tratar.

1.5. Os problemas de comunicação na sala de aula

Quando olhamos para o contexto de sala de aula, um dos problemas que a maioria dos professores se deparam é o controlo dos alunos sendo, inevitável, adotar algumas medidas que permitam contornar esta situação.

De acordo com Antão (1997: 45-46) existem algumas maneiras de minimizar esse problema. O autor assinala a importância da análise das fichas de caracterização que os alunos devem preencher no início do ano letivo como uma boa forma de se inteirar acerca das percepções da posição e inserção dos alunos no seio da família, dando a entender como ele próprio se vê a si mesmo. Outros questionários diretos, escritos ou orais, podem também ajudar a diagnosticar um problema de um aluno ou grupo de alunos.

O professor deve ter atenção ao modo como se apresenta perante o grupo turma, pois nem todos os alunos reagem da mesma forma a um sorriso e a um cumprimento amistoso ou a um rosto severo e carrancudo. Por exemplo, se um professor tem um comportamento semelhante a este último, os educandos podem ser levados a pensar que não são estimados nem aprovados. É fundamental que o professor transmita uma imagem de ser humano que se preocupa com os seus alunos.

Por vezes, os alunos mostram-se desinquietos frente a situações ou circunstâncias pouco usuais (dia tempestuoso, apresentação de um trabalho, ...). A excitação é contagiosa. Numa situação destas, o melhor é colocar de lado os planos já prontos e substituí-los por um programa mais adequado. O professor deve procurar manter os alunos ocupados a fazer coisas que lhes agrade. Há, assim, uma aprendizagem que embora accidental faz os alunos esquecer ou controlar a sensação de excitação reprimida ou de mal-estar.

O simples uso de material auxiliar pode conduzir a momentos de distração. Por exemplo, é importante que o material a utilizar funcione corretamente e que o professor saiba usá-lo. Um período de espera, enquanto o professor manuseia o material, é um convite aos alunos para a dispersão do pensamento que se vinha a desenvolver.

A existência de alunos-problema é outro impasse para o sucesso da comunicação em sala de aula. Segundo Blackham (cit. Antão, 1997: 48), um aluno é considerado mal ajustado quando se sente de tal modo frustrado na satisfação das suas necessidades que não pode funcionar intelectualmente de maneira efetiva e não pode satisfazer as convenções sociais e as exigências do meio ambiente onde se encontra. Aqui é determinante que o professor tenha um certo “tato” na orientação dos trabalhos na aula, evitando, que os alunos-problema constituam uma dificuldade menos séria.

A questão do nível de intensidade da voz dos alunos é outro aspeto que bloqueia a comunicação. Quando o barulho atinge um nível elevado é necessário que o professor use algumas técnicas que permitam reverter a situação. Este pode, por exemplo, sentar-se à frente da turma e falar baixo até que todos os alunos estejam em silêncio, ou de maneira mais radical, limitar-se ao silêncio total.

A falta de respeito é outro ponto que atrapalha a comunicação. Se um professor quiser que os alunos ouçam o que está a dizer, sem interromperem, é necessário fazer o mesmo quando são eles que falam. Isto é, para treinar os alunos a serem respeitadores, nada melhor que dar o exemplo de boas maneiras.

A presença de alunos hostis é mais uma objeção à comunicação em sala de aula. Perante alunos agressivos, o professor precisa em primeiro lugar de saber se é ele ou não o alvo de hostilidade e, caso não seja, procurar descobrir qual a necessidade desses alunos. O facto é que alguns estudantes, tornam-se beligerantes para poder chamar a atenção, por sentirem falta desta. Isto pode estar relacionado com problemas familiares e de amizades. No caso deste último, quando existe irritabilidade por parte de um aluno que é vítima de um colega pretensioso que não consegue enfrentar, o melhor é trocar de lugares e verificar se os acessos de irritabilidade persistem. É sempre preferível que o professor tente averiguar os motivos que levam o aluno a agir de determinada forma do que o destratar. Nunca se deve atacar o aluno verbalmente nem se deve punir o aluno agressivo, pois desse modo ele poderá perder o autocontrolo e o ressentimento já existe aumentará ainda mais.

A existência de alunos tímidos ou retraídos que em vez de participar, adotam uma postura distante, são pessoas com as quais é difícil comunicar. A apatia e a falta de interesse podem ser sintomas da sua timidez que tenta não ser notado. Contudo, é importante que seja percebido, sobretudo, se a retração é sistemática para que o professor possa ajudar. É forçoso que os alunos se sintam seguros e à vontade na aula, portanto, o tipo de relações professor-aluno é de extrema importância. Ao professor convém estar atento a tentativas de abertura, mesmo tímidas, procurando sempre ajudar esse aluno a expressar-se. Similarmente, para compreender melhor este género de aluno, o professor pode sempre recorrer aos pais ou encarregados de educação, obtendo informações elementos genéticos e ambientais domésticos que estão naturalmente a atuar nesse educando.

As interrupções na aula são muitas vezes geradoras de várias falhas comunicacionais que perturbam o ambiente letivo. Qualquer tipo de interrupção pode ser uma experiência frustrante para um professor. Todavia, não são completamente evitáveis, por isso, sempre

que o professor se aperceba que haverá interrupções inoportunas, deve-se antecipar para não criar abertura a comentários desnecessários por parte dos estudantes que irão promover a perda de tempo útil.

Por fim, devemos assinalar que quando um professor tem de ensinar conteúdos de que não gosta pode originar vários ruídos na comunicação que se repercutirão negativamente nos alunos. Neste caso, deve investigar as possíveis razões para não gostar de determinada matéria e procurar formas de ultrapassar esta circunstância.

Como podemos ver, muitos poderão ser os problemas de comunicação em sala de aula, aqui apenas mencionamos alguns. Como nos diz Antão (1997: 55), caberá a cada professor enquanto “didata” e “pedagogo” adequar a sua performance e resolver os problemas de comunicação da sua aula, tendo em conta múltiplos aspetos, como o nível etário e intelectual dos alunos, as diferentes proveniências sociais e aspetos individuais dos educandos, a disciplina que leciona, etc. nunca esquecendo que cada turma é sempre um caso particular e único. Daí a necessidade de uma constante adequação ao contexto multifacetado de cada aula; daí também a necessidade de uma adequada e constante renovação das relações professor-alunos.

2. As Narrativas

2.1. O uso da narrativa enquanto produto de aprendizagem

Na aprendizagem escolar o professor deve voltar a sua posição no processo ensino-aprendizagem para aquele que trabalha com os seus alunos, orientando-os no sentido de desenvolverem estratégias mentais e competências que lhes permitam a compreensão dos conhecimentos adquiridos.

Deste modo, deve tentar fazer uma conjugação equilibrada dos fundamentos necessários à compreensão das disciplinas com estratégias de ensino pertinentes. É neste segmento de construção e consolidação das aprendizagens que se potencializam as competências específicas das disciplinas de História e Geografia onde a comunicação, enquanto forma de apresentar os conteúdos de maneira devidamente fundamentada e estruturada, é basilar. Neste âmbito, desenvolvem-se variadas vertentes de oralidade e variadas vertentes da componente escrita onde, a produção de narrativas escritas pelos alunos foi o alvo de investigação do nosso estudo.

O uso da narrativa em contexto de sala de aula oferece aos alunos um contributo importante de desenvolvimento escrito e intelectual. No que diz respeito às disciplinas de

História e Geografia esse desenvolvimento é, sobretudo, nas questões do espaço e do tempo. A narrativa, apresenta-se como uma forma de os alunos associarem as aprendizagens à sua vida atual, facilitando, o conhecimento do mundo e da sociedade, proporcionando, assim, a melhoria da compreensão histórica e geográfica.

Considerando que qualquer saber se organiza tendo por base uma estrutura que ajuda os alunos a compreendê-lo e a explicitá-lo pela oralidade ou pela escrita, os exercícios de narrativas escritas permitem a criação de uma representação dos conteúdos aprendidos reconhecendo que o objetivo de um texto não deve ser uma mera recitação de factos ou fragmentos de informação.

Como menciona Rüsen (cit. Júnior 2008: 135) no caso da disciplina de História esta é uma ciência fundamentalmente narrativa, visto que o pensamento histórico obedece a uma lógica narrativa. Assim, o ato de narrar é um tipo de explicação racional, pois a racionalidade do pensamento histórico pode ser descrita como um modo de constituição de sentido que consiste na forma de comunicação de raciocínio argumentativa. Portanto, entende-se ainda que, para a narrativa histórica é fundamental que ela se vincule a experiência no tempo, de maneira que o passado sirva de orientação da vida prática ganhando assim o status de "história".

Segundo Silva (cit. Júnior 2008: 135) o professor de História possui uma imagem tradicional de "narrador de histórias", porém, histórias essas diferentes das estórias sem o status científico. Ademais, é preciso desmistificar essa ideia de que apenas o professor de História produz narrativas históricas, pois como iremos verificar no trabalho desenvolvido os alunos também são capazes de as produzir.

Como esclarece Gago (Gago 2016: 77) os seres humanos sentem desde sempre a necessidade de fazer sentido das suas ações. Nesta demanda de fazer sentido da vida, não basta ao ser humano compreender os sentidos do seu tempo, enquanto ser biológico. Sente a necessidade de fazer sentido de si e de si com os outros. Assim, os seres humanos, quer de forma individual quer de forma coletiva, comprometem-se na compreensão do todo em relação e numa lógica temporal em expansão atendendo aos diferentes segmentos temporais que articula. Assim, procura-se a compreensão do eu e do eu em relação, atendendo ao agora, mas necessariamente, ao ontem e ao que esperamos que seja o amanhã.

Em conjugação com esta demanda de compreensão do eu em extensão do ser biológico surge a narração. Independentemente da forma, suporte e modo de narrar, os seres humanos sentem necessidade de expressar sua experiência de vida em coligação com os sentidos que fazem dessa experiência atendendo aos diversos campos de

referência que os encorparam e definem as suas formas. Na sua narração o ser humano tenta dar corpo à sua compreensão da ação atendendo aos diversos segmentos temporais, partilhando a sua compreensão explicativa-descritiva do quadro onde se inscreve em termos de práxis. Nesta partilha de sentido da experiência desenvolve-se a competência de interpretação da experiência e das suas evidências. Em simultâneo há a assunção clara de um compromisso com a experiência de significação das ações, pensamentos que expressam um sentido plural e múltiplo quer em termos de origem quer em termos de fins.

Neste quadro narrativo de construção de sentidos da ação, essa competência narrativa pode estar centrada na preocupação de narrar como uma obrigação para honrar uma visão, um compromisso, renovando-se e validando-se uma relação estabelecida e assumida. Mas a narração pode estar centrada com a apresentação e combinação de argumentos históricos para “cortar” qualquer obrigação estabelecida pelo passado, numa lógica crítica de clara negação. Numa lógica mais compreensiva e alargada a narração compromete-se em ser fiel à realidade a que se dedica, mas atendendo às necessidades de orientação do passado, do presente e do que desenha como necessário no horizonte histórico. Como aponta Rüsen (cit. Gago 2016: 77), a narração demonstra materialmente a relação entre a consciência histórica, os valores morais e a razão.

Assim, a consciência histórica coproduz histórias verbais cuja função é de serem alegorias de tempo com significado no campo de referências de orientação cultural da existência humana. Funcionam como formas através das quais os humanos compreendem o seu próprio mundo, a si próprios, e as suas relações com os outros, numa perspetiva temporal para se orientarem a si e em relação com os outros.

A consciência histórica atende a uma interconexão complexa de várias demandas de fazer sentido da vida. Assim, conjuga-se a interpretação histórica para que seja possível construir ponte(s) entre passado, presente e futuro, concebendo-se o todo temporal significativo e significante, com a experiência de olhar para o passado e compreender a sua qualidade temporal específica, diferenciando-o do presente, e através deste processo de construção de sentido nortear a ação do eu e do nós através dos sentidos/significados das noções de mudança temporal, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico. Como refere Rüsen (cit. Gago 2016: 78)): a História é uma conexão temporal, plena de eventos, entre passado e presente (com uma projeção para o futuro), que, por sua representação sob forma narrativa, possui sentido e significado para a orientação da vida prática atual.

A narrativa histórica é entendida enlaçada na consciência histórica como o produto de fazer sentido histórico. É assim, uma forma de pensamento que faz a síntese dos elementos subjetivos e objetivos das três dimensões temporais. A consciência histórica expressa-se a si própria narrativamente nas representações do passado. Estas representações não aparecem isoladas como um discurso objetivo, mas também através de imagens concretas como símbolos ou monumentos.

Então, se a História é um processo de construção dos conhecimentos através de operações cognitivas por parte do historiador, podemos conceber também a produção de um texto pelos alunos, sobre o passado, como um processo de construção de sentido histórico. E, sendo que a Geografia é uma disciplina que vai muito mais além do que o simples estudo do nosso planeta, dado que vivemos num Mundo que passa por constantes transformações, sejam elas de ordem natural ou com a intervenção das sociedades humanas. Somos parte dessa transformação, ou seja, podemos dizer que o ser humano é um dos agentes produtores do espaço geográfico. Por tal facto, o ensino desta disciplina desempenha um papel decisivo na formação e educação dos indivíduos, uma vez que contribui para o conhecimento dos lugares, das regiões e do Mundo, bem como a compreensão de mapas e um conjunto de destrezas de investigação e resolução de problemas, tanto dentro como fora da sala de aula. Através do seu estudo, estabelecem-se contactos com as diferentes sociedades e culturas num contexto espacial, ajudando-nos a perceber de que forma os espaços se relacionam entre si. Logo, a realização de textos escritos por parte dos alunos, sobre a relação que estabelecemos com o planeta Terra é parte integrante de um processo de construção de sentido geográfico.

Assim, nesta linha de pensamento, se promoveu a realização deste estudo sobre as narrativas de alunos e processos de ensino-aprendizagem. O contexto investigativo e a dimensão de aplicações do conceito de *Narrativa* obrigam-nos a clarificar que a abordagem de narrativa como objeto deste estudo não é uma narrativa literária, não se trata de uma história de vida; não é uma narrativa pessoal, não é uma entrevista, nem um relato de memórias populares ou de acontecimentos singulares. A narrativa subjacente a este estudo é o texto narrativo produzido pelos alunos com base no processo de ensino-aprendizagem, pelo que não interessa neste contexto explicitar sobre os diferentes aspetos em que esta se apresenta, mas sim alargar a perceção do conceito.

Para analisar até que ponto os textos gerados pelos alunos maximizam a compreensão dos conteúdos lecionados e quais as relações que estabelecem com as diferentes estratégias de aprendizagem utilizadas nas aulas de História e Geografia devem estar presentes algumas características, que passam a funcionar como indicadores de

avaliação. Assim, é importante que na abordagem dos alunos estejam visíveis particularidades como a coerência, a criatividade, a solidez ou não de conhecimentos, a pormenorização, a análise e interpretação de fontes, o uso do vocabulário da disciplina, a compreensão temporal e espacial, e a contextualização.

Capítulo II - Enquadramento Metodológico do Estudo

Ao longo deste capítulo será apresentado todo o processo metodológico realizado ao longo do estudo desenvolvido no âmbito da *Iniciação à Prática de Ensino Supervisionada* nas aulas de História e Geografia.

1. Contextualização do Estudo

Neste subcapítulo o objetivo principal é evidenciar o contexto escolar e pedagógico que deu lugar à realização deste estudo e, sobretudo, salientar a forma utilizada na recolha de dados, os instrumentos utilizados e, como não podia deixar de ser, o tratamento, análise e conclusões dos dados obtidos.

1.1. O estágio, a Escola e a descrição do meio envolvente

O estágio realizado ao longo do ano letivo 2015/2016, com início em setembro de 2015 e término em maio de 2016, teve lugar na Escola Secundária de Paredes (ESP). O núcleo de estágio que aqui exerceu funções lecionou um total de seis turmas. Na área disciplinar de Geografia quatro turmas, sendo duas pertencentes ao Ensino Básico, 7º ano de escolaridade, e outras duas ao Ensino Secundário, 11º ano de escolaridade, sob a orientação da Professora Delminda Gonçalves. No que se refere à área disciplinar de História, foram lecionadas aulas a duas turmas do Ensino Secundário, designadamente, ao 10º ano, estando a cargo a orientação à Professora Doutora Isabel Afonso.

A Escola Secundária de Paredes fica situada na Rua António Araújo que se integra no concelho de Paredes, distrito do Porto. Paredes é uma pequena cidade que se situa a norte do país e faz parte da região do Douro Litoral. Está integrada na Associação de Municípios do Vale do Sousa detém, aproximadamente, uma área de 156,76 Km² e possui cerca de 80 mil habitantes, segundo os censos de 2011, o que faz com que este concelho se apresente com o maior índice de população do Vale do Sousa. De acordo com os dados dos últimos Censos da População (2011), os valores da população residente no Vale do Sousa correspondem a 337.644 mil habitantes. Comparativamente aos dados dos Censos de 1991, podemos verificar que a região apresentou um crescimento populacional de 16,6%, sendo o concelho de Paredes, como anteriormente referido, o que detém um

número de habitantes superior aos restantes municípios apresentando, assim, a terceira maior taxa de crescimento com valores que rondam os 19%.

O município está subdividido em 18 freguesias (Aguiar de Sousa, Astromil, Baltar, Beire, Cête, Cristelo, Duas Igrejas, Gandra, Lordelo, Louredo, Parada de Todeia, Paredes, Rebordosa, Recarei, Sobreira, Sobrosa, Vandoma e Vilela), desde a reforma administrativa de 2013, e encontra-se delimitado a norte pelo município de Paços de Ferreira, a nordeste por Lousada, a este por Penafiel, a sudoeste por Gondomar e a oeste por Valongo. Esta excelente localização facilita o acesso rápido, não só a estas cidades como, também, ao distrito do Porto que se distancia a cerca de vinte minutos do município de Paredes.

No que respeita ao contexto económico, o concelho de Paredes destaca-se pelo papel da indústria transformadora onde, desde cedo, os investimentos na arte de trabalhar a madeira se revelaram um forte impulsor de desenvolvimento desta localidade. A sua significativa evolução deu lugar à designação de “Rota dos Móveis”, nome pelo qual ainda na atualidade o concelho é conhecido. Salienta-se, igualmente, algumas atividades ligadas ao Turismo como é caso do projeto da “Rota do Românico” onde Paredes agrega o percurso sul com alguns monumentos, uma mais valia para a promoção desta localidade.

A Escola Secundária de Paredes, que hoje conhecemos, foi fundada na década de 1980 e, aquando a sua criação, passou a ser a principal Escola Secundária do concelho de Paredes. No entanto, o município de Paredes conhece muito antes a sua primeira instituição escolar. Com base no Projeto Educativo da Escola Secundária de Paredes (2014) a notícia da primeira página do jornal *O Progresso de Paredes* de 8 de julho de 1972 anuncia da seguinte forma: *“Temos, sem falta alguma, a instalação duma Secção Liceal em Paredes – Secção do Liceu Garcia de Orta, do Porto – para o 3.º e 4.º anos. Assim o decidiu o Sr. Ministro da Educação Nacional. Assim o conseguiu o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Paredes, Sr. Dr. Acácio José Alves Pereira, que foi incansável, nos últimos tempos, nesta conquista.”*

O dia 10 de outubro de 1972 assinala a data do primeiro dia de aulas realizada, no Palacete dos Viscondes de Paredes, atualmente, conhecido por Palacete da Granja. O edifício, já na época propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Paredes, foi cedido à Câmara Municipal de Paredes, especificamente, para o funcionamento da Secção Liceal.

No ano letivo de 1972/1973 foram admitidas apenas matrículas de alunos para a frequência dos 1.º e 2.º anos do Curso Liceal, tendo o alargamento da oferta acontecido gradualmente até ao ano letivo de 1975/1976, quando passou a abranger os Cursos

Complementares. A Secção Liceal abriu com 3 turmas do 1.º ano e 1 turma do 2.º ano, atuais 7.º e 8.º anos do ensino básico. O corpo docente era constituído por 10 professores.

A existência de uma Secção Liceal em Paredes foi assumida como sinónimo de progresso e de capacidade de realização, e já na altura era perceptível que a Escola só se tornaria efetivamente uma realidade consolidada com o apoio dos pais e encarregados de educação. Em 1975, através do Decreto-Lei n.º 260-B/75, de 26 de maio, são criadas escolas secundárias em vários distritos do país. Algumas dessas escolas, como aconteceu no caso de Paredes, resultaram da transformação de estabelecimentos ou secções dos ensinos liceal e técnico já existentes. Outras foram construídas de raiz em localidades onde não existia o ensino secundário oficial. Com o início da década de 80 nasce o complexo escolar onde passaria a funcionar a principal escola secundária do concelho de Paredes. Cerca de oito anos depois da constituição da Secção Liceal, a Escola Secundária Paredes deixava o Palacete dos Viscondes para se instalar definitivamente na Rua António Araújo.



Imagem 1 Localização da Escola Secundária de Paredes

Deste modo, servia um grande número de estudantes e, em consequência de um uso intenso das instalações escolares, à medida que os anos foram avançando ficaram visíveis as marcas de deterioração. É então que, no âmbito do Programa de Modernização do Parque Escolar, a Escola Secundária de Paredes, no ano de 2009, é alvo de uma intervenção de requalificação e modernização do edifício. Concluídas as obras, no ano de 2010, a Escola apresenta-se com uma imagem renovada.

Esta remodelação apresenta, assim, uma escola mais moderna, melhor equipada e mais preparada para prestar um serviço educativo com maior qualidade. O seu espaço físico distribui-se por seis pavilhões completamente melhorados. As aulas centralizam-se, essencialmente, nos três primeiros. Estes congregam, além das salas de aula normais, os laboratórios, as salas de informática e a sala de multimédia. O quarto pavilhão concentra as salas de Educação Visual, o quinto pavilhão corresponde ao pavilhão gimnodesportivo e às duas salas de ginástica e, por fim, o último pavilhão que diz respeito ao pavilhão de entrada alberga os serviços administrativos, o auditório, o anfiteatro, a reprografia, a papelaria, a cafetaria e a cantina, a sala dos alunos, as salas de atendimento aos encarregados de educação, a biblioteca, a direção, a sala dos professores, as salas de trabalho dos professores e algumas salas de reuniões. Além de toda a mudança exterior significativa, também os equipamentos interiores foram alvo de intervenções. As salas de aula estão equipadas com materiais novos que vão desde as mesas, cadeiras, armários até aos materiais tecnológicos como é o caso dos projetores, computadores e alguns quadros interativos.

O funcionamento da Escola Secundária de Paredes realiza-se em três turnos, isto é, manhã, tarde e noite. Os turnos da manhã e da tarde abrangem as atividades letivas e não letivas, enquanto o turno da noite é, somente, usado para práticas desportivas ou culturais quando requisitadas as instalações pela comunidade educativa.

No que toca aos alunos, verifica-se que sendo a Escola Secundária de Paredes a única existente nesta cidade, acaba por incorporar alunos vindos de diferentes freguesias do concelho. As motivações destes alunos prendem-se pela variada oferta educativa e pelo prestígio e reconhecimento que a escola tem.

Todas estas características aliam-se, ainda, a um dos traços mais importantes desta Escola que é a estabilidade do corpo docente que a compõe. Registam-se 131 professores que pertencem ao quadro da Escola Secundária de Paredes e, unicamente, 16 professores contratados. Isto significa que, grande parte dos serviços prestados seguem uma linearidade por parte dos docentes, o que facilita uma relação que vai além da profissional com os alunos, pois fomenta também uma maior aproximação destes.

Não menos importante é o trabalho do pessoal não docente, que desempenham um papel fundamental no dia a dia desta Escola. Este grupo divide-se em três categorias, nomeadamente, o pessoal técnico superior (serviços de psicologia e orientação), o pessoal assistente técnico (serviços de administração escolar) e o pessoal assistente operacional (serviços operacionais) cujo detém o maior número de funcionários. Estes assistentes são um complemento imprescindível de auxílio a toda a ação educativa.

O Projeto Educativo da Escola, que serve de ponto de referência e orientação a todos os elementos da Comunidade Educativa contemplando toda a planificação da ação educativa, apresenta vários objetivos assumidos como prioridades, as estratégias a utilizar, as metas que se pretendem atingir e o plano de atividades pelo qual se efetiva toda a execução destes pontos. De acordo com o Projeto Educativo da Escola Secundária de Paredes foram identificados como objetivos emergentes os seguintes:

- “a) Afirmar a escola como espaço de inclusão social onde todos possam ter oportunidades iguais no acesso à oferta educativa escolar, curricular ou extracurricular;
- b) Promover o sucesso escolar dos alunos no quadro do currículo nacional, dentro de parâmetros de qualidade que permitam a sua plena integração na sociedade;
- c) Desenvolver condições de apoio efetivo e contextualizado aos alunos com dificuldades em cumprir o seu percurso escolar ou em risco de abandono, de forma a garantir a manutenção de taxas residuais de abandono real;
- d) Procurar as respostas educativas necessárias no âmbito da escolaridade de segunda oportunidade, quer diversificando a oferta da escola quer propondo aos alunos vias escolares alternativas que integrem outros projetos educativos;
- e) Criar mecanismos que promovam a efetiva participação da comunidade na construção dos documentos estruturantes da escola, em especial, os professores, os alunos, os demais trabalhadores da escola, e os pais ou encarregados de educação;
- f) Promover a elaboração de programas de formação que reflitam as expectativas e necessidades do pessoal docente e não docente e que orientem quer a oferta interna da escola na área da formação quer as propostas a dirigir ao Centro de Formação;

- g) Promover junto dos alunos a interiorização do princípio constitucional de que ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, ou privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual;
- h) Desenvolver uma cultura de disciplina que radique na autonomia e na responsabilidade e uma cultura de segurança que radique nos direitos coletivos dos alunos;
- i) Reforçar junto da comunidade educativa a importância da qualificação escolar;
- j) Proporcionar condições para o desenvolvimento de programas e projetos de relevância educativa;
- k) Mobilizar as novas tecnologias de informação e comunicação para os ambientes de ensino e aprendizagem da escola, sempre que constituam um valor acrescentado na qualidade do ensino;
- l) Reforçar, no âmbito da política financeira da escola, a fonte de financiamento 123, constituindo novos projetos de atração de receitas próprias;
- m) Criar mecanismos que permitam uma efetiva e abrangente autoavaliação da escola.”

1.2. Justificação do Estudo

Quando decidi trabalhar a questão da comunicação em sala de aula os motivos que me moveram prendem-se com um momento que marcou o desenrolar da minha vida académica. Ao iniciar o Mestrado de Ensino em História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário o primeiro ano pautou-se por um conjunto de unidades curriculares voltadas para as didáticas.

A didática como advoga José Carlos Libâneo (1990: 52) é “(...) uma das disciplinas da Pedagogia que estuda o processo de ensino através dos seus componentes – os

conteúdos escolares, o ensino e a aprendizagem (...). É, ao mesmo tempo, uma matéria de estudo fundamental na formação profissional dos professores e um meio de trabalho do qual os professores se servem para dirigir a atividade de ensino, cujo resultado é a aprendizagem dos conteúdos escolares pelos alunos.”. Deste modo, os elementos fundamentais que constituem a didática são o professor, o aluno, a disciplina, o contexto da aprendizagem e as estratégias metodológicas.

Foi com a realização de um trabalho para a unidade curricular de Aplicações Didáticas em História e Geografia que me deparei com grandes dificuldades no quesito das estratégias metodológicas. Ao ter um tema bastante árido para trabalhar, a inexistência de recursos atrativos que cativem a atenção dos alunos e lhes permita receber corretamente a mensagem que se quer transmitir deixou-me sem muitas soluções para delinear uma aula agradável. Sabendo por experiência própria que, regra geral, os alunos apreciam aulas mais dinâmicas e interativas, que não se limitem ao discurso do professor apesar de este ser fundamental, esta situação levou-me a refletir sobre a importância que a eficácia de comunicação do professor tem para o processo de ensino-aprendizagem.

As turmas sobre as quais se debruçou o estudo não apresentam qualquer tipo de problema que cause alguma situação, específica, que me leve a ter interesse em estudar este tema. Todavia, as aulas que observei no âmbito da unidade curricular de Iniciação à Prática Profissional, aguçaram ainda mais o meu interesse em estudá-lo, dado que fui me apercebendo da forma como certas estratégias de aprendizagem marcavam a aprendizagem de alguns conteúdos e como em outros casos isso não acontecia.

Neste contexto surge, assim, a ideia de trabalhar esta temática que se vai suportar na análise de narrativas escritas realizadas pelos alunos, para que se perceba até que ponto o efeito da utilização de diferentes formas de comunicação enriquece a realização deste exercício.

1.3. Seleção e Caracterização da Amostra

Para a elaboração deste estudo foram selecionadas duas turmas do Ensino Secundário que se encontram em anos escolares diferentes. Por um lado, uma turma a frequentar o 10º ano de escolaridade e, por outro lado, uma turma que está no 11º ano. Tendo em consideração que não era possível realizar este estudo em turmas que coincidissem no mesmo nível de ensino em ambas as disciplinas (História e Geografia), tive que, primeiramente, optar por me situar num nível de ensino comum às duas áreas de estudo

que lecionava, isto é, o Ensino Secundário, para que a amostra fosse mais coesa e então, posteriormente, selecionar as turmas para o objeto de estudo.

Definida a amostra em que ia ser realizado o estudo, foram selecionadas uma turma do 10º ano, à qual lecionava aulas de História, e uma turma do 11º ano, a quem lecionava aulas de Geografia, esta escolha prende-se, principalmente, com a carga horária disponível para se trabalhar. Para salvaguardar o anonimato das turmas e dos seus elementos será utilizada uma designação fictícia, assim, temos a turma do 10ºX e a turma do 11ºY.

Atendendo que o núcleo de estágio onde estava inserida era, consideravelmente, grande, isto porque era constituído por quatro elementos, em termos de gestão de tempo afigura-se complicado encontrar um ponto de equilíbrio para que todos pudessemos implementar os materiais necessários para a investigação que cada um tinha a cabo. Preferencialmente, era desejável que ambas as turmas frequentassem as duas disciplinas para que o acompanhamento fosse mais proveitoso, além de, claramente, facilitar a aplicação deste estudo. Assim, esta foi a escolha mais coerente atendendo à proximidade das faixas etárias, aos diferentes níveis cognitivos das turmas e à posição que têm face à introdução de diferentes tipos de comunicação em sala de aula.

Posto isto é, manifestamente, importante apresentar uma devida caracterização de alguns aspetos relevantes de cada turma, para que possamos compreender os seus contextos, as suas especificidades e as limitações da implementação desta investigação.

Este estudo de caso foi aplicado a uma amostra de 59 alunos no total. A turma do 10ºX é composta por 30 alunos, dos quais 16 são do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. Todos moram no concelho de Paredes, sendo a grande maioria residente na freguesia de Sobrosa e Cristelo. Apontam como principais razões que os levaram à escolha do Curso de Línguas e Humanidades a vocação/ interesse e a fuga a alguma disciplina. Quanto ao gosto pela disciplina, a maioria indica que simpatiza com a História sendo muito poucos os que mencionam que não é do seu agrado. As estratégias que mais agradam os alunos do 10ºX no processo de ensino-aprendizagem da História são a explicação da professora e a visualização de filmes.

A turma do 10ºX é uma turma heterogénea visto que apresenta características distintas, quer em termos de personalidade quer na forma como se ajusta ao processo de ensino-aprendizagem. No decurso do acompanhamento, da lecionação e, também, da avaliação contínua direta e indireta foi possível perceber esta disparidade. Por um lado, o grupo turma apresenta alunos interessados e participativos, por outro constata-se a

existência, considerável, de alunos que assumem uma postura de indiferença limitando-se apenas ao papel de observadores e, uma pequena fração dá conta de alguns elementos perturbadores que encararam a escola e, conseqüentemente, as aulas como uma obrigação à qual não reconhecem nem tentam retirar qualquer proveito. Em todo o caso, a turma não revela casos graves de indisciplina, porém a pequena porção de alunos perturbadores apresenta, por vezes, atitudes pouco adequadas para o contexto de sala de aula. Contudo, há que salientar as qualidades destes alunos, são colegas que cooperam muito entre si e, alguns, demonstram grande preocupação em participar nas atividades propostas, são também alunos bem-dispostos e que criam grande empatia com os professores.

No que toca à turma do 11ºY, esta é constituída por 30 alunos, onde 21 alunos são do sexo feminino e 9 do sexo masculino e as idades oscilam entre os 15 e 18 anos. Os seus locais de residência distribuem-se por várias freguesias do concelho, não havendo nenhuma concentração predominante. Na generalidade, os alunos indicam a disciplina de Geografia como uma das que mais gostam e mencionam o trabalho de grupo, a visualização de filmes e as aulas expositivas como as estratégias pedagógicas preferidas.

De um modo geral, é uma turma bastante apática pois não demonstra grande entusiasmo pelas aulas. Ainda que existam alguns alunos mais participativos, a globalidade limita-se a ouvir a explicação do professor. Assumem um papel passivo face à realização de aulas mais interativas e nem sempre colaboram como se pretende, demonstrando, alguns, falta de interesse e apreço para agirem com comprometimento nas situações de aprendizagens propostas. Estas características fazem desta turma mais homogénea, apesar da existência de alguns alunos que revelam maior interesse e entusiasmo em participar, o contexto geral segue uma variante única. São uma turma mais individualista apresentando pouca tendência a colaborarem uns com os outros na realização de determinadas atividades. Relativamente ao comportamento, a turma tem uma postura adequada ao contexto de sala de aula e, ao longo das aulas lecionadas, nunca apresentou qualquer tipo de indisciplina. No entanto temos, também, de fazer sobressair os seus traços de simpatia, o respeito entre colegas e a assiduidade na frequência das aulas.

Ao efetuar uma análise mais específica e, conseqüentemente, mais abrangente puderam-se identificar algumas dificuldades partilhadas por ambas as turmas. Embora com mais ênfase na turma do 11ºY, a falta de comprometimento na realização das atividades propostas é uma dificuldade comum às duas turmas. Similarmente, foram identificadas dificuldades ao nível da concentração e resolução das atividades propostas, dificuldades significativas, por parte de alguns alunos, ao nível da leitura, interpretação,

compreensão e aplicação dos conhecimentos, agravadas pela falta de atenção nas aulas e falta de hábitos de estudo. Denota-se, ainda, uma falta de rigor na escrita bem como uma organização desajustada das ideias. Dificuldades na participação em atividades letivas que se repercutem em diferenças de ritmo na realização de exercícios de caráter mais prático. Percebeu-se, no decorrer da realização de exercícios em sala de aula, a existência de consideráveis dificuldades que os alunos têm na aplicação das competências históricas e geográficas.

Não obstante, as duas turmas sempre se mostraram muito acolhedoras com a presença de uma professora estagiária, o que permitiu uma maior facilidade no exercício das minhas funções, assim, o balanço que faço de todo o trabalho desenvolvido, não me restringindo apenas ao trabalho de investigação, é bastante positivo.

2. Instrumentos de recolha de dados

Ao realizarmos um trabalho de investigação, independentemente do seu contexto, exige todo um conjunto de exercícios de reflexão e ponderação que antecedem a sua realização. Esta preparação reflexiva leva-nos a conseguir encontrar o objeto de estudo mais apropriado, os objetivos que melhor definem o nosso estudo, a amostra, ou seja, a parcela da população selecionada para aplicarmos a nossa investigação e o local onde será aplicado o objeto. Um processo demorado mas progressivo, marcado por avanços e recuos, e, repetidas vezes, por incertezas que nos levam a questionar a validade das opções tomadas.

A temática subordinada a esta investigação foca-se na produção de narrativas escritas, numa tentativa de se perceberem quais as formas de comunicação que se revelam mais eficientes no enriquecimento deste exercício escrito. Para tal, planificaram-se um conjunto de aulas que incluíram diferentes estratégias de aprendizagem, de modo a compreender quais tinham maior impacto na compreensão dos conteúdos lecionados e que melhor transmitiam a mensagem.

Nesta conjuntura, a seleção das metodologias e a construção dos instrumentos de recolha de dados adquire um aspeto de grande importância. O trabalho de investigação, por si só, apresenta um grau de grande complexidade, sobretudo, para um investigador pouco experiente como é o caso, por isso, com a variedade de técnicas que temos à disposição, optar por aquela que nos ofereça as informações pretendidas e que se adequa à índole da presente investigação acarreta em si um cuidado acrescido.

Assim, para a realização deste estudo, e para dar resposta aos objetivos estabelecidos inicialmente, optei por enveredar pela elaboração de exercícios de narrativas escritas, como forma de recolha de dados, para a concretização deste relatório. Esta opção dar-nos-á informações, fundamentais, relativas ao efeito do uso de diferentes estratégias de aprendizagem, como forma de transmissão de conhecimentos, nos alunos.

Ao selecionar este instrumento de recolha de dados é certo afirmar que, quer o escolhido quer qualquer outro, apresentam vantagens e desvantagens, contudo este oferece, além do que se almeja, o desenvolvimento e aperfeiçoamento da escrita nas disciplinas de História e Geografia, uma mais-valia transversal também a outras disciplinas, bem como, permite ao professor avaliar o seu desempenho enquanto comunicador no contexto de sala de aula.

Nesta secção serão, então, apresentados os instrumentos concebidos à luz do seu contexto e da sua aplicação e, igualmente, a descrição das atividades realizadas em cada aula de História e de Geografia.

2.1. O processo de recolha de dados nas aulas de História e Geografia

Como se tem vindo a referir, o principal instrumento de recolha de dados desta investigação foi feito através da análise de narrativas escritas elaboradas pelos alunos. No entanto, urge a necessidade de explicar todos os mecanismos realizados na construção e implementação dos instrumentos de recolha de dados.

A evidente necessidade da obtenção de dados e de informações substanciais que permitissem fundamentar a realização desta investigação, foi a principal preocupação na elaboração dos materiais. Todavia, essa não seria a sua única função pois visava-se que o cariz destes exercícios ajudasse os alunos a limar arestas na questão do desenvolvimento escrito, fundamental nos níveis de ensino em que se encontram, que conseguissem enriquecer os seus textos com informações relevantes acerca dos conteúdos aprendidos e que melhorassem a articulação dos conteúdos sob a forma de expressão escrita. Por outro lado, também seriam importantes no fornecimento de informações acerca do nosso desempenho enquanto professores, ajudando-nos a ajustar as nossas práticas.

Assim sendo, para avançar com esta investigação, foram considerados um conjunto de quatro exercícios escritos, quatro na disciplina de História e quatro na disciplina de Geografia, totalizando oito aplicações de narrativas escritas. A planificação e construção destes exercícios, teve por base os conteúdos que estavam a ser lecionados no momento e,

como não podia deixar de ser, em conformidade com os Programas de História A e de Geografia A.

Posteriormente, o que se revelou mais complicado foi determinar o período temporal que se podia dispor para a realização dos exercícios. O ideal era ser disponibilizado um bloco de 45 minutos, na aula a seguir à leção dos conteúdos para os quais se tinham preparado as narrativas, porém isso só foi possível na disciplina de História. Esta circunstância deve-se, sobretudo, à orientadora cooperante se ter mostrado, desde logo, disponível em dispensar esse tempo letivo, além de concordar que era, efetivamente, o melhor para os alunos realizarem este exercício. Pelo lado da Geografia foi mais complicado, tendo em conta que a orientadora cooperante se recusou, de imediato, a dispor esse tempo letivo para a realização dos exercícios alegando que, devido ao facto de os alunos realizarem exame nacional de Geografia A nesse ano, todo o tempo disponível teria de ser aproveitado para avançar com a matéria, visto que as aulas terminavam mais cedo. Deste modo, a melhor solução que se conseguiu arranjar foi que alguns exercícios teriam de ser realizados, incontornavelmente, em casa e outros existiu a possibilidade de serem realizados em aula. Isto na prática traduziu-se numa divisão em duas partes iguais, ou seja, a realização de dois exercícios em casa e os outros dois em espaço de sala de aula.

Fazia parte dos objetivos principais da realização desta investigação que os alunos trabalhassem em aula e que esse trabalho fosse rentabilizado pelo ambiente turma, pela orientação e auxílio do professor e pela motivação que se cria neste contexto, pois é recorrente a desvalorização que os alunos têm perante a realização dos trabalhos de casa isto porque, regra geral, fazem o mínimo exigido e o que fazem recorrem à Internet para todas as pesquisas, ignorando os restantes suportes de estudo e, mais do que isso, ignorando aquilo que têm de mais frutífero que é a imaginação e criatividade.

A realização de exercícios escritos fomenta o desenvolvimento e aperfeiçoamento da expressão escrita nos alunos, além de potenciar o desenvolvimento da organização dos conhecimentos, por isso os exercícios propostos foram construídos de modo a irem de encontro ao nível dos conteúdos programáticos lecionados, do ano de escolaridade e, invariavelmente, ao nível cognitivo dos alunos.

Analisando que estávamos a trabalhar com alunos de 10º e 11º ano de escolaridade, era expectável que estes, facilmente e autonomamente, realizassem estas atividades escritas, visto que já possuíam as capacidades necessárias para o efeito. No entanto, no primeiro contacto que os alunos tiveram com um dos exercícios propostos, e também levando em linha de conta o que se tinha vindo a observar nas aulas, confirmou-se a

existência de inúmeras dificuldades. Essas dificuldades, especialmente ao nível da escrita e da organização de ideias, que não se esperam de alunos neste patamar escolar. Igualmente, se verificaram dificuldades em concentrarem-se em responder ao que se propunha nas atividades, isto é, grande parte dos alunos não se revelaram incisivos nos textos que produziam, pois dispersavam dos temas indicados aos exercícios. Este era um facto que, também, já se tinha denotado aquando da realização dos testes e de atividades semelhantes às propostas.

Para colmatar estes aspetos, na elaboração dos exercícios escritos eram sempre definidos tópicos que os alunos deviam tocar no desenrolar da realização dos textos, assim, passavam a ter regras definidas e objetivos a atingir. Outra solução encontrada, foi tentar apelar à imaginação e criatividade dos alunos, apresentando exercícios que tentavam fugir um pouco aos exercícios padrão que estavam habituados a realizar. Ao tentarmos inovar neste quesito, pretendia-se que os alunos olhassem para este género de atividades que, tão comumente, realizavam com mais ânimo e interesse percebendo que de uma forma mais interessante é possível consolidarem os conteúdos lecionados.

Enquanto professora, o meu papel no momento da realização dos exercícios, passou por auxiliar os alunos fornecendo as dicas necessárias, além das que constavam na descrição dos exercícios, garantindo a clarificação do que estava a ser pedido e, por conseguinte, objetivando o sucesso da sua realização. Conquanto, considerando que a realização das narrativas escritas foi integrada numa planificação de aulas mais didáticas, que comportavam diferentes estratégias de aprendizagem, o meu verdadeiro papel consistiu substancialmente no delinear dessas aulas.

Todos os exercícios foram adaptados aos temas abordados, possuindo diferentes finalidades que exigiam dos alunos diferentes abordagens aos conteúdos de História e Geografia. Estes continham explanadas as normas que vigoravam a sua realização, mas as mesmas foram sempre, devidamente, esclarecidas pela professora para que os alunos não induzissem em erro. Foi também alvo de cuidado, inserir em todos os exercícios um conjunto de informações complementares de maneira a ajudar os alunos no processo de construção, nomeadamente, informações alusivas aos aspetos que deveriam ser abordados, uma pequena contextualização acerca da matéria em estudo para a qual o exercício estava destinado, apesar de os exercícios seguirem o programa à medida que este foi dado, e informações sobre o tipo de texto a ser produzido.

A realização destas narrativas escritas, embora tenham sido preparadas por mim, dado que estávamos em contexto de estágio, as mesmas passaram por uma análise de ambas as orientadoras e, obviamente, pela consideração dos restantes colegas de estágio.

Neste seguimento, todas as sugestões foram uma mais-valia na melhoria e complemento de cada exercício.

2.2. As narrativas escritas na disciplina de História A

Sendo o principal instrumento de recolha de dados desta investigação os exercícios de narrativas escritas, é pertinente clarificar o processo de construção desta ferramenta. O objetivo primordial, consistia em compreender qual o tipo de aulas que maior impacto tinha no enriquecimento destes exercícios escritos por parte dos alunos.

Como já foi mencionado, foi realizado um conjunto de quatro exercícios de narrativas escritas na disciplina de História A que se iniciaram no decorrer do segundo período. Em termos temporais, o facto de esta aplicação ter sido iniciada no segundo período, permitiu seleccionar os conteúdos que possibilitavam a planificação de aulas mais dinâmicas onde a realização dos exercícios de narrativas escritas se adequava melhor.

A metodologia utilizada nas aulas de História para a realização destes exercícios foi definida com a ajuda da orientadora cooperante, onde ficou estabelecido um bloco de 45 minutos da aula subsequente para a realização de cada exercício.

A tipologia dos exercícios propostos assenta em parâmetros idênticos, na medida em que todos os materiais possuem um título que tenta ser o mais sugestivo possível de forma a chamar a atenção dos alunos, uma pequena introdução com as informações necessárias acerca do tipo de texto a ser produzido e, ainda, alguns tópicos de orientação de cariz histórico que servem para auxiliar os alunos nos assuntos que devem abordar ao longo da elaboração do texto. Numa tentativa de atribuir um traço particular a estes exercícios, em cada um deles os alunos teriam de assumir uma espécie de “personagem” para redigir os seus textos. Ou seja, tinham de se colocar no papel de outrem e conceber a sua escrita com base nesse mesmo papel.

No primeiro exercício de narrativa escrita, foi pedido aos alunos que redigissem uma carta para um amigo que estava a combater nas tropas de D. Afonso Henriques na Batalha de São Mamede (ver anexo 1.1.). Ao realizarem este primeiro exercício os alunos ambientar-se-iam com o módulo de exercícios que iriam fazer, pontualmente, nas próximas aulas. Integrada no ***Módulo 2 – O Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos Séculos XIII a XIV – Espaços, Poderes e Vivências; Unidade didáctica 2 - O espaço português – a consolidação de um reino cristão ibérico; Subunidade 2.1 - A fixação do território – do termo da Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento das fronteiras.*** Esta narrativa escrita foi alvo de alguma resistência por parte da turma

que, pelo fato de não estar habituada à realização deste género de atividades, além de demorar a iniciar a sua resolução, demonstrou algumas dificuldades em compreender o que lhes estava a ser pedido. Consequentemente, o tempo estipulado teve, forçosamente, de ser prolongado.

A segunda narrativa escrita estava de acordo com o **Módulo 2 – O Dinamismo Civilizacional da Europa Ocidental nos Séculos XIII a XIV – Espaços, Poderes e Vivências; Unidade didática 3 – Valores, vivências e quotidiano; Subunidade 3.1 – A experiência urbana**. Na realização deste exercício os alunos teriam de imaginar que eram um guia turístico e, desse modo, deviam escrever um Roteiro sobre um dos mais belos edifícios do estilo gótico da Europa, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (ver anexo 1.2.). Ao realizarem este exercício, foi-lhes proporcionado uma interligação dos vários conteúdos abordados, visto que teriam de tocar em aspetos como os elementos construtivos ao descreverem a fachada e o interior da igreja deste edifício e, ainda, as principais características, nele presentes que aludem ao estilo gótico. Como esperado, este exercício não foi muito bem recebido pela turma, isto porque de acordo com o que foi dito pela orientadora cooperante da disciplina, regra geral, os alunos não veem com bons olhos os conteúdos relacionados com a arte e este, infelizmente, não foi exceção. No entanto, como poderemos ver na análise dos resultados, existem textos muito ricos que espelham bem o impacto das estratégias utilizadas.

A terceira narrativa enquadrava-se no **Módulo 3 – A Abertura Europeia ao Mundo – Mutações nos Conhecimentos, Sensibilidades e Valores nos Séculos XV e XVI; Unidade didática 4 – A renovação da espiritualidade e da religiosidade; Subunidade 4.1 – A Reforma protestante**. Nesta narrativa foi solicitado aos alunos que se colocassem no papel de um cronista, onde teriam de redigir uma publicação acerca da ação de Martinho Lutero na criação das igrejas protestantes (ver anexo 1.3.). Com este exercício, os alunos deveriam relatar o máximo de pormenores possível acerca da ação de Martinho Lutero, no século XVI, mas também, referir os antecedentes da sua ação e outros aspetos que considerassem relevantes para compreender esta temática histórica. Mais uma vez, teriam de ter a capacidade de encadear, não só os conteúdos abordados naquela aula como, também, os já aprendidos em aula anterior.

Por fim, a última narrativa inseria-se, igualmente, no **Módulo 3 – A Abertura Europeia ao Mundo – Mutações nos Conhecimentos, Sensibilidades e Valores nos Séculos XV e XVI; Unidade didática 5 – As novas representações da Humanidade; Subunidade 5.1.1 – A escravização. Os antecedentes da defesa dos direitos humanos**. Tendo em consideração que já estávamos no último ponto do programa da disciplina de

História, desta vez foi pedido aos alunos algo mais trivial. Isto é, neste exercício tiveram que escrever uma página de um diário acerca do comércio escravo, que se intensificou durante a Idade Moderna, imaginando que eram um tripulante a bordo de um navio que transportava escravos negros (ver anexo 1.4.). Neste relato deveriam descrever os aspetos que mais os tinham marcado, incluindo várias particularidades como a captura, o transporte e a venda nos mercados, além de todas as sensações experienciadas perante uma situação desta natureza. Tinham ainda que referir os antecedentes que impulsionaram a escravização para que se compreendam os motivos que levam seres humanos a tratar desta forma a sua espécie.

Todas as atividades de narrativas escritas na disciplina de História decorreram sem problemas maiores, na generalidade, embora, inicialmente, os alunos não tenham demonstrado grande entusiasmo, foram aderindo e quase na totalidade realizaram os exercícios propostos.

2.3. As narrativas escritas na disciplina de Geografia A

No que toca à construção e aplicação das narrativas escritas na disciplina de Geografia A, esta pautou-se de forma diferente da disciplina de História A. Como já mencionado, uma vez que a orientadora cooperante referiu que não podia dispensar o tempo solicitado para a realização de todos os exercícios de narrativas escritas que se pretendiam aplicar, teve de se ajustar o tempo disponível da melhor forma possível. Assim, a solução encontrada resultou na realização de dois exercícios em casa e outros dois em contexto de sala de aula. Tendo em conta esta circunstância, o maior entrave que existiu foi que os alunos realizassem e entregassem os exercícios que foram levados para casa. Esta dificuldade ficou bem provada, dado que poucos foram os alunos que os fizeram.

A natureza destes exercícios assemelha-se, obviamente, aos exercícios propostos na disciplina de História, existindo apenas diferenças na configuração, todavia, a estrutura do que é pedido é exatamente a mesma.

Posto isto, no primeiro exercício de narrativa escrita, procurou-se que os alunos se colocassem no papel de um jornalista que tinha de fazer uma reportagem acerca de um local que necessitasse de um dos programas de intervenção urbana abordados na aula (ver anexo 2.1.). Neste exercício, poderiam escolher o programa de intervenção urbana que preferissem não se vendo obrigados a restringirem-se a nenhum particular. Enquadrada no ***Tema 3 – Os Espaços Organizados pela População; Subtema 2 – As áreas urbanas: dinâmicas internas; Ponto 2.3.2. Propostas de melhoria das condições de vida urbana -***

este exercício de narrativa escrita, como esperado, não teve grande adesão por parte do grupo turma. A sinceridade com que referiram que não gostavam de fazer exercícios escritos, foi uma das principais causas da falta de interesse pelo que lhes estava a ser pedido. Aliado às dificuldades associadas à falta desta prática que obriga os alunos a escreverem de forma mais rigorosa, utilizando corretamente o vocabulário geográfico e a explicarem, além do que é percebido inequivocamente, os conteúdos lecionados na aula, ficou visível a repulsa para com a atividade. Todavia, existem sempre exceções e alguns alunos, felizmente, mostraram-se recetivos para com o exercício. Tal como aconteceu na disciplina de História A, neste exercício, como forma de orientação, foram indicados alguns tópicos sobre os quais deveriam discorrer.

A narrativa escrita seguinte estava subordinada ao ***Tema 3 – Os Espaços Organizados pela População; Subtema 3 – A rede urbana e as novas relações cidade-campo; Ponto 3.2. A reorganização da rede urbana.*** Para procederem à realização deste exercício os alunos teriam de se colocar no lugar de um representante de uma cidade (grande ou média), tendo em consideração a posição que assumiram no debate realizado em aula, que vai participar numa cimeira que tem como tema as cidades, na qual se vão discutir os efeitos destes problemas e medidas para os combater (ver anexo 2.2.). Tendo em consideração que o debate feito em aula permitiu aos alunos terem um panorama das dinâmicas existentes nas diferentes tipologias de cidades, ao terem necessidade de escreverem sobre o que aprenderam, conseguem entender de forma mais correta os pontos fortes e os pontos fracos de cada tipo cidade, assim como a sua correlação. Dado que foi uma aula diferente dos padrões habituais, o entusiasmo na realização deste exercício foi notório o que se traduziu num empenho muito maior nesta atividade do que o que se teve na anterior.

A terceira narrativa dizia respeito ao ***Tema 4 – A População como se Movimenta e Comunica; Subtema 1 – A diversidade dos modos de transportes e a desigualdade espacial das redes; Ponto 1.1. A competitividade dos diferentes modos de transporte.*** Na realização deste exercício os alunos tinham de se assumir como um comerciante que pretende promover os seus produtos. Com o objetivo de fazê-los chegar às mais variadas localidades teriam de fazer uma viagem por alguns países da Europa. O itinerário era o seguinte: saíam da cidade de Paredes em direção à cidade do Porto, depois partiam para Madrid. De Madrid iriam para Amesterdão onde, posteriormente, teriam de ir para a Dinamarca. Depois de alguns dias em Copenhaga teriam de ir até Itália devido a negócios a tratar com clientes residentes nas cidades de Milão, Florença, Toscana e Veneza. Ao longo desta viagem teriam de consolidar diferentes modos de transporte considerando,

entre vários aspetos, as distâncias que tinham de percorrer entre os diversos locais (ver anexo 2.3.). Aqui, uma vez mais, é posta à prova a capacidade de articular os novos conteúdos com os aprendidos anteriormente.

Finalmente, a última narrativa inclui-se no ***Tema 5 – A Integração de Portugal na União Europeia: Novos Desafios, Novas Oportunidades; Subtema 1 – Os desafios para Portugal do alargamento da União Europeia e Subtema 2 – A valorização ambiental em Portugal e a Política Ambiental Comunitária.*** Nesta última narrativa escrita, optou-se por incorporar dois subtemas tendo em conta que a temática deste exercício não é muito extensa para além de que é abordada em anos antecedentes. É, também, um tema que está presente nas vivências dos alunos enquanto cidadãos pertencentes à União Europeia, por isso, é um tema que conhecem bem. Então, para demonstrarem os seus conhecimentos acerca do organismo do qual fazem parte, a proposta deste exercício visava que os alunos atestassem esses conhecimentos de maneira a compreenderem melhor a situação portuguesa num contexto económico, político e cultural, assim como, perceberem a capacidade de intervenção de Portugal e as vantagens e desvantagens dessa integração no momento atual e em momentos futuros. Deste modo, teriam de redigir um pequeno texto sobre a União Europeia, desde o seu aparecimento até à atualidade, não esquecendo, como é evidente, de referirem o caso de Portugal enquanto um dos estados-membros (ver anexo 2.4.). Este foi, indubitavelmente, do conjunto dos quatro exercícios, o menos complexo que concretizaram. Posto que, era o último e a atenção dos alunos já só estava direcionada para o exame nacional de Geografia que iriam ter dentro de poucas semanas, achou-se melhor realizar algo mais acessível, porém, em termos de conteúdos de igual importância. Curiosamente, pode observar-se que não é um tema muito apreciado pelos alunos, pois a esmagadora maioria considera-o maçador e desinteressante.

À semelhança das atividades de narrativas escritas na disciplina de História, aqui, na disciplina de Geografia, também decorreram dentro da normalidade. Ainda que os alunos já deixassem transparecer os sinais de cansaço, normais do final do período, juntado ao ligeiro enfado por estas atividades, e a sua concentração estivesse mais direcionada para o exame final. Efetivamente, o único aspeto que correu menos bem foi a falta de entrega por parte dos alunos dos exercícios que foram levados para casa.

Capítulo III – Trabalho desenvolvido nas aulas de História e Geografia

No decorrer deste capítulo, serão explicitadas todas as estratégias/recursos de aprendizagem utilizados nas aulas de História e Geografia onde foram aplicados os exercícios de narrativas escritas. Recordando que o objetivo deste projeto de investigação é perceber a eficácia da comunicação em sala de aula, tendo em consideração o uso de diferentes recursos de aprendizagem, assume um destaque importante descrevermos em que parâmetros estas aulas se desenvolveram.

Assim, as aulas delineadas para a elaboração de exercícios de narrativas escritas, estiveram associadas à utilização de um recurso comum. Uma ferramenta de trabalho que tem vindo a ser cada vez mais utilizada pelos professores, estamos a referir-nos ao tão conhecido *PowerPoint*. Este instrumento de trabalho tem-se revelado fulcral na tentativa de descentralizar a conceção de ensino apenas no professor. A inclusão deste modelo de recursos digitais na sala de aula, ajuda a aumentar a comunicação entre alunos e professores, além de ser uma forma eficaz de ajudar a transmitir os conteúdos. Este facto prende-se, em grande parte, com o facto de os alunos terem uma predisposição para aprenderem melhor visualmente, por isso, o benefício do uso do *PowerPoint* que admite a inclusão de imagens, esquemas, músicas, pequenos vídeos, entre outros recursos, tornando as aulas mais apelativas. Com o uso desta ferramenta pretendia-se, ainda, incentivar uma participação mais ativa dos alunos, promovendo o diálogo vertical e horizontal, motivando-os para a aprendizagem destas disciplinas e estimulando a curiosidade pelos conteúdos a tratar. Por outras palavras, cria-se um contexto muito mais envolvente do que se for apenas o professor a falar.

Como podemos depreender, o uso desta ferramenta apresenta inúmeras vantagens e acaba por funcionar como um complemento do ato educativo, no entanto o professor não pode, nem deve, apenas suportar as suas aulas nesta ferramenta.

Cada subcapítulo que se segue remete para uma estratégia de ação correspondente ao uso de um determinado tipo de recurso/estratégia nas aulas de História e Geografia.

1. Processo e materiais didáticos utilizados nas aulas

De forma a concretizar este projeto de investigação foram concebidas quatro aulas de História e quatro aulas de Geografia. Cada aula teve a sua própria dinâmica e em todas se utilizaram recursos/estratégias didáticas diferentes.

À medida que fomos aprimorando a nossa prática profissional ao longo deste ano de estágio, há aspetos que, naturalmente, nos conseguimos aperceber. Ficou claro que os alunos nutrem uma preferência por tudo e qualquer aula que traga uma prática diferente. O ímpeto com que agem perante o anúncio de que a aula será moldada num paradigma fora do comum, denuncia uma curiosidade e empenho em maior escala, comparativamente com uma aula mais rotineira. Embora, os recursos didáticos pelos quais enveredamos sejam já bastante conhecidos em contexto de sala de aula como é o caso das imagens, os filmes, o trabalho de grupo, o debate, o jogo didático, entre outros, o facto é que quando bem utilizados surtem, sempre, resultados muito positivos.

Para que seja tangível a importância da comunicação em sala de aula e, consequentemente, o contributo do professor na eficácia da transmissão da mensagem, estabeleceu-se que uma das quatro aulas programadas iria cingir-se à exposição do professor. Ou seja, destinaram-se três aulas com a utilização de recursos didáticos e uma aula, meramente expositiva, com o objetivo de revelar em que modelo de aula, os exercícios de narrativas escritas realizadas pelos alunos foram mais ou menos ricos em detalhes. No fundo, pretende-se conseguir compreender quais as aulas que se mostraram mais marcantes para a aprendizagem dos conteúdos abordados. Isto porque antes de iniciarmos a nossa investigação, de forma a nos inteirarmos daquelas que são o tipo de aulas preferidas pelos alunos, consideramos, também, as respostas que estes deram nas fichas de caracterização das turmas que foram preenchidas no início do ano letivo. Nestas, havia uma questão que interrogava acerca de quais as estratégias que mais lhes agradavam no processo de ensino-aprendizagem e as respostas obtidas foram o ponto de partida para a seleção dos materiais didáticos utilizados. É importante, ainda, mencionar que na aula correspondente apenas à exposição do professor, houve o cuidado de fornecer dois textos aos alunos (somente na disciplina de História) para que pudessem suportar as aprendizagens e complementar a informação que consta no manual da disciplina.

As opções tomadas recaíram, no caso das aulas da disciplina de História, por recursos didáticos correspondentes a imagens, vídeos e trabalho de grupo. Por outro lado, no caso da disciplina de Geografia optou-se pelo trabalho de grupo, o debate e o jogo didático.

2. As atividades propostas nas aulas de História

2.1. A aula através da exposição do professor

A introdução da aplicação de exercícios de narrativas escritas começou por se realizar nas aulas de História, iniciando-se com base numa aula expositiva. Exatamente por ser o primeiro contacto com estes exercícios, definiu-se que se iria começar por uma aula dita “mais tradicional” para, posteriormente, se avançar para a utilização de outras estratégias de aprendizagem. Entenda-se que por aula tradicional, estamos a falar de uma aula que assenta, maioritariamente, na explicação do professor, auxiliada no manual escolar e com a resolução de alguns exercícios. Esta teve a duração de noventa minutos e como já referido, anteriormente, o tema desta narrativa estava relacionado com a fixação do território português – desde a Reconquista ao estabelecimento e fortalecimento das fronteiras.

Acompanhada de um *PowerPoint*, unicamente, orientador da aula iniciou-se com o levantamento de ideias tácitas sobre os conceitos estruturantes da matéria que iria ser abordada, especificamente, o conceito de Reconquista Cristã, Condado Portucalense e Vassalagem. Na sequência do levantamento das ideias tácitas dos alunos, e utilizando como suporte o manual adotado, deu-se início a uma sucessão de análise de documentos.

Em primeiro lugar procedeu-se à análise do documento 1 A- *O avanço da Reconquista* da página 50 do manual adotado, para que os alunos identificassem as diferentes etapas da Reconquista cristã do século X ao século XIII. Depois, tendo em conta o documento 2 da página 51, *Genealogia de Afonso Henriques*, pretendia-se que os alunos conhecessem a linhagem de D. Afonso Henriques e concluíssem sobre as relações de vassalagem que o ligavam ao seu primo Afonso VII de Leão e Castela. De seguida, foi analisado o documento 3- *Bula Manifestis Probatum* (1179), da página 51, com o objetivo de problematizar em que contexto foi concedida esta bula e quais as suas implicações para o Condado Portucalense. Finalmente, passamos à leitura e análise do documento 6 *Tratado de Alcanises* (1297), da página 55 do manual, com o objetivo de clarificar a questão sobre a definição das fronteiras.

À medida que se foram expondo os conteúdos foram criados momentos de paragem para que os alunos realizassem pequenos exercícios. Concretamente, foi-lhes fornecido um género de roteiro intitulado *Do Condado Portucalense à monarquia portuguesa* (ver anexo 3.1.), com vários espaços em branco, que foram preenchidos pelos

alunos ao longo da aula a partir das conclusões da análise das diversas fontes e dos momentos de exposição da professora.

Uma vez que, as fontes exploradas não foram consideradas suficientemente estruturantes para a consolidação das aprendizagens e, atendendo que os alunos iriam realizar um exercício de narrativa escrita, achou-se pertinente fornecer-lhes um auxílio sob a forma de dois textos explicativos (ver anexo 3.2.).

2.2. A aula através de imagens fixas

A segunda aula de História em que foi aplicado mais um exercício de narrativa escrita, realizou-se com suporte numa aula ligada à observação e análise de imagens fixas. A duração desta aula foi, igualmente, de noventa minutos e prendia-se com a temática da arquitetura de estilo Gótico.

Sendo uma matéria que não é muito apreciada pelos estudantes, mas é fundamental para a compreensão de várias questões históricas importantes no 10º ano de escolaridade, tentou-se cativar ao máximo o interesse dos alunos através de imagens criteriosamente selecionadas. É um facto que estes conteúdos reportam, quase automaticamente, para a visualização daí considerar que seria uma boa oportunidade para esta forma de abordagem.

Assim, a aula iniciou-se com a observação e descrição da catedral gótica de Milão e da Sé românica do Porto (ver anexo 4.) e as plantas de edifícios religiosos do estilo gótico e românico (ver anexo 4.), para que os alunos identificassem os estilos arquitetónicos representados, as semelhanças e as diferenças e os situassem no tempo, uma vez que a arquitetura gótica é a evolução da arquitetura românica. À medida que os alunos foram falando acerca das imagens em observação, foram registadas no quadro todas as ideias recolhidas com o objetivo final de pedir aos alunos a atribuição de um título e de um subtítulo aos registos feitos.

Desvendado o tema da aula e, com o auxílio de uma breve explicação do contexto em que surgiu o estilo gótico, avançou-se para a leitura e análise de várias imagens ligadas aos elementos construtivos da arquitetura gótica (ver anexo 4.). Com estas imagens visava-se que os alunos, em diálogo vertical e horizontal, inferissem a respeito deste novo estilo construtivo em comparação com o anterior. Ou seja, que discernissem a respeito das novas características e da sua respetiva funcionalidade. Através da visualização, rapidamente, conseguia-se que os alunos destacassem todo o emaranhado de formas que conferiam ao estilo gótico a sua, inquestionável identidade. Para destacar um

dos elementos mais marcantes do gótico, a luz, foram exibidas várias imagens de vitrais (ver anexo 4.), de modo a que os alunos compreendessem toda a minúcia envolvida neste elemento e problematizassem sobre as diversas particularidades.

Paralelamente, com a finalidade de trazer aos alunos um exemplo ilustrativo do gótico em Portugal foi apresentada uma imagem alusiva ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória (ver anexo 4.). Contudo, numa tentativa de explorar melhor a presença do gótico no nosso país e permitir uma visualização mais detalhada deste monumento, recorremos ao uso de imagens num padrão diferente das que tinham sido mostradas até ao momento. Então, com o apoio da tecnologia, foram analisadas imagens que aproximavam mais os alunos da realidade, através de uma visita virtual em 360 graus a este monumento que está disponível no site <http://www.360portugal.com/Distritos.QTVR/Leiria.VR/Patrimonio/Batalha>. Estas imagens tornam possível mostrar qualquer espaço alcançado pelo equipamento fotográfico e, sendo apresentada por um programa que a torna interativa, onde se pode navegar a nível horizontal e vertical num ambiente de 360 graus, rodando, aproximando ou afastando, torna possível um olhar mais concreto de toda a envolvência.

A aplicação deste recurso didático permitiu induzir os alunos à reflexão, despertar mais o interesse, motivar e sintetizar os conhecimentos aprendidos. Por isso, a sua aplicabilidade não só enriqueceu a prática docente como também a comunicação entre o professor e os alunos. Especificamente, no caso desta temática a imagem assume-se como a representação primordial para a compreensão de toda a informação que se queria transmitir.

2.3. A aula através do trabalho de grupo

A terceira aula de História em que se implementou, uma vez mais, os exercícios de narrativas escritas, esteve na base da realização de um trabalho de grupo como estratégia de aprendizagem. Os conteúdos tratados relacionavam-se com o tema da Reforma Protestante e o tempo letivo desta aula foi de noventa minutos.

No princípio da aula foi colocado no quadro um esquema que agrupava os nomes de cada elemento do grupo e os respetivos locais onde se deveriam sentar. Assim, constituíram-se grupos de quatro elementos.

Quando chegaram à sala de aula, os alunos foram surpreendidos com esta listagem e perceberam que a aula iria ter contornos um pouco diferentes do habitual. Posto isto, foi introduzida a temática em estudo através do diálogo vertical e horizontal

que permitiu o levantamento das ideias tácitas que os estudantes possuíam. De um modo geral, estes demonstraram de imediato saberes muito coesos o que permitiu criar um fio condutor bem fundamentado, pois à medida que se foi avançando e percebendo a dimensão dos conhecimentos dos alunos ficou perceptível que, de facto, não existiam muitas dificuldades.

Por conseguinte, num momento posterior com a ajuda do manual da disciplina, procedeu-se à exploração e análise de alguns documentos que tinham sido selecionados de antemão. Depois de esmiuçados todos os aspetos que integravam a análise documental, deu-se início à primeira tarefa do trabalho de grupo. Antes de mais, é importante referir que este trabalho era composto por um conjunto de duas tarefas. A primeira consistia em construir uma definição para alguns conceitos estruturantes da aula, sendo estes - *Heresia, Reforma, Dogma, Predestinação, Sacramento e Rito*.

Terminado o tempo estipulado, seguidamente, foi visualizado um pequeno excerto do filme *Lutero* (ver anexo 5.) que tinha a duração de aproximadamente quinze minutos. Este filme, datado do ano 2003, retrata a vida de Martinho Lutero, uma das figuras centrais da Reforma Protestante, que desafiou todas as autoridades políticas e religiosas da sua época por defender que algumas atividades praticadas pela Igreja Católica eram imorais. Para tal, procedeu à publicação de 95 teses que condenavam tais práticas. Esta ação teve repercussões e Lutero passou a ser perseguido e pressionado para negar a veracidade das suas teses. Recusando-se a tal ato entra em disputa com a Igreja Católica, desafiando-a a provar que as suas teses estavam erradas e que contrariavam as escrituras da Bíblia. Sem êxito neste confronto, acabou por ser excomungado e, por essa razão, foge para poder iniciar uma batalha onde pretende demonstrar que os seus ideais estão corretos.

Neste segmento surge a segunda tarefa do trabalho de grupo, que compreendia a elaboração de um comentário ao excerto visualizado, onde os alunos deveriam explicitar todas as motivações de Martinho Lutero que despoletaram a sua ação contra a Igreja Católica, estabelecendo o paralelismo com os conceitos anteriormente definidos e com os documentos analisados.

Esta segunda e última tarefa foi um pouco mais demorada, cerca de vinte minutos, uma vez que exigia maior rigor dada a quantidade de informação que os alunos deviam relacionar. Era importante que fizessem este cruzamento de informações para estruturar os conteúdos abordados, não só desta aula como também da anterior, visto que a temática já tinha sido iniciada anteriormente. No final, o porta-voz de cada grupo

apresentou o comentário produzido à turma, abrindo espaço para a apreciação de todos os colegas.

Tendo em consideração os objetivos definidos e a forma como se desenrolou a aula, podemos avaliar positivamente o impacto da estratégia adotada. Os alunos estiveram muito empenhados, participativos e revelaram grande espírito de cooperação. Apesar de, por várias vezes, não ser vista com bons olhos a realização de trabalhos de grupo em contexto de sala de aula, a verdade é que este método educativo pode resultar. Nitidamente que uma aula não é suficiente para ensinar os alunos a trabalhar cooperativamente, contudo quando se traça um plano rigoroso que contemple objetivos, defina regras e acima de tudo comporte em si motivação, os resultados podem realmente ser bastante satisfatórios.

2.4. A aula através de imagens em movimento

A quarta aula da disciplina de História onde foi aplicado o último exercício de narrativas escritas, assentou numa aula em que foram utilizadas as imagens em movimento. A temática em estudo estava relacionada com a escravização e, sendo que já nos encontrávamos no terceiro período e na parte final do manual escolar, optou-se por implementar um recurso didático pelo qual os alunos nutrem uma enorme empatia, o filme. Visto que estes conteúdos não apresentam um grande grau de complexidade, o visionamento de um filme que aborde de forma pertinente os assuntos que se pretendem tratar, mostra-se uma boa alternativa comunicativa.

Os filmes apresentam grande potencial de aproveitamento no processo educativo, incitam a participação e, muitas vezes, algumas questões são melhor compreendidas através destes do que com as explicações do professor. Neste segmento, depois de uma reflexão ponderada, selecionamos o filme *Amistad* (ver anexo 6.) com realização de Steven Spielberg para esta aula. Embora a história do filme remonte ao ano de 1839 e a matéria a abordar estivesse mais voltada para a Época Moderna, especialmente, para o impulso que as descobertas marítimas e a construção dos impérios coloniais deram ao tráfico escravo, neste é possível conhecer aspetos fundamentais, como é o caso das condições de captura, do transporte e da exploração do trabalho de que eram alvo, que vão de encontro às questões a desenvolver.

A aula, como aconteceu com as restantes, tinha a duração de noventa minutos e, dado que o filme detinha cerca de duas horas e trinta minutos, não era possível visualizá-lo na totalidade. Então, previamente, da minha parte, foi feita uma análise a todo o

conteúdo fílmico e, foram selecionadas apenas as partes que se afiguravam mais importantes, o que resultou numa compilação devidamente sequenciada de todos os pontos que queríamos tocar.

Primeiramente, a aula começou pelo levantamento das ideias tácitas que os alunos possuíam sobre a temática através de diálogo vertical e horizontal. À medida que se foram trocando ideias, foram lançadas algumas perguntas que serviram para testar os conhecimentos dos estudantes. Verificou-se que estes, claramente, revelavam saberes bastante abrangentes. Assim, seguidamente, procedeu-se à visualização do conjunto de excertos do filme que perfaziam, aproximadamente, quarenta e cinco minutos.

Concluído o visionamento, foi perceptível o efeito da forte carga emocional, contida no filme, nos alunos. Estes mostraram-se bastante impressionados pelas imagens que viram, chegando alguns a não conseguir conter a perturbação provocada. Isto prova a ampla capacidade comunicativa que o filme apresenta face a outros recursos didáticos.

Posteriormente, e de novo na base do diálogo vertical e horizontal, foi realizada uma interpretação do filme, onde se procurou esclarecer todos os aspetos que pudessem não estar bem compreendidos. Por meio da reflexão, cruzando diferentes interpretações, evitamos a subjetividade, promovemos o desenvolvimento do raciocínio e da capacidade crítica, elementos substanciais no processo de ensino-aprendizagem.

A utilização do recurso audiovisual com finalidade pedagógica, deve contribuir para o ensino da disciplina, não devendo ser encarado como uma atividade de lazer. Caso contrário, não há razão de ser, é simplesmente uma atividade a mais, entre muitas outras que os alunos realizam. É importante retirar o máximo partido da riqueza contida na produção cinematográfica, para enfatizar os conteúdos educativos que queremos ensinar. Uma forma proveitosa de o fazer é gerando produção escrita, como aconteceu nesta aula com a realização do exercício de narrativa escrita.

O feedback foi muito positivo tendo em linha de conta todo o desenrolar das atividades desenvolvidas. No caso da disciplina de História, ficou patente que o uso do cinema, concretamente nesta aula, facilitou uma visão fidedigna da representação da realidade social da época retratada, que ajudou a compreender o mundo em que vivemos e, deste modo, perceber as ruturas e as transformações ocorridas até à atualidade. No entanto, isto só é válido quando contextualizado com o conhecimento historiográfico, que irá propiciar o entendimento das entrelinhas do que está implícito no filme, trabalho este que cabe ao professor.

3. As atividades propostas nas aulas de Geografia

3.1. A aula através do trabalho de grupo

A primeira aplicação dos exercícios de narrativas escritas nas aulas de Geografia, foi feita a partir de uma aula onde os conteúdos foram consolidados com a realização de um trabalho de grupo. Também conhecida como aprendizagem cooperativa, esta metodologia de aprendizagem consiste, em sentido amplo, num processo onde todos os membros que integram o grupo de trabalho colaboram para a concretização de um objetivo comum. Com a durabilidade de noventa minutos, nesta aula foi abordado o tema dos Problemas Urbanos.

Como na aula anterior já tinham sido abordadas as noções introdutórias a esta temática, esta aula serviu para aprofundar os conhecimentos adquiridos. Neste segmento, foram designados previamente por mim, com a ajuda da orientadora cooperante, os grupos de trabalho. Estes possuíam quatro elementos cada e o critério usado para a sua formação baseou-se em juntar alunos com diferentes níveis de aptidão, de maneira a que a aprendizagem seja influenciada, positivamente, pela diversidade de perspetivas e que este contacto uns com os outros os ajude a aprender a respeitar as particularidades de cada um.

No trabalho de grupo, os alunos tiveram de analisar diferentes dossiês alusivos a diversos programas de intervenção urbana, especificamente, os alunos trabalharam o Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD) (ver anexo 7.1. e anexo 7.2.), o Programa Nacional de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades (POLIS) (ver anexo 7.3. e 7.4.), o Programa de Reabilitação Urbana (URBAN) (ver anexo 7.5.), o Programa Especial de Realojamento (PER) (ver anexo 7.6.), a Estratégia Cidades Sustentáveis 2020 (ver anexo 7.7.) e o Projeto Lado a Lado (ver anexo 7.8.). Nestes constavam algumas questões a ser respondidas, bem como, uma espécie de estudo de caso em que os alunos deviam mencionar um exemplo que conhecessem da sua cidade que necessite de uma intervenção relacionada com o programa em análise. Cada grupo tinha à disposição duas cópias do respetivo dossiê. As regras da execução do trabalho foram indicadas pela professora, de modo a garantir que todos pudessem desempenhar tarefas e desenvolver a competência do trabalho cooperativo. Como não havia programas distintos em número suficiente para os alunos trabalharem, tivemos de repetir dois, contudo estes, apesar de serem referentes ao mesmo programa, possuíam estudos de caso e questões diferentes. No final com o objetivo de garantir que a atividade

foi realizada com sucesso, o porta-voz de cada grupo dirigiu-se ao quadro, assim que solicitado pela professora, para apresentar as suas conclusões à turma e em conjunto com os colegas debaterem os resultados obtidos.

Analisando o plano traçado para esta aula, tecemos um balanço positivo na medida em que os alunos estiveram bastante empenhados e participativos, demonstrando interesse pelas atividades solicitadas, espírito crítico e sentido de responsabilidade, que se refletiu no sucesso desta estratégia.

3.2. A aula através do debate

A segunda realização dos exercícios de narrativas escritas foi alicerçada numa aula debate, cuja temática estava relacionada com a reorganização da rede urbana, mais propriamente, com o papel das cidades médias face às grandes cidades.

Para que esta estratégia tivesse êxito, houve a necessidade de, antecipadamente, explicar aos alunos as tarefas que iríamos desenvolver, os moldes em que esta se iria passar, dividir funções, para garantir que todos dariam o seu contributo e teriam, assim, uma participação ativa na aula e, em diálogo, discutir os conhecimentos prévios que detinham acerca do tema. Deste modo, os alunos foram informados que o debate em que iriam participar intitulava-se “As cidades que não moramos”. Distribuíram-se papéis a todos os elementos da turma e disponibilizaram-se os materiais que iriam utilizar.

Assim sendo, iriam existir dois grupos distintos: por um lado teríamos representantes das cidades médias e, por outro lado, representantes das grandes cidades que iriam retratar uma determinada posição tendo em conta um tipo de função urbana. Para tal, os materiais fornecidos equivalem a um dossiê que continha o guião do trabalho, onde era explicado todas as etapas do debate e, também, eram fornecidas algumas regras a ser respeitadas no decorrer da intervenção e, um conjunto de notícias que deviam ser cuidadosamente analisadas. Quer para as cidades médias, quer para as grandes cidades as funções urbanas estabelecidas eram as mesmas. Posto isto, os dossiês que os alunos trabalharam destinaram-se à Câmara Municipal, Hospitais, Transportes, Turismo e Universidades. Para cada tínhamos, como é normal no debate, personagens de defesa e de oposição. Então, tínhamos um dossiê para o aluno que iria desempenhar o papel de um Presidente da Câmara de uma cidade média que, consoante as notícias, teria de encontrar soluções para defender o seu concelho (ver anexo 8.1.1.) e um para os alunos que seriam os cidadãos que, com base nas mesmas notícias, teriam de evidenciar os problemas enfrentados e propor soluções para atenuar os vários desequilíbrios na sua cidade (ver

anexo 8.1.2.). Um dossiê para o aluno que seria um Diretor de um Centro de Saúde de uma cidade média e que tinha de encontrar medidas para os problemas enunciados nas notícias (ver anexo 8.1.3.) e um para os alunos que seriam os utentes que tinham de demonstrar qual é a realidade do funcionamento do sistema de saúde, evidenciando, os problemas enfrentados neste serviço e, ainda, encontrar soluções para atenuar os desequilíbrios entre o serviço de saúde das grandes cidades e das cidades médias. (ver anexo 8.1.4. e anexo 8.1.5.). Um dossiê para o aluno que iria desempenhar a função de um vereador dos transportes de uma câmara municipal de uma cidade média e que teria de responder às reclamações dos cidadãos (ver anexo 8.1.6.) e um para os alunos que seriam trabalhadores de uma empresa de transportes que, claramente, conhecem a realidade deste setor nas cidades de pequena dimensão em que, a partir das notícias, deviam falar acerca dos problemas enfrentados e encontrar soluções para atenuar os desequilíbrios na rede de transportes. (ver anexo 8.1.7.). Um dossiê para o aluno que ocuparia a função de um vereador do turismo de uma cidade média e teria de promover esta área na sua cidade (ver anexo 8.1.8.) e um para os alunos que ocupariam a função de potenciais investidores que queriam apostar no turismo destas cidades (ver anexo 8.1.9.). Um dossiê para o aluno que teria de desempenhar o papel de um diretor de um politécnico de uma cidade do Interior onde teria de promover o seu instituto (ver anexo 8.1.10.) e, por fim, um para os alunos que teriam de desempenhar o papel de estudantes desta instituição e, fundamentando-se nas notícias, teriam de mostrar os problemas existentes (ver anexo 8.1.11.). Os papéis desempenhados pelos alunos do grupo das grandes cidades são os mesmos que acabámos de explicitar para as cidades médias, porém os dossiês são constituídos, obviamente, por notícias diferentes (ver anexos 8.2.). Com os materiais em mãos, os alunos teriam de preparar a sua intervenção no debate, devendo analisar os respetivos dossiês com vista a estruturar os seus argumentos e opiniões.

A aula do debate inicia-se com a distribuição dos alunos na sala que foi previamente preparada. Ao chegarem à sala de aula, os estudantes encontraram as mesas dispostas numa configuração diferente. Vulgarmente a disposição que é usada para uma aula com estas características é a forma de U, todavia decidimos apostar numa composição alternativa. A ideia surgiu no momento em que se planificava a aula, e nos lembramos de um programa televisivo de debate que passava na RTP1 denominado “Prós e Contras”. Foi, então, que aproveitamos a disposição que é utilizada neste programa e a trouxemos para a sala de aula. Colocamos uma mesa central à frente do quadro, onde tinha sido escrito o título do debate, que se destinava ao moderador que, neste caso, era a

professora, ou seja, eu. Como moderadora a minha função passou por lançar algumas questões, solicitar e coordenar a participação dos intervenientes, de forma a garantir o bom andamento do debate. Partindo da mesa central, com um conjunto de mesas formamos duas linhas oblíquas, que seriam ocupadas pelos representantes dos órgãos administrativos e pelos secretários que tinham de registar as principais opiniões/conclusões para, posteriormente, elaborarem uma ata da respetiva assembleia, a ser lida na aula seguinte. De um lado estariam os representantes das cidades médias e o respetivo secretário, do outro, os das grandes cidades e o devido secretário. Em cada mesa estava um papel com a identificação do representante a que estava reservada, logo facilmente os alunos perceberam onde se deveriam sentar. Ao fundo estava, somente, um aglomerado de cadeiras que seriam ocupadas pelos alunos que eram os restantes intervenientes (utentes do centro de saúde, trabalhadores de empresas de transportes, estudantes universitários) que colocariam questões. Importa mencionar que estes alunos ao longo do debate tinham de colocar pelo menos uma pergunta. No final do debate entregou-se um certificado de participação a cada aluno (ver anexo 8.3.).

Apesar de os alunos terem levado, atempadamente, os dossiês para casa para que pudessem estudá-los atentamente, no início da aula foram dados cerca de 15 minutos para que terminassem a preparação do seu discurso/argumentação a utilizar no debate, assegurando que nenhum usava a justificação de se ter esquecido. Findado o tempo, deu-se início ao debate.

Esta aula foi um sucesso, os alunos mostraram-se entusiasmados, interessados e muito participativos o que deixa qualquer professor com a sensação de missão cumprida. Indubitavelmente, foi uma das aulas que os alunos mais gostaram, isto tendo em linha de conta as manifestações de satisfação que deixaram transparecer e o envolvimento demonstrado. Constatamos que esta estratégia se revelou muito vantajosa, porque potencializou a capacidade de reflexão e de construção de uma argumentação fundamentada sobre determinado assunto e, ainda, permitiu revelar que o verdadeiro sentido do debate consiste numa exposição de argumentos sólidos e não numa discussão desordenada e sem sentido.

3.3. A aula através da exposição do professor

A terceira realização dos exercícios de narrativas escritas baseou-se numa aula expositiva. Após duas aulas em que foram utilizadas estratégias de aprendizagem que quebravam a rotina das aulas a que os alunos estavam acostumados, desta vez voltámos a uma aula mais banal. Todavia, foi ferozmente privilegiado o diálogo vertical e horizontal.

Complementada pelas informações presentes no manual da disciplina e por um *PowerPoint*, meramente orientador, a aula inicia-se com o levantamento de ideias tácitas sobre os conteúdos que iriam ser abordados. Tendo em conta que o tema da aula era relativo à diversidade dos modos de transportes e a desigualdade espacial das redes, aspetos mais do que conhecidos pelos alunos, o objetivo é que no âmbito deste tipo de comunicação se favoreça uma classe ativa. Então, nesta temática, a comunicação desempenhou um papel muito importante, dado que sendo um tema do quotidiano e que integra o dia-a-dia de praticamente todos os alunos, assume um conhecimento bastante aprofundado por parte dos mesmos. Desta forma, dificultou a organização de estratégias como debates, dramatizações, jogos didáticos, etc.

Logo, promover uma comunicação o mais dinâmica possível, permitindo que os alunos tenham uma participação ativa, fazendo com que trouxessem o conhecimento adquirido através das suas vivências para a sala de aula e o partilhassem, fez com que a aula tenha funcionado como uma espécie de trabalho cooperativo, pois o conhecimento tanto foi transmitido pelo professor como pelos próprios alunos.

Apesar de a temática ser, indiscutivelmente, muito árida quer ao nível dos conteúdos a ela inerentes, quer ao nível da organização de situações educativas suficientemente atrativas para os lecionar, este exercício de partilha de conhecimentos colocou os alunos mais à vontade para exporem as suas perspetivas acerca do tema em estudo. Assim, foi possível lecionar conteúdos, embora corriqueiros, basilares na disciplina de Geografia de uma forma mais agradável, através de uma troca de informações bem fundamentadas que abriu as portas necessárias para uma aula, que apesar de ter tudo para se tornar maçadora, acabou por se revelar envolvente na medida em que espoletou uma discussão saudável e enriquecedora.

3.4. A aula através do jogo didático

A quarta e última aplicação dos exercícios de narrativas escritas na disciplina de Geografia foi sustentada numa aula onde se implementou o jogo didático. Os conteúdos a ser abordados eram já conhecidos pelos alunos, posto que são tratados em anos anteriores e estão, diretamente, ligados ao seu quotidiano. Esta aula foi dedicada à temática da União Europeia e, pelos motivos que acabamos de referir, os conhecimentos que os alunos apresentam são em larga escala.

Como tal, na tentativa de traçar uma aula mais atrativa para um tema em que abunda informação e que os alunos reconhecem como aborrecido, trouxemos para a sala de aula uma estratégia que, na disciplina de Geografia, apresenta um uso muito incipiente. A verdade é que consideramos que este recurso didático se mostra muito profícuo quando bem estruturado. Ao utilizarmos em prol de um objetivo, este elemento torna-se um gerador de conhecimento, deixando de ser visto como um simples divertimento, estimula o raciocínio e potencia o desenvolvimento de competências.

Tendo a aula a duração de noventa minutos, achamos que não seria razoável que o jogo se estendesse durante este tempo todo e sim só numa parte da aula. Por isso introduzimos outros materiais para completar o restante tempo disponível. Ao longo de sessenta minutos a abordagem aos conteúdos foi realizada através da exploração de um PowerPoint. A aula começou com a reprodução do “Hino da Alegria” de Ludwig van Beethoven como pano de fundo que serviu, inclusive, como motivação. Deste modo, pretendia-se captar a atenção dos alunos para o tema da aula e levá-los a descobrir o mesmo.

Posteriormente, em diálogo vertical e horizontal, passamos à análise da apresentação PowerPoint que intitulamos de “Tem a ver com Europa, tem a ver CONTIGO!”, este título foi propositado, uma vez que era o título que tínhamos definido para o jogo. Ao longo desta exploração objetivava-se que os alunos recordassem os conteúdos abordados em anos anteriores que serviriam para fazer a ponte para a introdução do tema da integração de Portugal na União Europeia: novos desafios; novas oportunidades. Assim, a aula pautou-se pela contextualização do surgimento da União Europeia, os países fundadores, as fases de alargamento, os países candidatos e potenciais candidatos, os tratados estabelecidos, os valores da União Europeia e os critérios de adesão. Também foram abordados os órgãos de administração que gerem a União Europeia e as suas respetivas funções, as finalidades da política de coesão territorial, questões relativas ao Espaço Schengen, os países que fazem parte da Zona Euro, os

símbolos e as línguas oficiais da União Europeia. Ainda tocamos no caso de Portugal, particularmente no que se refere aos impactos na melhoria do nível de vida da população, à competitividade das empresas e às mudanças ocorridas desde a sua integração na União Europeia.

Terminada esta primeira parte da aula, os restantes trinta minutos foram para colocar em prática o jogo didático que estava planeado. Este consiste num quizz composto por trinta e cinco perguntas com quatro opções de resposta sobre a União Europeia. Para o efeito, cada aluno teria de ter disponível um tablet ou um smartphone para poderem jogar, em simultâneo, a partir de uma aplicação designada “Kahoot!”. Kahoot! é uma plataforma disponível on-line através do site <https://getkahoot.com/> que funciona em qualquer dispositivo com acesso à Internet. Esta contém um grande número de jogos pedagógicos pré-existent e permite, também, a criação de jogos didáticos de maneira rápida e simples com base numa série de perguntas de escolha múltipla. Possibilita, ainda, adicionar vídeos, imagens e diagramas às perguntas para as tornar mais variadas ou aumentar o seu grau de complexidade. Num ambiente de grupo, como é a sala de aula, a pergunta e as opções de resposta, com a ajuda de um computador, são projetadas e os jogadores apenas selecionam a opção que pretendem nos seus dispositivos. Os dados da classificação obtida são gerados, automaticamente, e de fácil acesso.

Para que fosse possível colocar em prática este jogo, foi necessário efetuar alguns procedimentos. Primeiramente, tivemos de pedir uma autorização à Direção da Escola para que os alunos pudessem usar o telemóvel ou tablet na sala de aula, visto que quanto a isto as regras proibem, expressamente, a sua utilização. Seguidamente, com a devida antecedência, foi pedido aos alunos que descarregassem a aplicação para os dispositivos que iriam utilizar.

Sendo que o tema do jogo era a União Europeia e estava direcionado para os conteúdos lecionados na aula, foi elaborado um quizz (ver anexo 9) com questões alusivas a esta temática que serviram para testar os conhecimentos dos estudantes. Vence o aluno que responder ao maior número de respostas certas em menor tempo.

Esta aula correu muito bem e isso foi percebido pelo envolvimento dos alunos. De salientar que consideramos que este recurso didático se revelou um fator de grande interesse, pelo simples facto, de requerer a participação ativa dos alunos na construção do seu próprio conhecimento. O jogo didático, entre outras coisas, favorece o desenvolvimento da criatividade, do senso comum, da participação, da competição

saudável, da observação, das várias formas de uso de linguagem e, sobretudo, permitem ao professor diagnosticar alguns erros de aprendizagem e as dificuldades dos alunos.

Capítulo IV – Apresentação e análise dos resultados

Depois de clarificado todo o procedimento em que assentou a aplicação dos exercícios de narrativas escritas, bem como, todo o seu processo de construção, é chegado o momento crucial de ir ao encontro dos resultados obtidos e proferir as considerações necessárias acerca dos dados resultantes.

As questões que nuclearam esta investigação diziam respeito a “*O que se diz?*”, “*Como se diz?*”, “*O que se produz?*” e “*Que significado têm as narrativas dos alunos?*”, o que pressupõe que as valências deste trabalho prendem-se, sobretudo, em testar a eficácia de diferentes tipos de comunicação na aprendizagem, a partir da produção escrita realizada com exercícios de narrativas. Por outras palavras, o que se pretende é que a adoção de metodologias fora do comum, que sejam capazes de envolver os alunos no processo ensino-aprendizagem, permitam que estes sejam construtores do seu próprio conhecimento e consigam extrair o máximo de significado para a consolidação dos seus saberes. Além disso, é importante demonstrar que até em disciplinas consideradas mais teóricas, como acontece com a História, existem meios capazes de captar o interesse dos alunos e torná-los menos passivos.

Para poder avaliar os resultados dos exercícios de narrativas escritas, foram construídas tabelas que obedecem aos mesmos parâmetros para as duas disciplinas, onde foi possível depreender quais os tipos de comunicação que se revelaram mais eficientes para a aprendizagem dos conteúdos lecionados, tendo em consideração os aspetos estruturantes que eram solicitados aos alunos para abordarem ao longo dos seus discursos escritos. Isto é, visto que em cada exercício de narrativa era pedido que os estudantes tocassem em determinados tópicos, que por sua vez eram tópicos chave, o objetivo era constatar se esses tinham sido, efetivamente, assimilados com o tipo de comunicação utilizada. A par disto está, também, associado um quadro que categoriza as narrativas dos alunos para podermos analisar o nível da consistência do discurso que estes apresentam que nos permitirá retirar ilações sobre quais as estratégias de aprendizagem mais favoráveis ao aparecimento de narrativas mais consistentes. Conforme vão sendo apresentados os resultados, serão exibidos excertos que incidem sobre os textos mais completos que se produziram, para que se possa comprovar o efeito das estratégias aplicadas.

1. Análise dos resultados na disciplina de História

Para procedermos à análise do nível de consistência do discurso que os alunos apresentam nos exercícios de narrativas escritas, foi elaborado um quadro com a categorização e devidos indicadores, ordenada por ordem decrescente que nos irá permitir tirar conclusões acerca da eficácia das estratégias de aprendizagem usadas nas aulas História.

Categorização das narrativas produzidas pelos alunos	
Categoria	Indicadores
Narrativa Fragmentada	Narrativa sem estrutura lógica, constituída por frases soltas e/ou incompletas, com referências pontuais aos acontecimentos históricos, originando um discurso confuso e com pouco rigor histórico que se afasta parcialmente do assunto histórico em causa.
Narrativa Descritiva Simples	Narrativa com uma estrutura lógica visível, no entanto com algumas expressões incompletas, informação pouco organizada, mas que apresenta um fio condutor onde se detetam implicitamente referências aos acontecimentos históricos.
Narrativa Descritiva com Coerência	Narrativa com uma estrutura lógica visível através de um fio condutor onde se detetam ligações implícitas e explícitas entre os acontecimentos históricos, que resulta num texto que demonstra uma boa compreensão histórica.
Narrativa Completa	Narrativa que evidencia uma estrutura lógica através de uma sequência organizada e coerente, com referência sólida e justificada dos conhecimentos históricos, integra informação de várias fontes, rica em detalhes que demonstram uma boa compreensão histórica da situação.

Quadro 2 Categorização das narrativas dos alunos na disciplina de História

1.1. Primeiro exercício de narrativa escrita

A realização do primeiro exercício de narrativa escrita, como anteriormente referido, foi sustentado numa aula que teve como comunicação a exposição do professor. Neste, os alunos deveriam imaginar que tinham um amigo a combater nas tropas de D. Afonso Henriques na Batalha de São Mamede e redigir-lhe uma carta para obterem informações acerca da situação que vivenciava. Privilegiava-se que abordassem os tópicos relativos à localização no tempo e no espaço desta batalha, os motivos que a espoletou, os objetivos, as finalidades e em que medida esta batalha foi decisiva para a autonomia do Condado Portucalense e na relação de forças entre os apoiantes de D. Teresa e de D. Afonso Henriques.

Partindo da tabela elaborada (ver anexo 10) vemos, através do gráfico 1 que esta atividade, embora fosse a primeira, decorreu como esperado uma vez que a esmagadora maioria dos alunos realizou o exercício proposto o que se revela um fator claramente positivo.

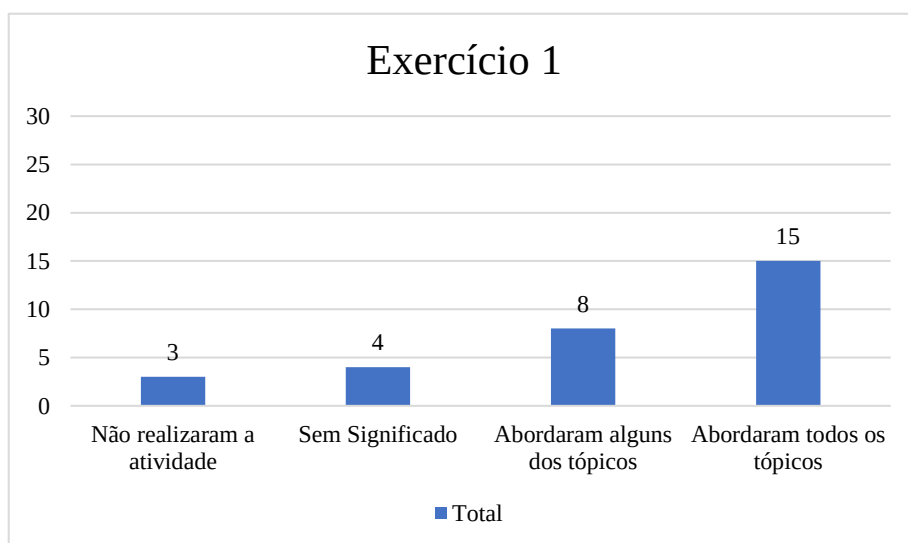


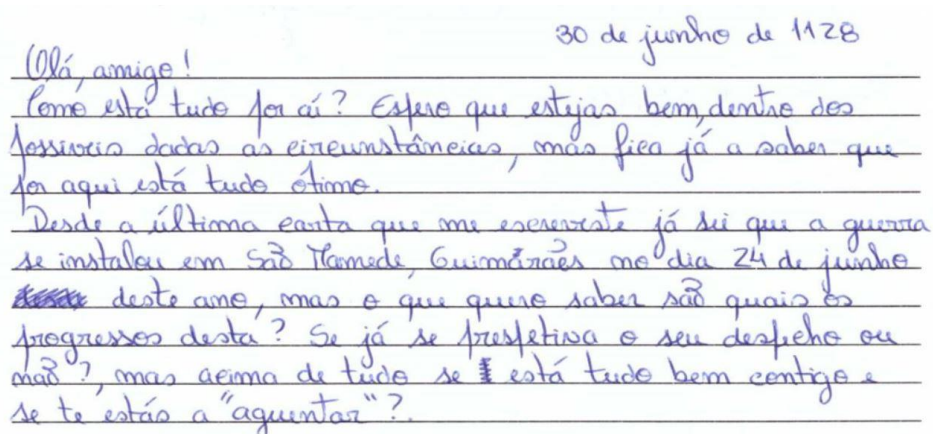
Gráfico 1 Total de alunos que realizaram o Exercício 1 em Valores Absolutos

Para nosso agrado, depois de analisados todos os dados, podemos constatar que a maioria dos alunos conseguiu atingir os objetivos definidos, tocando em todos os aspetos considerados fundamentais para esta aula. As narrativas elaboradas situam-se nas categorias de narrativas descritivas com coerência e narrativas completas. Por outro lado, porém, em menor quantidade, alguns alunos apenas tocaram em determinados aspetos sendo as narrativas pertencentes à categoria das narrativas descritivas simples. No

entanto, a verdade é que na generalidade todos referenciaram alguns dos aspetos pretendidos, sendo apenas uma exígua minoria que não tratou o que era desejado ou não realizou a atividade o que nos faz categorizar estas narrativas como narrativas fragmentadas.

Isto dá-nos a indicação de que o tipo de comunicação utilizada nesta aula se repercutiu de forma eficaz, na qual se destaca o papel determinante do professor. Aqui foi possível perceber que os alunos, apesar de aludirem que têm agrado pela utilização de estratégias diferentes, o professor continua a ser um elemento basilar no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, temos de ter em consideração que os conteúdos lecionados não eram nenhuma novidade, dado que em anos transatos esta temática é fortemente desenvolvida. Ao analisar estes resultados podemos, também, concluir que a turma correspondeu de modo correto ao exercício pedido sem manifestar dificuldades na sua resolução.

É legítimo, ainda, dar realce à criatividade dos alunos no desempenho, atendendo à forma rigorosa e cuidada como escreveram as suas cartas, incorporando fielmente a sua posição de amigo. Alguns exemplos selecionados evidenciam o que pretendemos inferir.



30 de junho de 1128

Olá, amigo!

Como está tudo por aí? Espero que estijas bem dentro das possibilidades dadas as circunstâncias, mas fica já a saber que por aqui está tudo ótimo.

Desde a última carta que me escreveste já sei que a guerra se instalou em São Tomé, Guimaraes no dia 24 de junho ~~deste ano~~ deste ano, mas o que quero saber são quais os progressos desta? Se já se prespetiva o seu desfecho ou não?, mas acima de tudo se ~~est~~ está tudo bem contigo e se te estás a "aguentar"?

Imagem 2 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1

fosse afastada do poder e fez com que dessem mais um passo na conquista da independência de Portugal.

A história será contada da seguinte maneira: Após a morte do conde D. Henrique em 1112, D. Teresa que ficou viúva, manteve-se no poder e uniu-se com o conde Bermudo Peres de Trava, e mais tarde com seu irmão galego Fernão Peres de Trava. Caso D. Teresa se casasse com Bermudo, o Condado Portucalense e o Reino da Galiza uniam-se, e Portugal perderia a sua independência. Como D. Afonso Henriques queria continuar o sonho do pai, que era conquistar a independência de Portugal, este começou por afastar a mãe do poder, revoltando-se contra ela e, em 1128, conseguiu com que isso se concretizasse, vencendo a mãe (D. Teresa) na Batalha de São Mamede. D. Afonso Henriques conseguiu afastar a sua mãe do poder, mas ainda terá de enfrentar mais obstáculos para alcançar a independência de Portugal.

Resumidamente será assim, e nessa altura, estarei orgulhoso de tudo o que fizeste para ajudar. Espero que estejas bem e que nos possamos ver muito em breve. Morro de saudades tuas.

Beijos e abraços!

da tua amiga
Ana Sofia Cruz

P.S. Adoro-te! És o meu orgulho, a minha força para todos os dias.



(...) fosse afastada do poder e fez com que dessem mais um passo na conquista da independência de Portugal.

A história será contada da seguinte maneira: Após a morte do conde D. Henrique em 1112, D. Teresa que ficou viúva, manteve-se no poder e uniu-se com o conde Bermudo Peres de Trava e, mais tarde, com seu irmão galego Fernão Peres de Trava. Caso D. Teresa se casasse com Bermudo, o Condado Portucalense e o Reino da Galiza uniam-se e Portugal perderia a sua independência.

Como D. Afonso Henriques queria continuar o sonho do pai, que era conquistar a independência de Portugal, este começou por afastar a mãe do poder, revoltando-se contra ela e, em 1128, conseguiu que isso se concretizasse, vencendo a mãe (D. Teresa) na Batalha de São Mamede. D. Afonso Henriques conseguiu afastar a sua mãe do poder, mas ainda terá de enfrentar mais obstáculos para alcançar a independência de Portugal.

Resumidamente será assim e, nessa altura, estarei orgulhoso de tudo o que fizeste para ajudar. Espero que estejas bem e que nos possamos ver muito em breve. Morro de saudades tuas.

Beijos e abraços da tua amiga!

P.S. Adoro-te! És o meu orgulho, a minha força para todos os dias.

Imagem 3 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1

1.2. Segundo exercício de narrativa escrita

A segunda experiência dos exercícios de narrativa escrita, consistiu na redação de um texto onde os alunos teriam de imaginar que eram um guia turístico que acompanhava um grupo de turistas numa visita ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Com base numa aula centrada na visualização e análise de imagens fixas, a temática em estudo estava relacionada com o estilo Gótico. Assim sendo, os estudantes deveriam escrever um roteiro, onde tinham de dar informações de forma rigorosa sobre este edifício de estilo Gótico, para entregarem ao grupo de turistas que iam acompanhar. Era fundamental que tratassem acerca da localização geográfica, identificassem o Rei que encomendou a obra e falassem das suas motivações, a duração da construção da obra e os nomes de alguns dos arquitetos que nela intervieram, descrevessem a fachada e o interior da Igreja, realçando os espaços que considerassem mais impressionantes para os turistas.

Considerando as informações presentes no gráfico, é possível certificar que o número de alunos que não realizou a atividade foi, ligeiramente, maior em relação ao primeiro exercício. Sabíamos de antemão que este tema não era daqueles que os alunos mais gostavam e, por isso, resistiam a trabalhá-lo. Por se tratar de uma matéria mais voltada para a vertente da arte e implicar um olhar mais detalhado, os alunos consideram-no maçador, mas a estratégia de comunicação levada a cabo conseguiu alterar, substancialmente, esse ponto de vista, já que o número de alunos que conseguiu atingir os objetivos definidos foi superior.

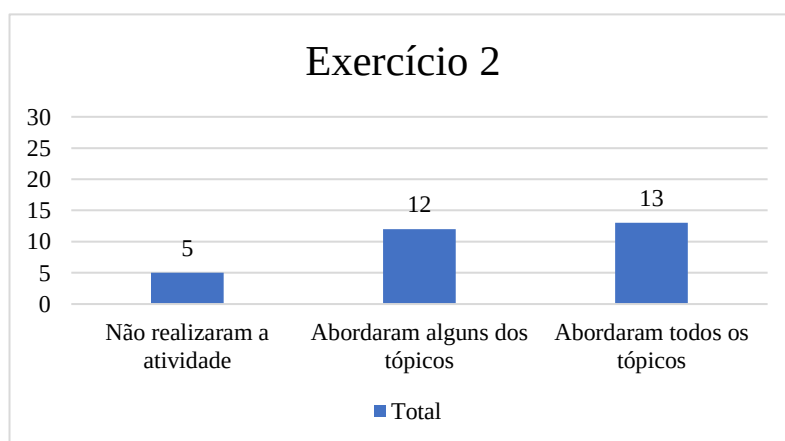
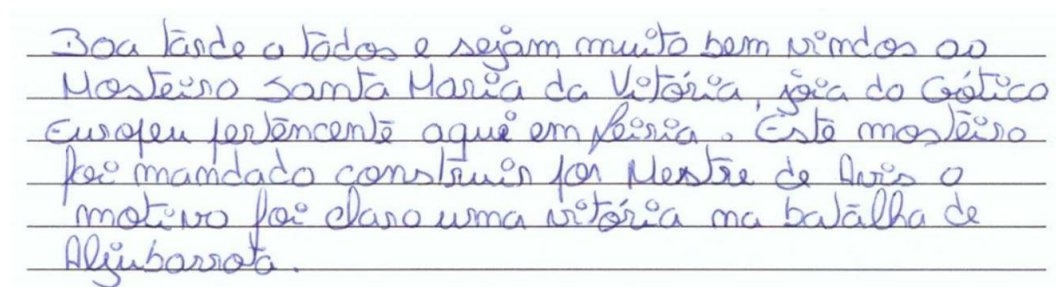


Gráfico 2 Total de alunos que realizaram o Exercício 2 em Valores Absolutos

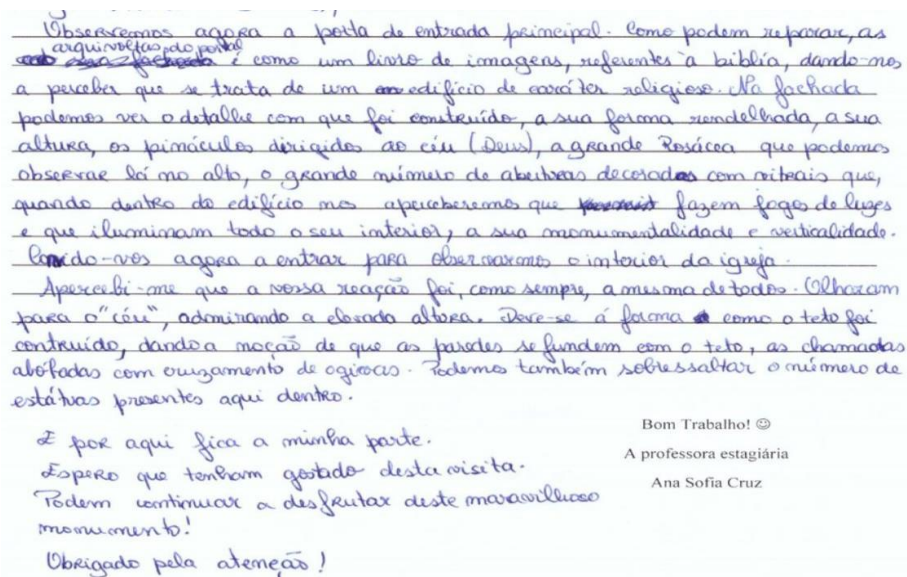
O facto de termos conseguido motivar mais os alunos nesta aula do que na anterior, espelha-se nos resultados obtidos, dado que a maioria conseguiu focar todos os tópicos pretendidos. O número de alunos que conseguiram tocar em alguns dos tópicos aumentou, consideravelmente, o que significa que quase todos os alunos conseguiram abordar todos os tópicos ou pelo menos abordar alguns deles, sendo que nenhum escreveu algo avesso ao que foi pedido ponto este que se registou no exercício anterior. Portanto, os alunos cumpriram com o esperado e apresentaram textos muito completos e bem fundamentados o que é um fator positivo. Neste segundo exercício, as narrativas desenvolvidas encontram-se na categoria de narrativa descritiva com coerência e narrativa completa.

Assim, depreendemos que a motivação e o envolvimento dos alunos nesta aula, além de proveitoso, foi determinante na aprendizagem dos conteúdos lecionados. Os resultados superam as expetativas, pois demonstram que através desta estratégia os alunos adquiriram aprendizagens significativas. Os exemplos que a seguir se apresentam conseguem elucidar-nos inequivocamente.



Boa tarde a todos e sejam muito bem vindos ao Mosteiro Santa Maria da Vitória, joia do Gótico Europeu pertencente aqui em Lisboa. Este mosteiro foi mandado construir por Mestre de Avis o motivo foi claro uma vitória na batalha de Aljubarrota.

Imagem 4 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2



Observamos agora a porta de entrada principal. Como podem reparar, as paredes são feitas de pedra e como um livro de imagens, referentes à bíblia, dando-nos a perceber que se trata de um edifício de carácter religioso. Na fachada podemos ver o detalhe com que foi construída, a sua forma remodelada, a sua altura, os pináculos dirigidos ao céu (Deus), a grande Rosária que podemos observar lá no alto, o grande número de aberturas decoradas com vitrais que, quando dentro do edifício nos apercebemos que ~~podemos~~ fazem fogos de luzes e que iluminam todo o seu interior, a sua monumentalidade e verticalidade. Quando nos apana a entrar para observarmos o interior da igreja. Apreciei-me que a nossa reação foi, como sempre, a mesma de todos. Olhamos para o "céu", admirando a elevada altura. Deve-se a forma ~~de~~ como o teto foi construído, dando a noção de que as paredes se fundem com o teto, as chamadas abóbadas com encaimento de ogivas. Podemos também sobressaltar o número de estátuas presentes aqui dentro.

É por aqui fica a minha parte.
Espero que tenham gostado desta visita.
Podem continuar a desfrutar deste maravilhoso monumento!
Obrigado pela atenção!

Bom Trabalho! ☺
A professora estagiária
Ana Sofia Cruz

Imagem 5 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2

1.3. Terceiro exercício de narrativa escrita

A execução do terceiro exercício de narrativa escrita seguiu-se a uma aula que empreendeu a realização de um trabalho de grupo. Este visava que os alunos assumissem a posição de um cronista que tinha de escrever uma publicação acerca da ação de Martinho Lutero na criação das igrejas protestantes. Nesta atividade escrita deveriam incluir os antecedentes mais longínquos da Reforma Protestante, isto é, a questão do Cisma do Ocidente e as críticas dirigidas à Igreja de Roma desde finais da Idade Média, os antecedentes próximos da Reforma Protestante, ou seja, a questão das indulgências e a posição de Martinho Lutero perante a salvação dos fiéis, a rutura de Lutero com a Igreja Católica e a formação de novas igrejas cristãs e os princípios doutrinários das igrejas protestantes.

Refletindo sobre os dados presentes no gráfico, podemos assinalar algumas alterações face ao exercício anterior. Embora o número de alunos que conseguiram chegar a todos os tópicos tenha decrescido ligeiramente, aumentou o número daqueles que abordaram alguns dos tópicos, o que provocou uma diminuição considerável no número de alunos que não realizaram a atividade.

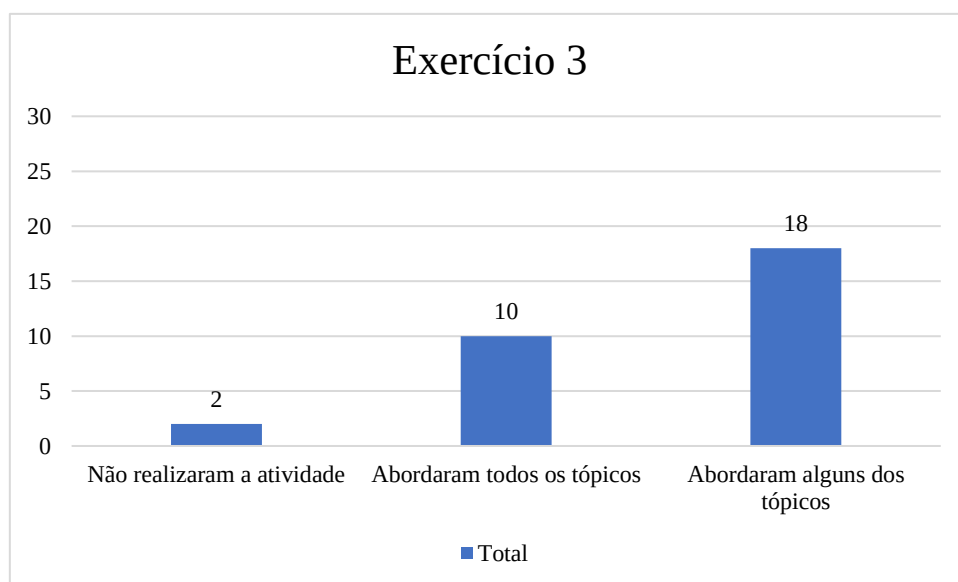
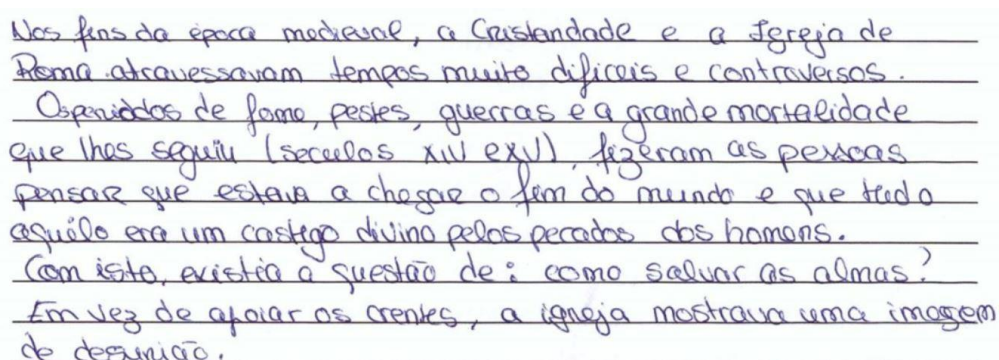


Gráfico 3 Total de alunos que realizaram o Exercício 3 em Valores Absolutos

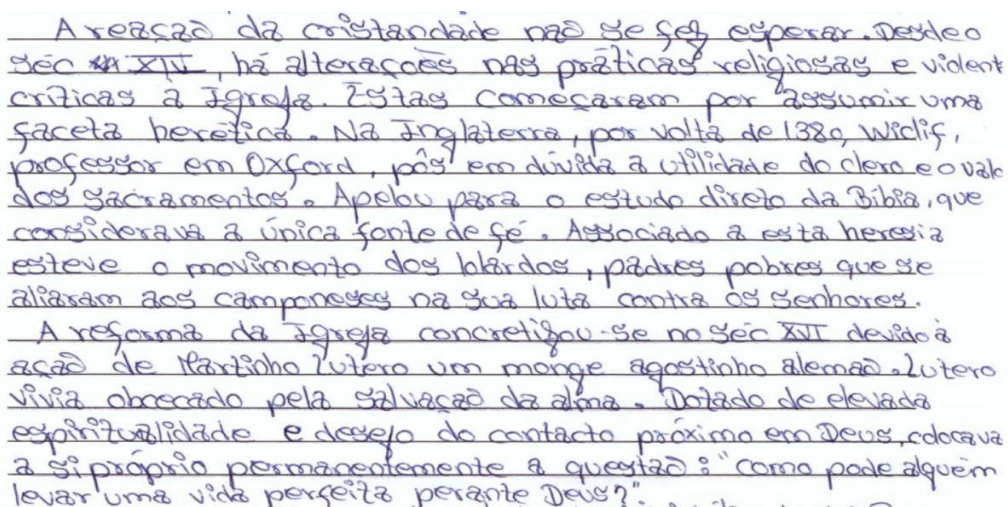
De todos os exercícios de narrativas escritas, foi neste onde registamos a menor percentagem de estudantes que não realizaram a atividade. Isto leva-nos a pensar que a prossecução desta modalidade de aulas afirma-se de maneira muito positiva. As narrativas produzidas concentram-se na categoria de narrativa descritiva com coerência e narrativa completa. A componente escrita tem muito a ganhar com este modelo de exercícios, o processo de ensino-aprendizagem assegura uma dinâmica muito mais agradável para os estudantes dado que as aulas adquirem uma forma menos monótona. Assim, a assimilação dos conhecimentos acaba por ter contornos mais significativos, a retenção dos conteúdos processa-se quase que de modo mecânico levando, posteriormente, os alunos a recordarem mais facilmente a matéria dada.

Quando olhamos para as narrativas dos alunos conseguimos notar o reflexo da consolidação dos conteúdos lecionados, vemos a presença de uma organização clara das ideias e o uso correto do vocabulário próprio da disciplina de História, informações essenciais para dar resposta assertiva ao exercício proposto como mostram os exemplos seguintes.



Nos fins da época medieval, a Cristandade e a Igreja de Roma atravessavam tempos muito difíceis e controversos. Opendos de fome, pestes, guerras e a grande mortalidade que lhes seguiu (séculos XIV e XV), fizeram as pessoas pensar que estava a chegar o fim do mundo e que tudo aquilo era um castigo divino pelos pecados dos homens. Com isto, existia a questão de: como salvar as almas? Em vez de apoiar os crentes, a Igreja mostrava uma imagem de desunião.

Imagem 6 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3



A reação da cristandade não se fez esperar. Desde o séc. XIV, há alterações nas práticas religiosas e violentas críticas à Igreja. Estas começaram por assumir uma faceta herética. Na Inglaterra, por volta de 1380, Wiclif, professor em Oxford, pôs em dúvida a utilidade do clero e o valor dos sacramentos. Apelo para o estudo direto da Bíblia, que considerava a única fonte de fé. Associado a esta heresia esteve o movimento dos bíblicos, padres pobres que se aliam aos camponeses na sua luta contra os Senhores. A reforma da Igreja concretizou-se no séc. XVI devido à ação de Martinho Lutero um monge agostinho alemão. Lutero vivia obcecado pela salvação da alma. Dotado de elevada espiritualidade e desejo do contacto próximo em Deus, colocava a si próprio permanentemente a questão: "Como pode alguém levar uma vida perfeita perante Deus?".

Imagem 7 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3

1.4. Quarto exercício de narrativa escrita

A concretização do quarto, e último, exercício de narrativa escrita na disciplina de História assentou numa aula em que foram utilizadas as imagens em movimento. No exercício proposto, os alunos tinham de imaginar que faziam parte da tripulação de um navio que transportava escravos negros e escrever uma página de um diário acerca do comércio escravo, que se intensificou durante a Idade Moderna, descrevendo os aspetos que mais marcaram a sua experiência. No relato deviam incluir todas as particularidades desde a captura ao transporte até à venda nos mercados, além de todas as sensações experienciadas perante uma situação desta natureza. Neste exercício era importante que focassem os aspetos relativos aos antecedentes que impulsionaram a escravização, a que atividades se destinavam a mão de obra escrava, a origem e o destino destes escravos, como era feito o transporte e como começam a surgir as primeiras manifestações da defesa dos Direitos Humanos.

Atentando no gráfico, percebemos que, chegando ao final da concretização da realização dos exercícios de narrativas escritas, o número de alunos que consegue abordar todos os aspetos pretendidos continua em alta, embora tenha descido ligeiramente em relação ao exercício anterior. Neste caso, as narrativas elaboradas, continuam a fazer parte das categorias de narrativa descritiva com coerência e narrativa completa, no entanto assinala-se uma narrativa que se encaixa na categoria de narrativa fragmentada.

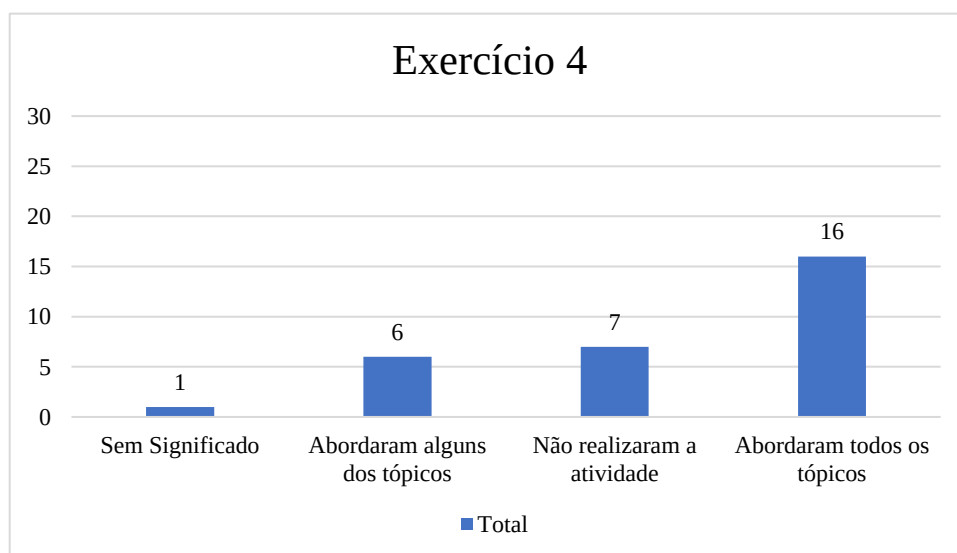
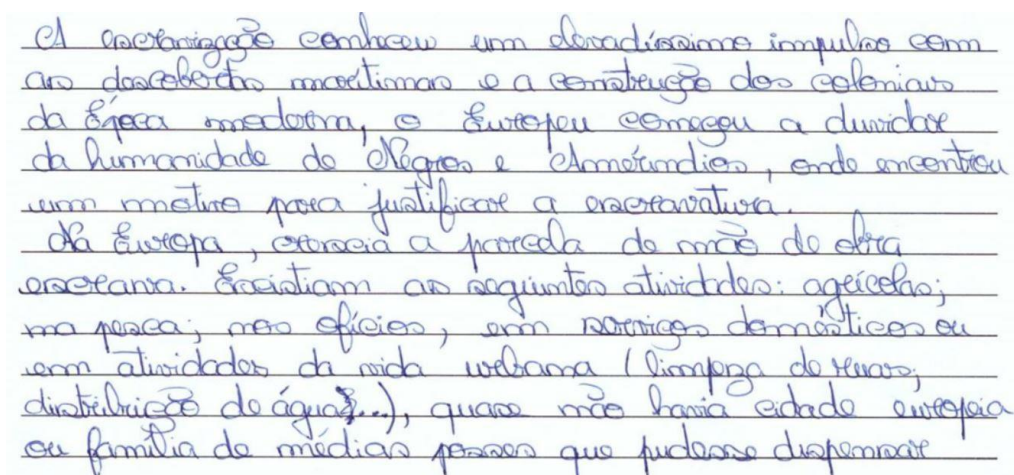


Gráfico 4 Total de alunos que realizaram o Exercício 4 em Valores Absolutos

Os resultados obtidos deixam-nos muito satisfeitos, pois significa que as estratégias de comunicação que se têm vindo a aplicar na disciplina de História têm surtido o efeito desejado. Também é perceptível o decréscimo do número de alunos que apenas tocou em alguns dos tópicos pretendidos. Isto significa, que na generalidade todos trataram algum ponto acerca do que era pedido. Todavia, observamos um ligeiro aumento do número de alunos que não realizou a atividade que pode ser, claramente, explicado pelo facto de já nos encontrarmos próximos do final do terceiro período e os níveis de concentração já só se direcionarem para a palavra “férias”. Além disso, também o cansaço já se tornava bastante evidente. Para exemplificar os resultados obtidos seguem-se dois excertos de produções textuais de dois alunos.



A exploração conheceu um decréscimo impulsos com
as descobertas marítimas e a construção dos coloniais
da época moderna, o Europeu começou a diminuir
de humanidade do Negro e Ameríndios, onde encontrou
um motivo para justificar a escravatura.
Na Europa, crescia a procura de mão de obra
escravata. Existiam as seguintes atividades: agricultura;
na pesca; nos ofícios, em serviços domésticos ou
em atividades da vida urbana (limpeza de ruas,
distribuição de água...), quase não havia cidade europeia
ou família de médias pessoas que pudesse dispensar

Imagem 8 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4

Elas são consideradas homens mas vulgares mercadorias, apesar de serem consideradas valiosas pois quase que não há cidade europeia ou família de médias posses que dispense o trabalho destes seres.

São na sua grande maioria prisioneiros da África e são transportados nos navios até o continente americano, lugar para onde ~~eu~~ eu e a minha tripulação nos dirigimos neste momento. Sei que quando lá chegar cerca de um terço dos escravos embarcados terão já perecido de fome, sede, doença, asfixia ou de acidentes, revoltas e repressões, mas também não se espera muito melhor tendo em conta as condições que lhes são dadas aqui. São exageradamente violentados e desrespeitados pela sua condição humana.

Pelo menos alegrar-me saber que na América espanhola já sucederam as primeiras manifestações de defesa dos "Direitos Humanos" que ^{queriam a} esperavam estes negros. Apesar de terem aparecido por causa da

Imagem 9 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4

Posto isto, e fazendo uma análise geral, podemos inferir que apesar da grande maioria das aulas se desenvolverem através de metodologias tradicionais, onde os recursos didáticos utilizados se resumem ao manual escolar e à exposição do professor, não se pode negar que a partir destas, os alunos também adquirem aprendizagens significativas. É certo que a reação perante este tipo de aulas é pouco positiva manifestando-se um grande desinteresse, mas não quer dizer que com este método os alunos não consigam obter as bases estruturantes dos conteúdos lecionados. Porém, quando se utilizam métodos diferentes os alunos deixam de lado o papel passivo que têm perante aulas mais tradicionais e tornam-se sujeitos ativos no seu próprio processo de ensino-aprendizagem adquirindo uma maior autonomia. Ao aguçarmos o interesse e a curiosidade dos estudantes, estes ficam mais estimulados e correspondem com mais afinco aos exercícios propostos, passando a reconhecer utilidade nas disciplinas que estudam o que se configura na aquisição, em maior escala, de aprendizagens significativas. Os resultados obtidos traduzem impreterivelmente estas conclusões.

2. Análise dos resultados na disciplina de Geografia

Do mesmo modo que aconteceu na disciplina de História, para procedermos à análise do nível de consistência do discurso que os alunos apresentam nos exercícios de narrativas escritas, foi elaborado um quadro com a categorização e devidos indicadores, ordenada por ordem decrescente que nos irá permitir tirar conclusões acerca da eficácia das estratégias de aprendizagem usadas nas aulas Geografia.

Categorização das narrativas produzidas pelos alunos	
Categoria	Indicadores
Narrativa Fragmentada	Narrativa sem estrutura lógica, constituída por frases soltas e/ou incompletas, com referências pontuais aos saberes geográficos, originando um discurso confuso e com pouco rigor que se afasta parcialmente do assunto em causa.
Narrativa Descritiva Simples	Narrativa com uma estrutura lógica visível, no entanto com algumas expressões incompletas, informação pouco organizada, mas que apresenta um fio condutor onde se detetam implicitamente referências aos saberes geográficos.
Narrativa Descritiva com Coerência	Narrativa com uma estrutura lógica visível através de um fio condutor onde se detetam ligações implícitas e explícitas entre os conhecimentos geográficos, que resulta num texto que demonstra uma boa compreensão geográfica.
Narrativa Completa	Narrativa que evidencia uma estrutura lógica através de uma sequência organizada e coerente, com domínio sólido e justificada dos conhecimentos geográficos, integra informação de várias fontes, rica em detalhes que demonstram uma boa compreensão geográfica da situação.

Quadro 3 Categorização das narrativas dos alunos na disciplina de Geografia

2.1. Primeiro exercício de narrativa escrita

A realização do primeiro exercício de narrativa escrita na disciplina de Geografia compreendeu a redação de um pequeno texto em que os alunos teriam de se colocar no lugar de um jornalista. Deste modo, tinham de fazer uma reportagem acerca de um local que necessitasse de um dos programas de intervenção urbana abordados na aula. Não existindo a imposição de um programa específico, os estudantes poderiam escolher qual queriam trabalhar. Os conteúdos lecionados, foram consolidados a partir de uma aula onde se utilizou como estratégia a aprendizagem cooperativa. Neste segmento, era importante que conseguissem referir a designação do programa selecionado, quais os seus objetivos, os problemas que tenta travar, as suas finalidades e em que medida este iria contribuir para a melhoria das condições de vida urbana da cidade.

Com base na tabela construída (ver anexo 11), é possível observarmos através do gráfico resultante, que esta primeira atividade não correu bem.

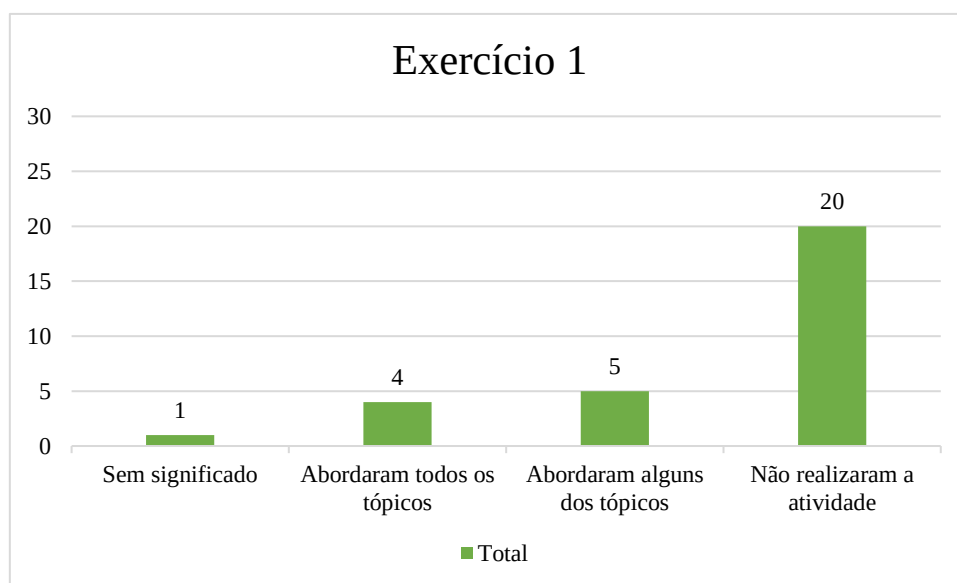


Gráfico 5 Total de alunos que realizaram o Exercício 1 em Valores Absolutos

Como referido, anteriormente, enquanto que no caso da disciplina de História foi possível os alunos fazerem todos os exercícios de narrativas escritas em contexto de sala de aula, no caso da disciplina de Geografia isso não aconteceu, por isso, foi forçosamente necessário fazerem alguns em casa. Neste primeiro exercício, aconteceu exatamente isso e os resultados obtidos falam por si.

Ao analisarmos o gráfico podemos verificar que, mais de metade dos alunos, não realizou a atividade. É facto que o motivo principal que levou a estes resultados está relacionado com a realização da atividade fora da sala de aula, no entanto podemos ainda apontar outras razões para o sucedido. A turma mostrava-se muito resistente à realização deste tipo de exercícios e, até mesmo, de qualquer outro tipo de exercício. Aliado a isto, os alunos apresentavam-se pouco receptivos para com as aulas e não viam qualquer proveito neste género de atividade, sendo muito poucos aqueles que tinham verdadeiro interesse pela disciplina. O ideal seria que na realização dos exercícios de narrativas escritas seguintes, não se voltasse a cometer este erro, mas dada a postura irredutível da orientadora cooperante em ceder tempo letivo, o panorama volta a repetir-se em mais um dos exercícios como vamos poder ver posteriormente.

De qualquer forma, apesar do cenário pouco agradável, a pequena porção de alunos que realizou a atividade conseguiu, na generalidade, responder ao que era solicitado o que resultou em textos plenos de sentido e muito bem organizados que podemos inserir nas categorias de narrativa descritiva com coerência e narrativa completa. Os dois exemplos abaixo exibidos constatarem os resultados. Conquanto, como para toda a regra à uma exceção, temos de apontar a existência de um aluno em que a sua escrita se revelou completamente sem significado, colocando a narrativa realizada na categoria de narrativa fragmentada.

Bem, se eu tivesse de colocar-me num lugar de um jornalista e tivesse de fazer uma reportagem sobre um local que necessitasse de um dos programas de intervenção urbana, eu provavelmente faria assim:

Eu como jornalista Filipa Pacheco encontro-me junto de uma fábrica abandonada da cidade de Paredes onde vamos começar aos poucos a ver melhorias na infra-estrutura de acordo com o programa do PRAUD (Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas).

Este programa PRAUD, tem como principal objetivo o apoio técnico e financeiro aos municípios de operações de reabilitação ou renovação de áreas de vocação urbana. Para além disto, visa ainda cumprir objetivos como a promoção da reabilitação ou renovação das áreas urbanas, promover a criação de gabinetes técnicos para assegurarem todas as operações de reabilitação e, sobretudo, compartilhar nos custos de reabilitação ou renovação das áreas urbanas degradadas.

Posto isto, é verificável que o PRAUD tenta travar vários problemas entre os quais as áreas urbanas com edifícios ou infra-estruturas degradadas, assim como os espaços públicos com identidade histórica e cultural e, deste modo, financiar operações de reabilitação ou renovação das áreas urbanas, dando uma promoção de financiamento



Bem, se eu tivesse de colocar-me num lugar de um jornalista e tivesse de fazer uma reportagem sobre um local que necessitasse de um dos programas de intervenção urbana, eu provavelmente faria assim:

Eu como jornalista Filipa Pacheco encontro-me junto de uma fábrica abandonada da cidade de Paredes onde vamos começar aos poucos a ver melhorias na infra-estrutura de acordo com o programa PRAUD (Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas).

Este programa PRAUD, tem como principal objetivo o apoio técnico e financeiro aos municípios de operações de reabilitação ou renovação de áreas de vocação urbana. Para além disto, visa ainda cumprir objetivos como a promoção da reabilitação ou renovação das áreas urbanas, promover a criação de gabinetes técnicos para assegurarem todas as operações de reabilitação e, sobretudo, compartilhar nos custos de reabilitação ou renovação das áreas urbanas degradadas.

Posto isto, é verificável que o PRAUD tenta travar vários problemas entre os quais as áreas urbanas com edifícios ou infra-estruturas degradadas, assim como os espaços públicos com identidade histórica e cultural e, deste modo, financiar operações de reabilitação ou renovação das áreas urbanas com a promoção de financiamento (...).

Imagem 10 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1

Todo o complexo desportivo da Rua das Laranjeiras, já representou o exlíbrio da cidade de Paredes, sendo um local que deixava, até à bem pouco tempo todos os habitantes da cidade satisfeitos e orgulhosos.

Com uma fantástica localização, este complexo constituído pelas piscinas municipais, 2 cortes de ténis, o estádio municipal e um pequeno complexo de treinos e formação constituído por diversos pequenos campos de relva sintética encostados ao estádio com um campo em relva natural e um pavilhão desportivo com todas as condições que na altura, há cerca de 10 anos atrás, era o melhor da região norte e o 3º melhor do país. Situado junto às escolas (do outro lado da rua) tornava-se um verdadeiro centro de formação e diversão para os jovens da cidade, pois seria muito fácil para qualquer jovem ir à escola e quando acabassem as aulas ir praticar a sua modalidade desportiva com as melhores condições que pudesse imaginar.



Todo o complexo desportivo da Rua das Laranjeiras, já representou o exlíbrio da cidade de Paredes, sendo um local que deixava, até à bem pouco tempo todos os habitantes da cidade satisfeitos e orgulhosos.

Com uma fantástica localização, este complexo constituído pelas piscinas municipais, 2 cortes de ténis, o estádio municipal e um pequeno complexo de treinos e formação constituído por diversos pequenos campos de relva sintética encostados ao estádio com um campo em relva natural e um pavilhão desportivo com todas as condições que na altura, há cerca de 10 anos atrás, era o melhor da região norte e o 3º melhor do país. Situado junto às escolas (do outro lado da rua) tornava-se um verdadeiro centro de formação e diversão para os jovens da cidade, pois seria muito fácil para qualquer jovem ir à escola e quando acabassem as aulas ir praticar a sua modalidade desportiva com as melhores condições que pudesse imaginar.

Imagem 11 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 1

2.2. Segundo exercício de narrativa escrita

A execução do segundo exercício de narrativa escrita tinha por objetivo a elaboração de um pequeno texto no qual os alunos teriam de assumir a posição de um representante de uma cidade (grande ou média), de acordo com o papel que desempenharam na aula que se alicerçou num debate, que vai participar numa cimeira que tem como tema central as cidades, na qual se vão discutir os efeitos dos problemas e medidas para os combater. Era essencial que se mostrassem capazes de tocar em aspetos relativos às características da rede urbana, à distribuição das aglomerações urbanas no território, à hierarquia dos lugares na rede urbana, às vantagens e limitações da dispersão ou da concentração da população, à questão da coesão territorial, explicassem de que forma as soluções encontradas vão contribuir para corrigir os desequilíbrios existentes e em que medida estas soluções podem visar a cooperação entre as cidades.

Considerando os resultados obtidos representados no gráfico que se segue, podemos afirmar que, face ao primeiro exercício, o quadro mudou notavelmente. A realização deste ocorreu, como desde início idealizado, em sala de aula e como se pode constatar o número de alunos que realizou a atividade foi muito maior. Infelizmente, não conseguimos atingir a totalidade, ainda assim o maior controlo que temos quando acompanhamos de perto os alunos na concretização das atividades propostas gera um efeito muito mais positivo.

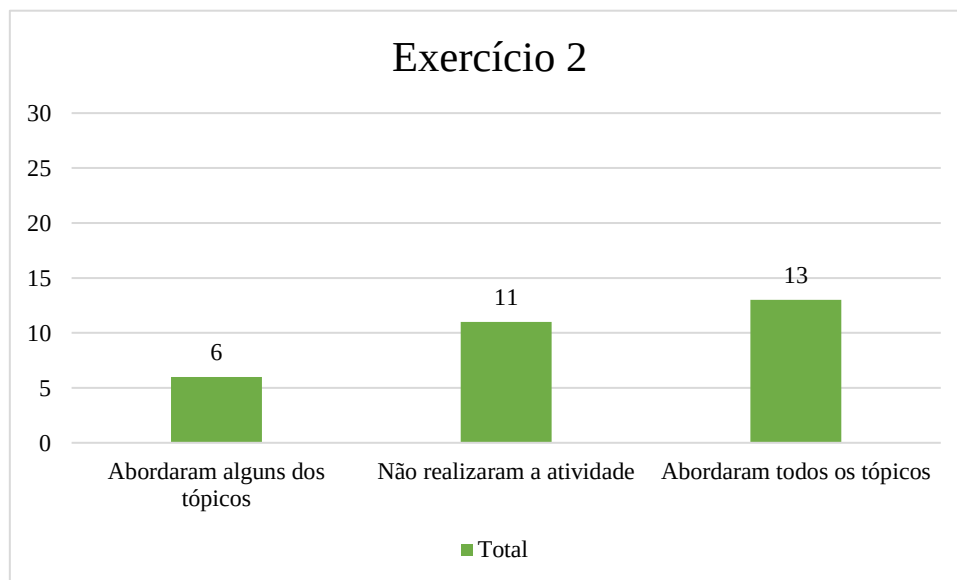
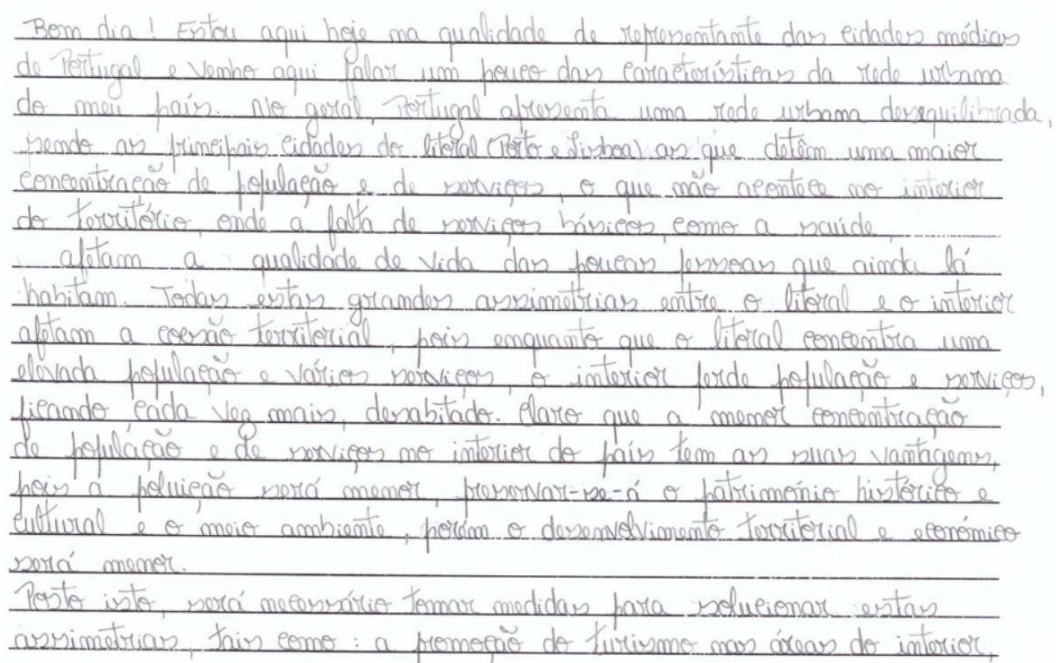


Gráfico 6 Total de alunos que realizaram o Exercício 2 em Valores Absolutos

A partir destes dados, conseguimos perceber que a estratégia usada nesta aula se mostrou eficaz. Dos alunos que realizaram a atividade a grande maioria respondeu corretamente ao que era pedido abordando todos os tópicos estabelecidos, sendo em pequena quantidade o número de alunos que só conseguiu apontar alguns dos tópicos estipulados. As narrativas produzidas enquadram-se nas categorias de narrativa descritiva com coerência e narrativa completa. Num quadro geral, isto significa que se registou uma adesão e empenho muito maior por parte dos alunos do que no exercício anterior, o que originou resultados mais satisfatórios. Os textos que produziram apresentam-se bastante consistentes e com alguma originalidade.

Comparativamente aos exercícios realizados na disciplina de História e, tendo em linha de conta as características das diferentes turmas, reconhecemos que, no caso da disciplina de Geografia, a minha postura enquanto professora teve de ser diferente da adotada em História. Aqui foi necessário motivar de forma mais intensa os alunos. Ainda assim, comprovamos que em sala de aula os alunos demonstram mais interesse no trabalho desenvolvido e deixam-se envolver pelo ambiente incentivador que se cria neste contexto, o que também ajuda na obtenção de melhores resultados. Resultados esses que estão à vista nos exemplos que se sucedem.



Bom dia! Estou aqui hoje na qualidade de representante das cidades médias de Portugal e venho aqui falar um pouco das características da rede urbana do meu país. No geral, Portugal apresenta uma rede urbana desequilibrada, tendo as principais cidades do litoral (Lisboa e Porto) as que detêm uma maior concentração de população e de negócios, o que não acontece no interior do território, onde a falta de negócios básicos, como a saúde, afetam a qualidade de vida das pessoas que aí vivem. Todas estas grandes assimetrias entre o litoral e o interior afetam a coesão territorial, pois enquanto que o litoral concentra uma elevada população e vários negócios, o interior perde população e negócios, ficando cada vez mais desabitado. Claro que a maior concentração de população e de negócios no interior do país tem as suas vantagens, pois a população não move, preservando-se o património histórico e cultural e o meio ambiente, porém o desenvolvimento territorial e económico não move.

Portanto, será necessário tomar medidas para reduzir estas assimetrias, tais como: a promoção do turismo nas áreas do interior,

Imagem 12 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2

Eu, Dr. Pedro Moreira, Reitor da Universidade do Porto, considero que o Porto, apesar de ser uma grande cidade, ainda apresenta muitos problemas estruturais na sua rede urbana, assim como a nacional. Em Portugal existe uma bipolarização, ou seja, mais de metade da população concentra-se em dois pontos do país a cidade do Porto e de Lisboa. O restante território encontra-se por isso desertificado. Encontramos uma população muito concentrada com um território completamente desequilibrado e desigual. Por todas estas razões achei, este debate, uma discussão muito interessante chegando a conclusões muito importantes que levam a medidas que urgem ser tomadas.

Chegamos à conclusão que é urgente organizar uma forte colaboração entre o litoral e o interior, as grandes e as pequenas e médias cidades, pois só dessa forma se eliminará assimetrias e levará o país para a frente.



Eu, Dr. Pedro Moreira, Reitor da Universidade do Porto, considero o Porto, apesar de ser uma grande cidade, ainda apresenta muitos problemas estruturais na sua rede urbana, assim como nacional. Em Portugal existe uma bipolarização, ou seja, mais de metade da população concentra-se em dois pontos do país, a cidade do Porto e de Lisboa. O restante território encontra-se por isso desertificado. Encontramos uma população muito concentrada com um território completamente desequilibrado e desigual. Por todas estas razões achei, este debate, uma discussão muito interessante chegando a conclusões muito importantes que levassem a medidas que urgem ser tomadas.

Chegamos à conclusão que é urgente organizar uma forte colaboração entre o litoral e o interior, as grandes e as pequenas e médias cidades, pois só dessa forma se eliminará assimetrias e levará o país para a frente.

Imagem 13 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 2

2.3. Terceiro exercício de narrativa escrita

O terceiro exercício de narrativa escrita seguiu-se após uma aula onde a comunicação se baseou na exposição do professor. Este, consistia na produção de um texto em que os alunos tinham de imaginar que eram um comerciante que pretendia promover os seus produtos fazendo-os chegar às mais variadas localidades da Europa. Para o efeito, tinham de percorrer um itinerário imaginário onde saíam da cidade de Paredes em direção à cidade do Porto, depois partiriam para Madrid. De Madrid iriam para Amesterdão onde, posteriormente, teriam de ir para a Dinamarca. Depois de alguns dias em Copenhaga rumavam até Itália porque tinham negócios a tratar com clientes residentes nas cidades de Milão, Florença, Toscana e Veneza. Ao longo desta viagem tinham de consolidar diferentes modos de transporte considerando, entre vários aspetos, as distâncias que tinham de percorrer entre os diversos locais. O que se perspectivava era que considerassem tópicos relativos à localização geográfica dos diferentes locais, à distância relativa e distância real, à distância tempo e à distância custo, à questão da acessibilidade e intermodalidade, e referissem as vantagens e desvantagens dos diferentes modos de transporte utilizados.

Ao olharmos para os resultados no gráfico abaixo relativos ao terceiro exercício de narrativa escrita, vemos aumentado o número de alunos que conseguiram mencionar todos os tópicos estruturantes da aula.

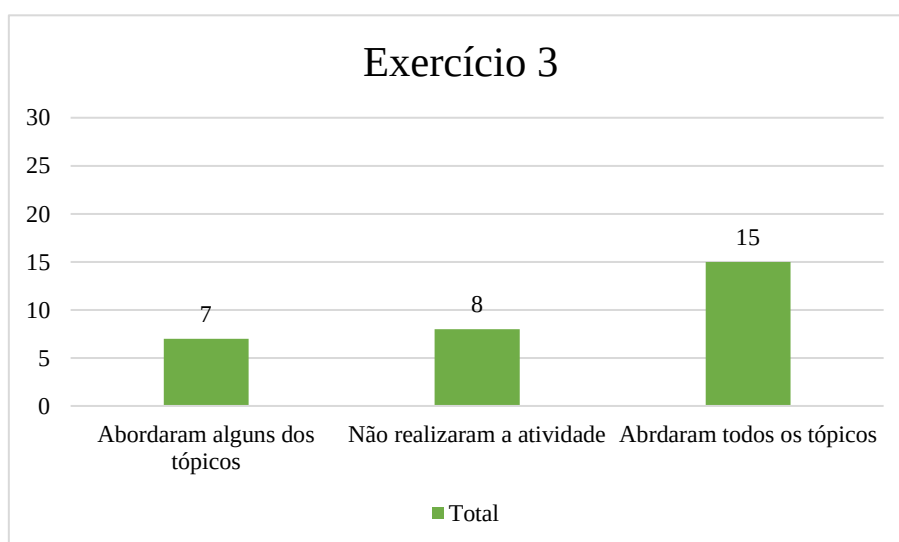
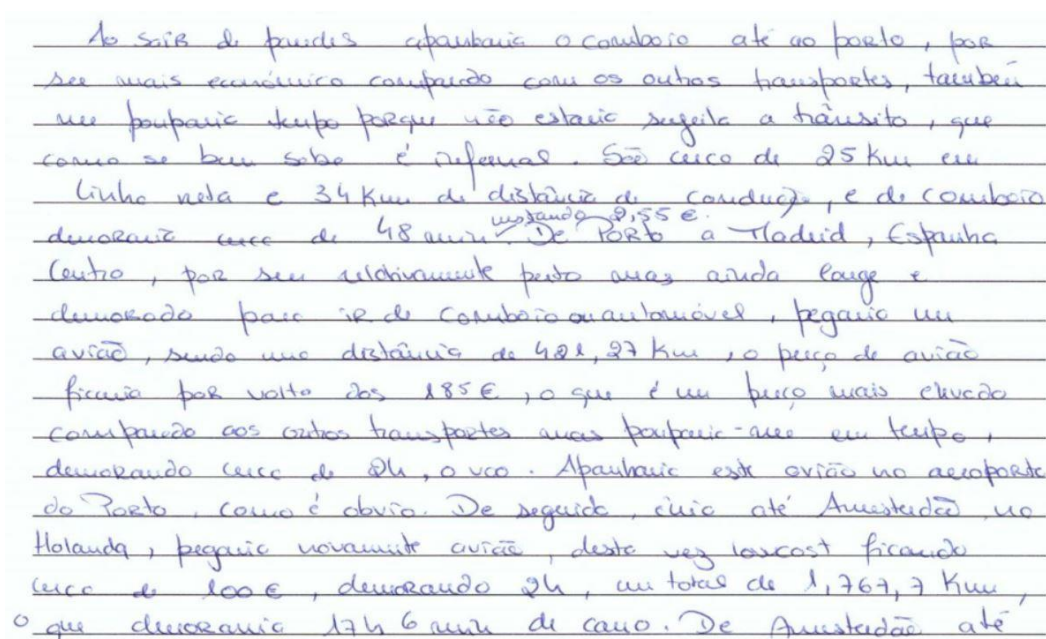


Gráfico 7 Total de alunos que realizaram o Exercício 3 em Valores Absolutos

Como houve a possibilidade de a resolução deste exercício se concretizar, uma vez mais, em sala de aula verificamos a tendência de redução do número de alunos que não realizou a atividade. Embora fosse desejável que todos realizassem o exercício, dadas as características da turma, os resultados obtidos neste quesito são manifestamente positivos. Assim, constatamos que a grande parte dos alunos, não só realizou a atividade, como obteve o sucesso pretendido com narrativas descritivas com coerência e narrativas completas.

Apesar de ter sido uma aula sustentada na exposição do professor, atestamos que os textos elaborados se encontram muito coesos e criativos. Isto significa que, mesmo utilizando formas mais tradicionais, o professor continua a ter uma posição de destaque competindo-lhe alimentar de forma motivadora o diálogo vertical e horizontal, sobretudo quando trabalha temáticas que fazem parte do quotidiano dos alunos, como aconteceu com esta aula que foi dedicada à questão dos transportes, por isso, dificultam a utilização de estratégias diferentes. No entanto, confirma-se com os exemplos subsequentes que, mais uma vez, também com este género de aulas os alunos adquirem aprendizagens significativas.



As seis de manhã apaguei o comboio até ao porto, por ser mais económico comparado com os outros transportes, também me poupei tempo porque não estava sujeito a trânsito, que como se bem sabe é infernal. São cerca de 25 km em linha recta e 34 km de distância de condução, e de comboio demorarei cerca de 48 min. ^{custando 8,55 €} De Porto a Madrid, Espanha (centro), por ser relativamente perto mas ainda longe e demorado para ir de comboio ou autocarro, peguei um avião, sendo uma distância de 421,27 km, o preço de avião ficou por volta dos 185 €, o que é um preço mais elevado comparado aos outros transportes mas poupei-me em tempo, demorando cerca de 2h, o voo. Apaguei este avião no aeroporto de Porto, como é óbvio. De seguida, fui até Amesterdão, na Holanda, peguei novamente avião, desta vez lowcost ficando cerca de 100 €, demorando 2h, um total de 1.767,7 km, o que demorarei 17h 6 min de carro. De Amesterdão até

Imagem 14 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3

destino a capital de Roma. Hála novamente de avião.
Basicamente o modo de transporte que mais utilizo foi o avião uma vez que é rápido
e cómodo, seguro e ideal para o transporte de passageiros a longo e médias distâncias
sendo ideal em situações urgentes. Assim como o avião tem o seu lado na medida em
que evita frotas simultâneas, fluidez de tráfego tem como desvantagem o horário
fixo das itinerárias e a exigência de transbordar.
Esta viagem mental dependeu então em termos de preço, fiabilidade, segurança e tempo
uma estratégia essencial à mobilidade. A integração dos modos de transporte implica
também a articulação entre chegadas e partidas de passageiros assim como a integração de
titulos de transporte dos vários modos e tipos de oferta de transportes. E assim chega ao
fim a viagem imaginativa! 11

Imagem 15 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 3

2.4. Quarto exercício de narrativa escrita

O quarto e último exercício de narrativa escrita esteve na base de uma aula onde foi implementada como estratégia comunicativa o jogo didático. Uma vez que se estava a terminar a temática da União Europeia e sendo este um tema já bem conhecido dos estudantes, pareceu-nos proveitoso consolidar as aprendizagens de uma forma mais lúdica. Assim, foi pedido aos alunos para redigirem um texto no qual demonstrassem conhecer bem a União Europeia desde o seu aparecimento até à atualidade. Para tal, deveriam conseguir falar sobre o seu surgimento (o que é, fundadores, etc.), os critérios de adesão, os órgãos de administração, os alargamentos, os tratados, as políticas de proteção ambiental em Portugal (Alterações climáticas, Qualidade do ar, Água, Solos e biodiversidade, Resíduos) e os desafios para Portugal.

Refletindo sobre os resultados presentes no gráfico que se segue, depreendemos que o quadro geral é bastante negativo.

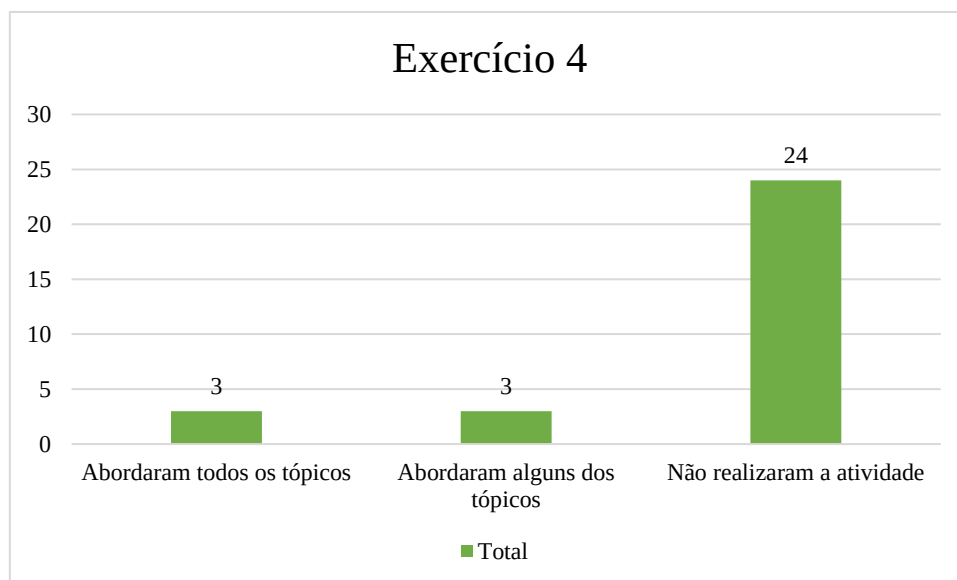


Gráfico 8 Total de alunos que realizaram o Exercício 4 em Valores Absolutos

Como já explicado, previamente, no caso da disciplina de Geografia não houve a hipótese de se realizar todos os exercícios em sala de aula, sendo que este foi mais um dos que teve de ser levado para casa. Ao confrontarmos com o primeiro exercício de narrativas escritas, cuja realização também se pautou pelos mesmos moldes, é notável que os resultados aqui foram bem piores.

No conjunto de trinta alunos, apenas seis realizaram a atividade, dos quais três alunos conseguiram abordar todos os tópicos e os restantes três alguns deles o que repercutiu em narrativas descritivas com coerência e narrativas completas. Apesar da minha insistência com os estudantes para realizarem a atividade e, das constantes lembranças para que não caísse no esquecimento, estes não corresponderam como se esperava. Para além de sabermos que, quando se pede aos alunos para fazerem alguma tarefa fora da sala de aula, dificilmente a adesão é favorável, se juntarmos o facto de aquando a realização deste exercício estarmos na reta final do terceiro período e a preocupação já só estar direccionada para o exame de Geografia A, temos os componentes necessários para obter estes resultados.

Contudo, os poucos textos produzidos apresentam-se irrepreensíveis na sua construção, como evidenciam os exemplos que se seguem, o que nos deixou satisfeitos, pois significa que as aprendizagens se revelaram significativas.

com a queda do Muro de Berlim no final de 1989, o bloco comunista de leste desmoronou-se. Este evento constituiu o ponto de partida para o processo de reunificação do continente europeu e de seu povo, dando origem à atual União Europeia. A União Europeia, fundada por Konrad Adenauer, Robert Schuman, Winston Churchill, Alcide De Gasperi e Jean Monnet, é uma parceria econômica e política constituída por 28 países europeus. Esta é constituída por quatro órgãos de administração: o Conselho Europeu, o Conselho da União Europeia, a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu. Para que os países candidatos possam pertencer à UE, devem estar enquadrados por três critérios: o critério político, o critério econômico e o critério de direito comunitário. E já foram muitos os países que entraram para a UE, sendo que o maior alargamento da UE até agora, ocorreu em 2004 com a entrada de 10 novos países, três deles, a Estónia, a Letónia, a Lituânia, a Polónia... Para que fosse mais fácil manter a ordem e a cooperação entre os países, estabeleceram-se tratados, entre os quais temos o Tratado de Roma em 1957, que premunia um desenvolvimento

Imagem 16 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4

A União Europeia foi criada com o objetivo de proporcionar paz às frequentes guerras sangrentas entre países vizinhos, que culminaram na Segunda Guerra Mundial. A partir de 1950, a comunidade Europeia da aço e carvão começa a unir economicamente os países europeus, tendo em vista assegurar uma paz duradoura. Foram os países fundadores que são Alemanha, a Bélgica, França, a Itália, o Luxemburgo e os Países Baixos.

O Conselho Europeu, reunido em Copenhaga, em 1973, estabeleceu pela primeira vez as condições de adesão dos países da Europa Central, Oriental, que ficaram conhecidos como "critérios de Copenhaga". Os países candidatos devem ser enquadrados nestes três critérios, que são os critérios políticos, econômico e de direito comunitário.

Em 1973, ocorreu o primeiro alargamento com a entrada da Inglaterra, da Irlanda e da Dinamarca. Em 1981, ocorreu o 2º alargamento com a entrada da Grécia. Portugal e Espanha entraram em 1986 fazendo o 3º alargamento.



A União Europeia foi criada com o objetivo de por um fim às frequentes guerras sangrentas entre países vizinhos que culminaram na Segunda Guerra Mundial.

A partir de 1960 a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço começa a unir económica e politicamente os países europeus, tendo em vista assegurar uma paz duradoura. Foram seis os países fundadores que são a Alemanha, a Bélgica, a França, a Itália, o Luxemburgo e os Países Baixos.

O Conselho Europeu reunido em Copenhaga, em 1993, enunciou pela primeira vez as condições de adesão aos Países da Europa Central e Oriental que ficaram conhecidos como “critérios de Copenhaga”. Os países candidatos devem ser enquadrados nestes três critérios, que são os critérios políticos, económicos e do acervo comunitário.

Em 1963, ocorreu o primeiro alargamento com a entrada da Inglaterra, da Irlanda e da Dinamarca. Em 1981, ocorreu o segundo alargamento com a entrada da Grécia. Portugal e Espanha entraram em 1986 fazendo o terceiro alargamento.

Imagem 17 Excerto de um texto de um aluno no exercício de Narrativa Escrita 4

Sendo assim, ao analisarmos genericamente o trabalho desenvolvido ao longo destas aulas podemos deduzir que, embora no caso da disciplina de Geografia tenha sido mais difícil implementar os instrumentos de recolha de dados pelos motivos já explicados, o que conseguimos apurar permitiu-nos comprovar que a aplicação de novas estratégias contribui, substancialmente, para a aquisição de saberes. De uma forma mais atrativa, o uso de métodos diversificados promove uma aprendizagem motivadora em que se favorece o despertar da curiosidade intelectual dos alunos. Perante uma turma que se caracteriza pela apatia, percebemos que a adoção de procedimentos diferentes só beneficia e enriquece o processo de ensino-aprendizagem. Todavia, dadas as condições, este proveito só se afigurou de forma mais visível quando a realização dos trabalhos aconteceu em sala de aula como ficou comprovado pelos resultados obtidos.

Em ambas as disciplinas, constatamos que os exercícios de escrita levados a cabo oferecem um sentido mais amplo às práticas educativas, auxiliam o desenvolvimento do raciocínio, criatividade e imaginação dos alunos.

Considerações Finais

A educação é aquilo que sobrevive depois que tudo o que aprendemos for esquecido.

(Burrhus Frederic Skinner)

Findo todo o processo de elaboração deste Relatório de Estágio, urge a necessidade de refletir acerca do trabalho que desenvolvemos, as conclusões a que chegamos, as limitações encontradas e apontar algumas sugestões que nos parecem pertinentes para estudos futuros.

Antes de mais, ao colocarmos esta nossa ideia em prática percebemos de forma inequívoca que, as circunstâncias da atualidade, colocam em evidência que uma das tarefas mais determinantes na atividade docente é conseguir reconhecer as diferenças existentes na sala de aula, diferenças que estão intimamente ligadas aos diferentes ritmos de aprendizagem, de interesses, de capacidades dos alunos e de encontrar estratégias eficazes que permitam o desenvolvimento destes.

A organização de um ambiente educativo favorável constitui um dos principais suportes de trabalho do professor. A organização do espaço, do tempo e do discurso constituem a base do desenvolvimento curricular e, por isso, é importante que o professor planifique esta organização e avalie o modo como contribui para a aprendizagem dos seus alunos, introduzindo os ajustamentos e correções necessárias. Ao definir os objetivos, conteúdos, métodos e estratégias a adotar o professor engenha a realização de um ensino de excelência, que tente evitar a monotonia, a rotina e o desinteresse do processo de ensino-aprendizagem. Porém, o contacto mais próximo com a realidade escolar mostrou-nos que há uma grande predominância do ensino tradicional, onde a preocupação principal é a transmissão de conhecimentos.

Apesar das vantagens apontadas à utilização de metodologias que criem um ambiente motivador, envolvente e incitem o desenvolvimento da autonomia dos alunos, a verdade é que a tendência não segue essa direção. Nas escolas pouco se faz nesse sentido, os alunos deparam-se, habitualmente, com um sistema de ensino onde a comunicação ainda se centra muito no discurso do professor. Por isso, é necessário trilhar um caminho diferente, um caminho que os conduza a uma posição menos passiva e que os faça olhar, sobretudo, para as disciplinas de História e Geografia com maior interesse. É essencial conceber aulas mais proativas, que acompanhem a realidade dos nossos alunos, para que a aprendizagem não se restrinja à memorização de conhecimentos que são convenientes

reter até à realização do teste escrito. Logo, é importante proporcionar aprendizagens significativas que permitam uma compreensão sólida dos conteúdos lecionados e, ao mesmo tempo, despertem a curiosidade intelectual dos alunos, pois só assim estamos a promover um ensino de qualidade.

Foi, então, nosso propósito, investigar se a implementação de diferentes estratégias de aprendizagem influi a receção e produção escrita dos alunos, isto é, em que medida uma comunicação em sala de aula mais dinâmica contribuí para o enriquecimento da produção textual nas disciplinas de História e Geografia. É certo que poderíamos analisar o impacto da comunicação em imensos aspetos, mas optamos por recair na produção escrita uma vez que é um procedimento basilar em qualquer disciplina. Escrever de forma coerente, estruturada, que obedeça a princípios rigorosos, usar corretamente o vocabulário histórico e geográfico é meio caminho andado para garantir o sucesso, não só nestas disciplinas, como o sucesso escolar.

Desde logo, este estudo permitiu-nos perceber que não existem milagres no que respeita ao Ensino. Conquanto, acreditamos que o professor tem um papel crucial na forma como projeta a comunicação que utiliza nas suas aulas e na influência que esta exerce sobre os alunos, tendo em vista o desenvolvimento das competências fundamentais destas disciplinas. Para iniciar este trabalho de investigação-ação foi decisivo apurar junto dos estudantes quais eram as estratégias de aprendizagem que mais lhes agradavam no processo de ensino-aprendizagem, de modo a podermos agir em conformidade. Para tal, fundamentamo-nos nas fichas de caracterização das turmas preenchidas no início do ano letivo, com as quais foi possível determinar aquilo que já suspeitávamos, efetivamente, os alunos nutrem preferência por aulas em que se utilizam metodologias que não se concentram só no discurso do professor, porém, para nossa surpresa, seguidamente as suas preferências recaem sobre aulas que se centram na explicação do professor.

Posto isto, para respondermos às questões que norteavam esta investigação, construímos um conjunto de quatro aulas diferentes para cada disciplina, em que foram aplicadas variadas estratégias de aprendizagem e incluída uma aula expositiva na qual a oralidade do professor teve maior destaque. Desta forma, conseguiríamos perceber se de facto se repercutiam diferenças ao nível da produção textual e assim retirar algumas conclusões.

Ao debruçarmo-nos sobre o trabalho desenvolvido e os dados obtidos concluímos, de imediato, que a inclusão de metodologias diversificadas melhora em grande medida a produção escrita dos alunos. Quando olhamos para os textos elaborados

a partir das aulas através das imagens fixas, imagens em movimento, trabalhos de grupo, debate ou através do jogo didático é evidente a quantidade e variedade de pormenores que os alunos incluem, o encadeamento articulado das ideias, a utilização correta do vocabulário das disciplinas, uma maior criatividade e uma maior facilidade em abranger todos os aspetos que se consideravam importantes focar. Por outro lado, quando observamos os textos produzidos com base nas aulas mais voltadas para a exposição do professor, vemos diminuída a quantidade e variedade de pormenores, a criatividade sofre, também, algumas alterações, bem como se consegue assinalar uma certa dificuldade em tocar nos tópicos fundamentais para a realização do exercício de narrativa escrita. Não obstante, a sequência mais ou menos articulada das ideias e a utilização do vocabulário das disciplinas continua, razoavelmente, presente.

Desta feita, temos neste momento as condições necessárias para podermos dar resposta às questões que orientaram este estudo: “*O que se diz?*”, “*Como se diz?*”, “*O que se produz?*” e “*Que significado têm as narrativas dos alunos?*”.

Relativamente à primeira, não há margem para dúvidas que esta reporta para os conteúdos programáticos que constituem o programa das disciplinas. Conteúdos esses que comportam em si, ou não, porque alguns afiguram-se mais áridos, uma infinidade de possibilidades de abordagem em contexto de sala de aula. Aprender é o processo de assimilação de qualquer forma de conhecimento, que vai desde o mais simples ao processo mais complexo. Assim, para que haja aprendizagem é necessário que haja todo um processo de assimilação onde o aluno, com a orientação do professor, passa a compreender, refletir e aplicar os conhecimentos obtidos. Para que a aprendizagem aconteça é necessário que o professor organize os conteúdos programáticos de forma a ir de encontro às necessidades dos alunos, para que estes encontrem utilidade no que estão a aprender. A aprendizagem é algo que desenvolve o pensamento, permitindo que este se mantenha ativo, onde os conteúdos lecionados exercem grande influência. Por isso, não se pode nunca relacionar a aprendizagem com uma mera memorização de conteúdos que em nada acrescenta ao pensamento e desenvolvimento de destrezas do estudante.

Neste enquadramento, e já respondendo à segunda pergunta, esta alude para o tipo de comunicação que o professor adota para lecionar as suas aulas. Clarificando, são as estratégias de aprendizagem levadas a cabo para a transmissão dos conteúdos que vão permitir construir aulas mais ou menos dinâmicas, consoante os recursos utilizados, e proporcionar uma aprendizagem congruente. Os métodos que o professor usa têm por objetivo ajudar os estudantes a compreender melhor os conteúdos, bem como estimulá-los. Eles tornam a aprendizagem viável, significativa, acessível e evitam que as aulas se

tornem monótonas e rotineiras, contribuindo para mediar as relações efetivas que sucedem do ato de ensinar e aprender. Desta forma, a escolha do método a utilizar em sala de aula tem grande importância, visto que estes são os meios que conduzem à resposta de objetivos estabelecidos. Porém, há que ter em consideração que os métodos aplicados devem ir de encontro às necessidades dos estudantes, pois só assim se garante uma correta aprendizagem. Para que isto seja possível, o professor deve conhecer bem as suas turmas para que possa determinar a melhor forma de aprendizagem. As estratégias usadas no decorrer desta investigação tiveram, como já podemos verificar, um balanço positivo como nos indicaram os resultados obtidos através da análise dos textos produzidos pelos alunos, uma vez que as respostas dadas foram de acordo com o que era pretendido. Além disto, o entusiasmo e interesse demonstrado nas diferentes aulas é mais um aspeto de realce que podemos dar ao uso diversificado de metodologias de ensino em sala de aula.

No que toca à terceira, aqui é onde ganha forma todo o processo desenvolvido anteriormente, é onde testamos os conhecimentos que os alunos aprenderam e, principalmente, onde constatamos o impacto do plano delineado. Assim, chegando a este ponto, conseguimos depreender que as vantagens apontadas à inclusão de estratégias de aprendizagem nas aulas lecionadas em muito contribuem para uma aprendizagem significativa e os textos gerados são a prova disso mesmo. A componente escrita foi um parâmetro muito favorecido com a aplicação destes exercícios de narrativas, embora o objetivo principal fosse avaliar o impacto do tipo de comunicação através destes, notou-se também um grande progresso ao nível da escrita que se mostrou mais rigorosa, completa e estruturada, benefícios acrescidos que em muito contribuem para o êxito escolar dos estudantes.

Quanto à quarta e, última, questão que orientou este projeto de investigação podemos proferir que, as narrativas realizadas pelos alunos ao longo das aulas da disciplina de História e Geografia representam, no processo de ensino-aprendizagem, uma forma de desconstruir/construir os conteúdos aprendidos. A realização de narrativas escritas propicia uma produção do conhecimento adquirido através das diferentes estratégias de aprendizagem. Uma vez que, o papel do professor não é simplesmente o de dispensar conhecimento, mas, fundamentalmente, o de proporcionar aos alunos oportunidades e incentivos para o construir, este ao desenvolver com os estudantes formas de comunicação escrita, orienta-os no sentido de adquirirem competências que lhes permitam a compreensão do conhecimento que lhes foi transmitido. Portanto, as narrativas produzidas pelos alunos significam, sobretudo, uma forma de representar a

História diferente daquela que vem nos manuais escolares, onde os estudantes podem dar a sua versão do conhecimento de modo válido e fundamentado.

No que concerne às limitações encontradas, estas pautaram-se, maioritariamente, pelas condicionantes que a posição de professor estagiário acarreta. Existe toda uma inexperiência que nos coloca numa situação bastante vulnerável e, por isso, tudo parece difícil de concretizar. As tarefas multiplicam-se e o tempo torna-se escasso para a plena realização da investigação, torna-se, então, necessário ajustar os nossos propósitos às condições que dispomos e há objetivos que ficam, irremediavelmente, por atingir. Outro ponto que podemos apontar como limitação, é o facto de não ter havido oportunidade de alargar esta investigação a uma amostra mais considerável, mas, mais uma vez, aqui o tempo foi um fator restritivo.

Ainda que tenhamos a perceção de que esta investigação é um trabalho circunstancial, é importante que este seja observado como um projeto em permanente desenvolvimento. Portanto, em termos de perspetivas futuras ainda muito se pode fazer para que a comunicação em sala de aula surta efeitos mais profícuos. Seria extremamente interessante, por exemplo, aplicar este estudo num maior número de aulas para que estas pudessem ser o mais diversificadas possível e permitir retirar mais e melhores conclusões.

Por fim, a realização deste relatório de estágio veio demonstrar aquilo que vários teóricos dizem acerca dos proveitos que o uso de uma comunicação mais motivadora em sala de aula possui. Analisamos este quesito com base na produção escrita, mas este é apenas um num leque de infimidades, pois são vários os aspetos que logram com a aplicação de diferentes abordagens ao processo de ensino-aprendizagem na vertente comunicacional.

Referências Bibliográficas

Andrade, D. (2012). *Relação Professor/Aluno: A comunicação na Sala de Aula. Factores que influenciam a comunicação na sala de aula*. Universidade de Lisboa: Instituto de Educação.

Antão, J. (1997). *Comunicação na sala de aula*. Porto: Edições Asa.

Barca, I. & Gago, M. (2004). *Usos da Narrativa em História*. Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/653/1/Isabel.pdf>

Consultado em 13 de junho de 2017.

Cainelli, M. & Silveira, P. (2016). *Narrativas de alunos do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina (2014-2017): Uma investigação acerca da aprendizagem histórica*. 100 anos da guerra do contestado: Historiografia, Acervos e Fontes. XV Encontro regional de História.

Disponível em:

http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1468191610_ARQUIVO_TextoCompleto-PriscieleMaicaSilveira-ANPUHPR2016.pdf

Consultado em 19 de junho de 2017.

Freitas, A. (2012). *As Narrativas Históricas e Geográficas dos alunos: Um estudo com alunos do 7º Ano do Ensino Básico*. Universidade do Minho: Instituto de Educação.

Gago, M. (2016). *Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História...? Ideias de professores e alunos de Portugal*. Revista História Hoje, v. 5, nº 9, pp. 76-93. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/239> Consultado em 27 de junho de 2017.

Gevaerd, R. *Conteúdos Históricos: A relação entre a narrativa do manual didático, a explicação da professora e as narrativas dos alunos*. Disponível em: http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/190_247.pdf

Consultado em 5 de julho de 2017.

Gomes, S. (2010). *Análise das Interações Verbais na Sala de Aula de História e Geografia. Um Estudo de Caso na Escola Secundária Inês de Castro no Âmbito da Formação Inicial de Professores*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Júnior, O. (2008). *A produção de narrativas históricas de alunos do ensino fundamental: Um estudo exploratório*. Revista HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 14, pp. 133-144.
Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11527>
Consultado em 19 de julho de 2017.

Libâneo, J. (1990). *Didática*. Cortez Editora

Melo, M. (2003). Eu sou escritor de H(h)istórias - as competências de leitura e escrita e a aprendizagem da História. In *Como pôr os alunos a trabalhar? Experiências formativas na aula de Português*. Lisboa: Lisboa Editora/ Associação de Professores de Português, pp. 341-356.
Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10084/1/Escritor%20de%20Hist%C3%B3ria.pdf> Consultado em 17 de maio de 2017.

Melo, M., & Lopes, J. (2004). *Narrativas Históricas e Ficcionalis: Recepção e Produção para Professores e Alunos: Actas do I Encontro sobre Narrativas Históricas e Ficcionalis (9 e 10 de Fevereiro de 2004)*. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED), Instituto de Educação e Psicologia e Universidade do Minho.

Parente, R. (2004). *A Narrativa na Aula de História: Um estudo com alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.

Santos, A. (2015). *Agora, é hora de comunicar!* Instituto Politécnico de Coimbra: Escola Superior de Educação.

Silva, A. (2015). *Se for sempre o professor a falar nós adormecemos... Ouvir as vozes dos alunos para ensinar História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Documentos Reguladores

Ministério da Educação (2001). *Programa de Geografia A* – 10º e 11º ou 11º e 12º anos.

Ministério da Educação (2001). *Programa de História A* – 10º, 11º e 12º anos.

Escola Secundária de Paredes (2015-2016). *Plano Anual de atividades*. Disponível em: http://esparedes.pt/esp/images/PAA_2015_2016.pdf Consultado em 1 de março de 2017.

Anexos

Anexo 1 – Exercícios das Narrativas escritas em História

1.1. Narrativa 1

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>História A – 10º Ano</i>		
<i>A Reconquista Cristã</i>		
Nome:	Nº	Turma:

Uma carta para um amigo especial...

Tendo como ponto de partida a aula de hoje e como suporte os textos que te foram fornecidos pela professora,

imagina!

Tens um amigo, pelo qual tens uma grande estima, a combater nas tropas de D. Afonso Henriques na Batalha de São Mamede!

Escreve-lhe uma carta para saberes como este se encontra, o que tem vivido, as suas angústias em relação ao desfecho desta batalha. Esta carta terá um valor incalculável para o teu amigo pois para conhecermos os verdadeiros amigos é necessário passarmos pelo sucesso e pelas adversidades. No sucesso, verificamos a quantidade e, nas adversidades, a qualidade. Mostra a tua verdadeira amizade!

Neste texto deves tocar nos seguintes aspetos:

- ☞ A localização no tempo e no espaço desta batalha;
- ☞ Os motivos que a despoletou;
- ☞ Quais os seus objetivos;

-
- This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Ana Sofia Cruz

1.2. Narrativa 2

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>História A – 10º Ano</i>		
<i>O Gótico</i>		
Nome:	Nº	Turma:

Uma visita pela joia do Gótico europeu...

Tendo como suporte as aprendizagens da aula anterior sobre o Estilo gótico e o dossiê presente no manual adotado das páginas 110-113 e, ainda, o site <http://www.360portugal.com/Distritos.QTVR/Leiria.VR/Patrimonio/Batalha/> que tiveste oportunidade de consultar...

imagina!

És um guia que acompanha um grupo de turistas numa visita ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória!

Escreve um Roteiro sobre este edifício de Estilo gótico para entregares ao grupo de turistas que vais acompanhar. Este Roteiro é essencial para os visitantes, dado que com ele vão poder descobrir e entender melhor este belíssimo estilo. Lembra-te que, como guia turístico, a tua função é dar informação sobre o edifício de forma rigorosa, mas cativante. Podes “apimentar” a visita com alguns aspetos lendários ligados a este Mosteiro. Pois, quando o guia faz um bom trabalho, é certo que os turistas guardarão boas lembranças do lugar visitado!

Vamos ajudar-te na elaboração deste Roteiro, indicando alguns aspetos que deves considerar:

- ☞ Localização geográfica;
- ☞ Identificação do Rei que encomendou a obra e as motivações;

-
- This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

1.3. Narrativa 3

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

História A – 10º Ano		
A Reforma protestante		
Nome:	Nº	Turma:

Um movimento revolucionário...?

Tendo como suporte as aprendizagens das aulas anteriores sobre a Reforma Protestante...

imagina!

**És um cronista que tem de escrever uma publicação acerca da
ação de Martinho Lutero!**

Escreve um relato acerca da ação desta personagem histórica na criação das igrejas protestantes.

A tua crónica deve ser o mais rica possível em pormenores da ação de Martinho Lutero, no século XVI, mas também deves referir os antecedentes da sua ação e outros aspetos que consideres relevantes para compreender esta temática histórica.

Usa a tua imaginação histórica, rigor e seriedade, ingredientes fundamentais para o sucesso nesta tarefa!

Elabora o teu texto, usando os seguintes tópicos de orientação:

- ☞ Antecedentes mais longínquos da Reforma protestante: a questão do Cisma do Ocidente e as críticas dirigidas à Igreja de Roma desde finais da Idade Média;
- ☞ Antecedentes próximos da Reforma protestante: a *Questão das Indulgências* e a posição de Martinho Lutero perante a salvação dos fiéis;
- ☞ A rutura de Lutero com a Igreja Católica e a formação de novas igrejas cristãs;
- ☞ Princípios doutrinários das igrejas protestantes.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Bom Trabalho! 😊

A professora estagiária

Ana Sofia Cruz

1.4. Narrativa 4

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>História A – 10º Ano</i>		
<i>Os antecedentes da defesa dos direitos humanos</i>		
Nome:	Nº	Turma:

Uma história de violência e desrespeito pela condição humana...

Tendo como suporte as aprendizagens das aulas anteriores sobre a escravização...

imagina!

És um tripulante a bordo de um navio que transporta escravos negros!

Escreve uma página de um diário acerca do comércio escravo, que se intensificou durante a Idade Moderna, em que descrevas os aspetos que mais marcaram esta tua experiência.

No teu relato debes incluir todas as particularidades desde a captura ao transporte e à venda nos mercados, além de todas as sensações experienciadas perante uma situação desta natureza. Deves, ainda, referir os antecedentes que impulsionaram a escravização para que se compreendam os motivos, se é que eles existem, que levam seres humanos a tratar desta forma a sua espécie.

Apesar de ser um tema delicado é importante que sejas rigoroso na elaboração desta tarefa. Pois o testemunho que fica registado no teu diário é a memória de factos que marcaram a História!

Elabora o teu texto, com base nestes aspetos:

- ☞ Antecedentes que impulsionaram a escravização;
- ☞ A que atividades se destinavam a mão de obra escrava;
- ☞ Qual a origem e destino destes escravos;

-
- This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Anexo 2 – Exercícios das Narrativas escritas em Geografia

2.1. Narrativa 1

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>A melhoria das condições de vida urbana</i>		
Nome:	Nº	Turma:

No papel de um jornalista...

Tendo em consideração a aula de hoje, redige um pequeno texto no qual te coloques no lugar de um jornalista que tem de fazer uma reportagem acerca de um local que necessite de um dos programas de intervenção urbana abordados na aula. Utiliza o programa que preferires, a escolha é tua!

Neste texto importa referir:

- ☞ A designação do programa selecionado;
- ☞ Quais os seus objetivos;
- ☞ Os problemas que tenta travar;
- ☞ As suas finalidades;
- ☞ Em que medida este vai contribuir para a melhoria das condições de vida urbana da tua cidade.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Bom Trabalho! 😊

A professora estagiária

Ana Sofia Cruz

2.2. Narrativa 2

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>A reorganização da rede urbana</i>		
Nome:	Nº	Turma:

A Cimeira das Cidades...

Ao longo da aula de hoje pudeste compreender diferentes dinâmicas acerca de vários problemas existentes nas grandes cidades e nas cidades médias. Redige um pequeno texto no qual te coloques no lugar de um representante de uma cidade (grande ou média), tendo em consideração a posição que assumiste na aula, que vai participar numa cimeira que tem como tema as cidades, na qual se vão discutir os efeitos destes problemas e medidas para os combater. Dá asas à tua criatividade!

Neste texto deves tocar nos seguintes aspetos:

- ☞ As características da rede urbana;
- ☞ A distribuição das aglomerações urbanas no território;
- ☞ A hierarquia dos lugares na rede urbana;
- ☞ As vantagens e limitações da dispersão ou da concentração da população;
- ☞ A questão da coesão territorial;
- ☞ De que forma as soluções encontradas vão contribuir para corrigir os desequilíbrios existentes;
- ☞ Em que medida estas soluções podem visar a cooperação entre cidades.

[illegible]

Bom Trabalho! 😊

A professora estagiária

Ana Sofia Cruz

2.3. Narrativa 3

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>A diversidade dos modos de transporte</i>		
Nome:	Nº	Turma:

À volta pela Europa...

Tendo como suporte as aprendizagens realizadas ao longo das últimas aulas, imagina que és um comerciante que pretende promover os seus produtos. Com o objetivo de fazê-los chegar às mais variadas localidades terás de fazer uma viagem por alguns países da Europa. O teu itinerário será o seguinte: sairás da cidade de Paredes em direção à cidade do Porto, depois partirás para Madrid. De Madrid vais para Amesterdão onde, posteriormente, terás de ir para a Dinamarca. Depois de alguns dias em Copenhaga terás de ir até Itália porque tens negócios a tratar com clientes residentes nas cidades de Milão, Florença, Toscana e Veneza. Ao longo desta viagem terás de consolidar diferentes modos de transporte considerando, entre vários aspetos, as distâncias que tens de percorrer entre os diversos locais. Para clarificares, em caso de dúvida, os valores da distância real entre os diferentes pontos tens à tua disposição o site <http://pt.distance.to/> que te dará uma preciosa ajuda. Boa viagem!

Para fazeres uma viagem mais agradável, deves considerar os seguintes tópicos:

- Localização geográfica dos diferentes locais;
- Distância relativa e distância real;
- Distância tempo e distância custo;
- A noção de acessibilidade e intermodalidade;
- Vantagens e Desvantagens dos diferentes modos de transportes utilizados.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Bom Trabalho! 😊

A professora estagiária

Ana Sofia Cruz

2.4. Narrativa 4

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

<i>A integração de Portugal na União Europeia</i>		
Nome:	Nº	Turma:

Tem a ver com Europa, tem a ver contigo!

As últimas aulas têm sido dedicadas ao tema da União Europeia, este tema relaciona-se diretamente connosco visto que dela fazemos parte, como tal, torna-se um motivo muito interessante para desenvolvermos não achas? Como bons cidadãos que somos é importante conhecermos bem este organismo para que possamos e saibamos compreender melhor a situação portuguesa num contexto económico, político e cultural, assim como, percebermos a capacidade de intervenção de Portugal e as vantagens e desvantagens dessa integração no momento atual e em momentos futuros. Deste modo, redige um pequeno texto em que demonstres que conheces bem a União Europeia desde o seu aparecimento até à atualidade não esquecendo, como é evidente, de referires o caso de Portugal enquanto um dos seus estados-membros. Bora divertirmo-nos à descoberta da nossa União Europeia!

Neste texto deves tocar nos seguintes aspetos:

- Surgimento da União Europeia (o que é, fundadores, etc.);
- Critérios de adesão;
- Órgãos de Administração;
- Alargamentos;
- Tratados;
- Políticas de proteção ambiental em Portugal (Alterações climáticas, Qualidade do ar, Água, Solos e biodiversidade, Resíduos);
- Os desafios para Portugal.

[illegible]

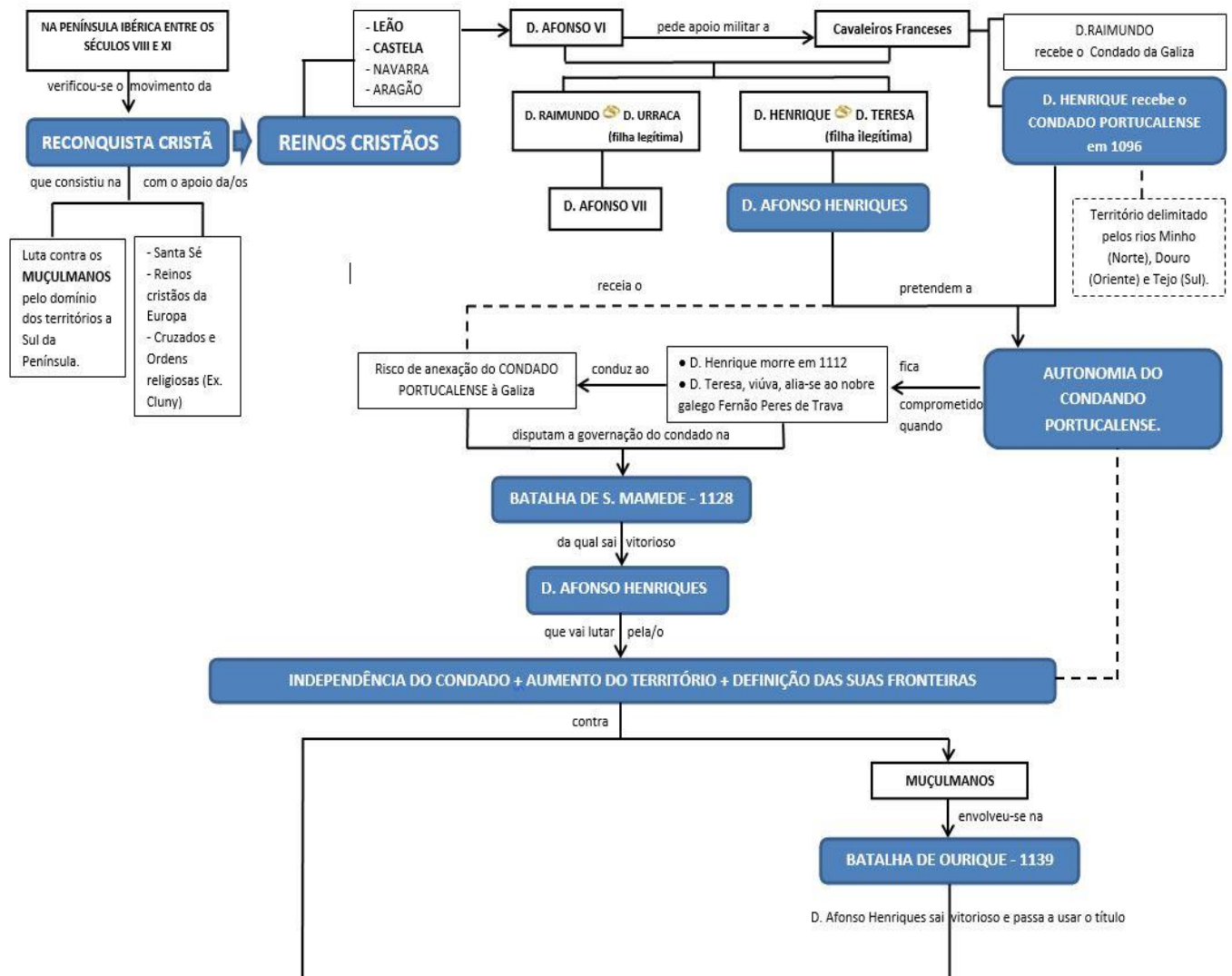
Bom Trabalho! ☺

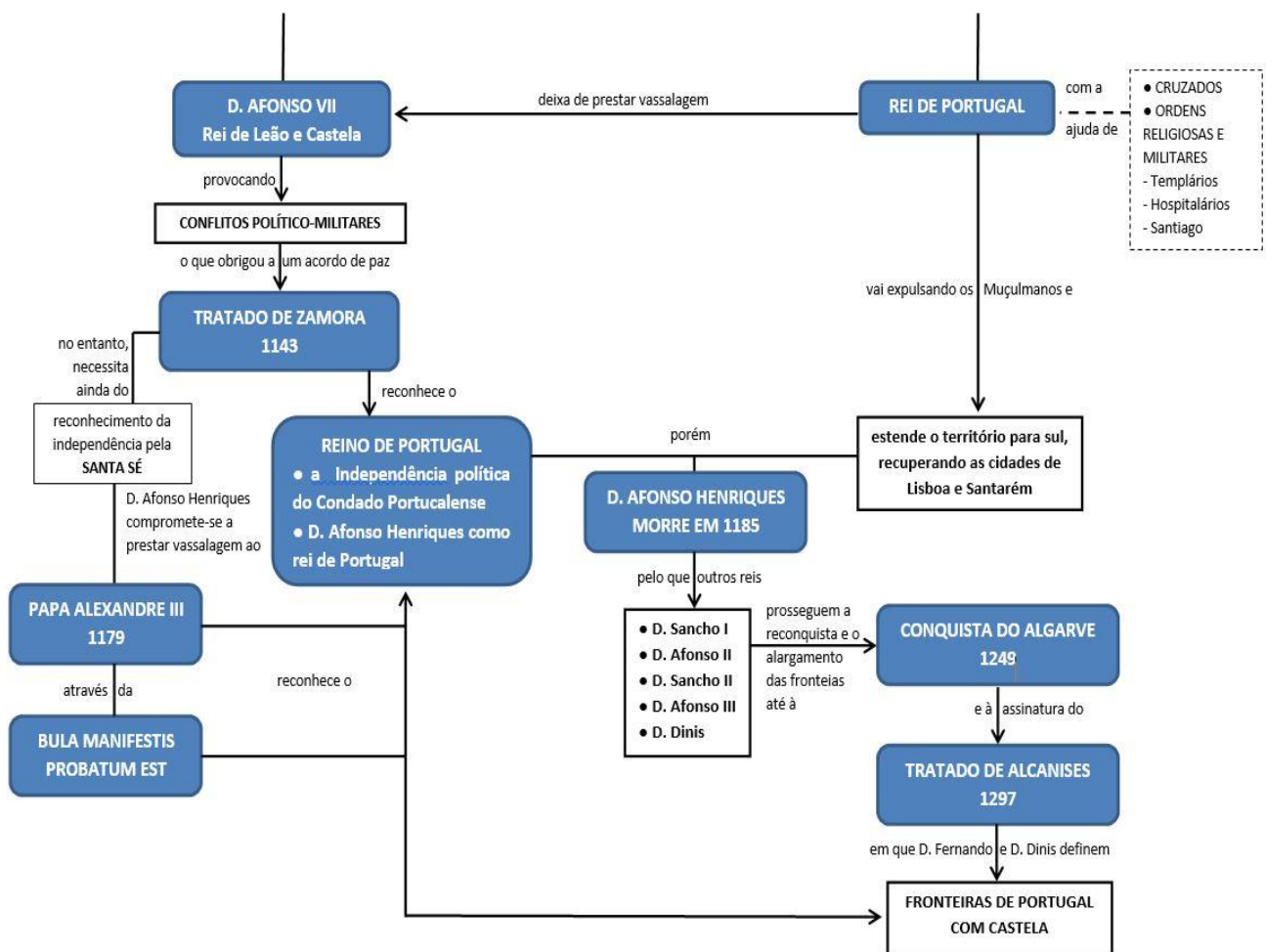
A professora estagiária

Ana Sofia Cruz

Anexo 3 – Materiais utilizados na aula expositiva da disciplina de História

3.1. Roteiro “Do Condado portugalense à monarquia portuguesa”





3.2. Textos de apoio

Batalha de São Mamede (24 de Junho de 1128)

Pouco ou nada de concreto se sabe sobre este confronto. A verdade é que, desde 1112, ano da morte do conde D. Henrique, D. Teresa tem-se aproximado gradualmente dos fidalgos galegos, em particular de Fernão Peres de Trava, com quem supostamente mantém uma relação íntima. E desde 1127 que o jovem Afonso Henriques mantém discórdias importantes com a sua mãe, recusando-se a aceitar as jogadas políticas da alta nobreza galega e do arcebispo de Compostela, que conspiram no sentido de unificar os dois condados.

Estas disputas culminam num confronto, que supostamente correu na zona de Guimarães, entre as forças de ambos os lados. Embora seja vulgarmente aceite a tese de que se tratou, de facto, de uma batalha no real sentido da palavra, a verdade pode muito bem ser distinta.

É difícil conceber como seria possível organizar dois grandes exércitos à custa dos recursos humanos existentes nos relativamente pequenos condados, quando nem a demografia nem as condições sociais o permitiam. Cada facção talvez conseguisse arregimentar apenas um punhado de cavaleiros, acompanhados por meia dúzia de escudeiros e umas milícias maltrapilhas, recursos humanos demasiado preciosos para se perderem em guerras intestinas, quando os mouros espreitam a sul.

Assim, talvez não seja de descurar a hipótese de se ter tratado apenas de um combate entre os paladinos de cada causa, um confronto no melhor espírito da tradição da cavalaria medieval, no qual os cavaleiros se defrontam num torneio, de acordo com regras definidas e em frente a uma animada audiência. Não faltariam, certamente, fidalgos dispostos a bater-se bravamente por qualquer um dos lados, na ânsia de mostrarem o seu valor e de conquistarem, assim, os favores do seu senhor.

Seja qual for a verdade, o certo é que a vitória sorri a Afonso Henriques e aos nobres portucalenses que o apoiam. Este facto marca mais um passo no processo de afirmação política do jovem Afonso, que renega para sempre a tutela materna e assume definitivamente o controlo dos destinos do condado Portucalense.

Entre 1128 e 1137, o conde Afonso Henriques mantém-se em permanente disputa com o primo Afonso VII, mas ainda é prematuro falar-se de uma verdadeira independência. Talvez a ambição de Afonso seja apenas a expansão territorial do seu feudo, cimentando o seu poder político e criando as bases para alcançar outra das suas aspirações: o título de *rex*.

Fonte: Natário, Rui. *Os Mitos da Fundação*.

1128, junho, 24

A Batalha de São Mamede

No início do século XII, a cristandade peninsular vive num interminável frenesim político. Há reinos que se fazem e desfazem, que se autonomizam num momento para se fundirem pouco depois; há também reinos e condados que se unem por casamento, ou por testamento, ou porque a roda da fortuna extingue linhagens, mas que se podem separar com a mesma facilidade com que se uniram. A volatilidade do mapa político hispânico destes tempos é alucinante, pois as alianças e as obediências podem ser tão fugazes quanto a vida de uma borboleta. Os nobres lutam, o povo segue-os ou atura-os e a Igreja arbitra, mas também participa; ao mesmo tempo, as línguas ganham especificidades e contribuem para a lenta definição de algumas comunidades. Beneficiando da sua situação periférica, encostado ao mar Oceano que é, então, o fim do mundo, o condado portugalense conserva uma certa coerência territorial e institucional, independentemente do modo como é governado.

O conde D. Henrique morreu em 1112, mas a sua viúva, D. Teresa, manteve a autonomia do condado; uniu-se, porém, ao conde Bermudo Peres de Trava e depois ao irmão, Fernão Peres de Trava, ao mesmo tempo que aceitou o casamento de Bermudo Peres com a sua filha D. Urraca Henriques, em 1121, e que concedeu tenências dentro do condado a Fernão Peres; os portugalenses desagradaram-se de ver a influência dos galegos crescer e foram-se afastando, até porque D. Henrique deixara um herdeiro que corria o risco de vir a ser preterido se a união de D. Teresa com o galego desse fruto. Enquanto a luta contra o mouro persistia, os cristãos enfrentavam-se e D. Teresa buscou maior

protagonismo ao denominar-se *regina*, como era próprio de uma filha de um imperador. Resistiu à irmã, a rainha D. Urraca, e depois ao sobrinho, o rei Afonso VII, mas não conseguiria dominar o próprio filho, criado pelos magnates portugalenses.

O jovem D. Afonso Henriques continuava envolto pela lenda. A partir de 1120 surge como subscritor de alguns documentos promulgados pela mãe, e esses documentos são os primeiros testemunhos concretos da sua existência e da sua afirmação no seio da corte condal. Pouco depois, começou a afirmação política do neto de Afonso VI: em data incerta recebeu a investidura de cavaleiro, talvez em Zamora; armou-se a si próprio, segundo a lenda, que é muito conveniente para a imagem do herói fundador, e que se não é verdade se adequa, sem dúvida, à força indesmentível de que D. Afonso Henriques cedo deu mostras de possuir.

Em 1127, D. Afonso Henriques ainda se submeteu ao seu primo, o novo rei Afonso VII, após o cerco de Guimarães, mas pouco depois iniciou a sua triunfante carreira. Começou por reclamar a herança do pai e contestou a autoridade da mãe, erguendo a bandeira da rebeldia no castelo da Feira, e depois os dois partidos enfrentaram-se. A 24 de junho de 1128 a hoste do infante derrotou o exército dos Trava e a *regina* foi afastada do poder. O território de Portucale retomava o seu rumo já secular e evitava entrar na órbita dos magnates galegos. Com 19 anos, D. Afonso Henriques assumia o poder sob o impulso e a orientação dos barões portugalenses seus aliados, mas cedo deixou claro que não seria um brinquete nas suas mãos. Num sinal de grande determinação política, nunca se intitulou conde, tendo antes assinado como «infante» ou «príncipe». Iniciava-se então a mais longa governação de Portugal, que duraria cinquenta e sete anos — tempo suficiente para lutar pela independência, obtê-la, consolidá-la e garantir o reconhecimento internacional.

No rescaldo da Batalha de São Mamede, um novo reino entrava na forja. Em 1109, D. Afonso Henriques limitara-se a entrar na História, mas em 1128 fez história, e Portugal ganhou contornos mais nítidos e tomou balanço rumo à independência.

E se a terra do nascimento do rei fundador queda duvidosa, não restam dúvidas sobre o local onde se feriu a Batalha de São Mamede. Foi de facto nas imediações de Guimarães que D. Afonso Henriques se tornou definitivamente no senhor de Portugal.

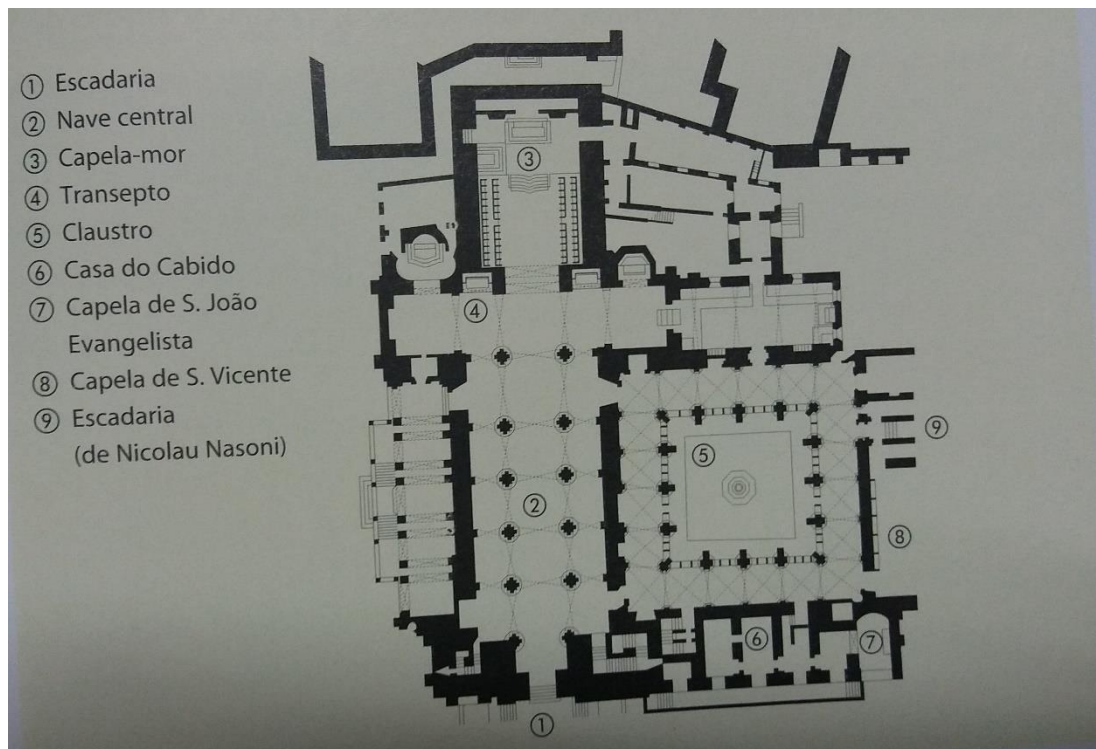
Anexo 4 – Materiais utilizados na aula de imagens fixas da disciplina de História



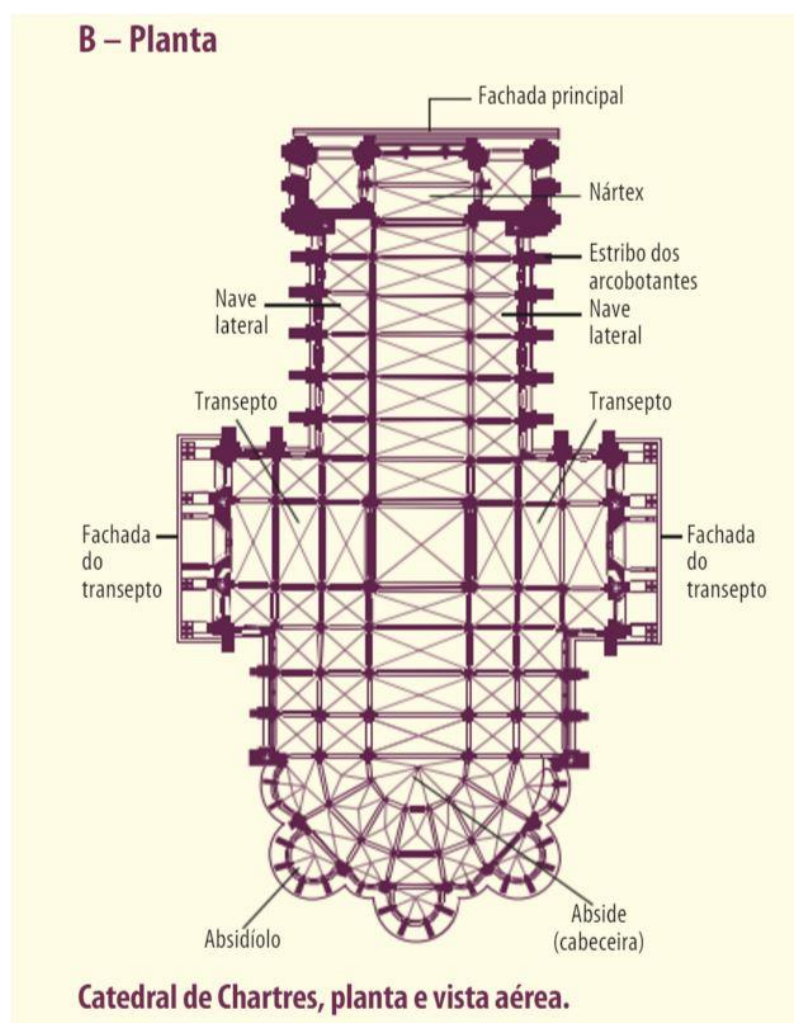
Sé românica do Porto.

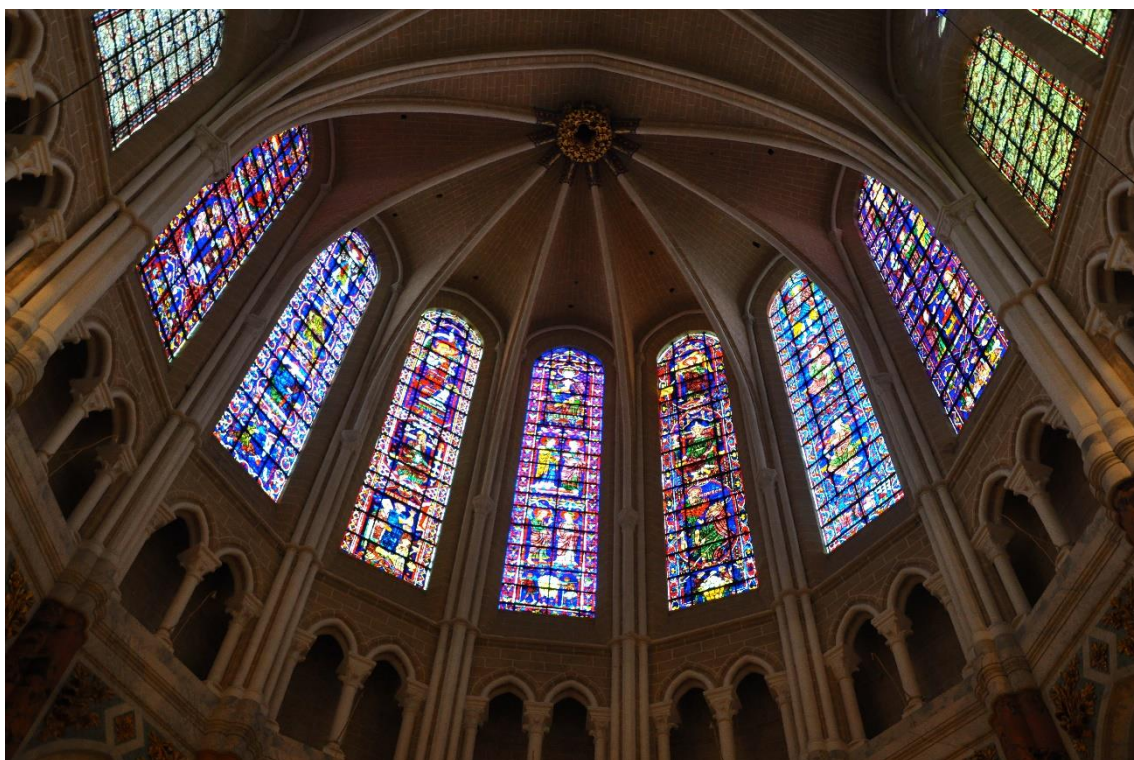


Catedral de Milão.

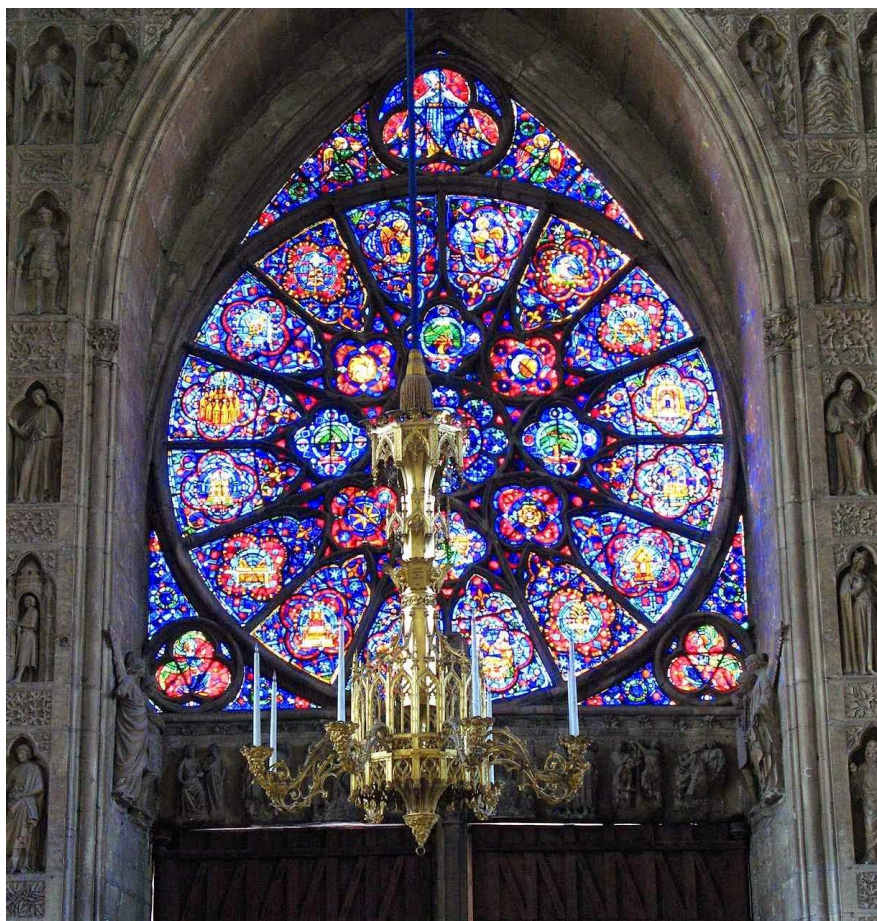


Sé do Porto (fachada principal, planta e vista exterior) - 1175.





Vitrais Catedral de Chartres, França.

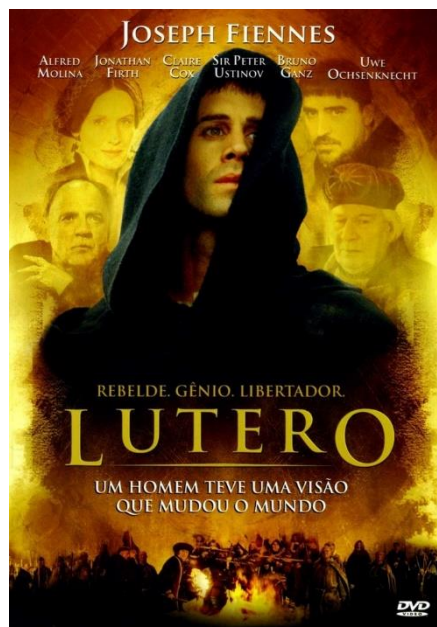


Vitrais Catedral de Nossa Senhora de Reims, França.



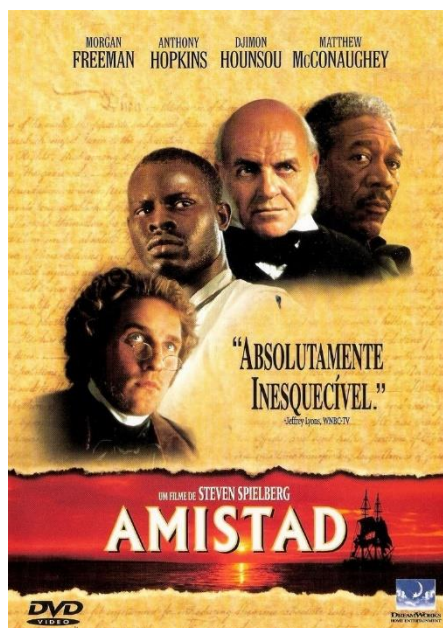
Mosteiro de Santa Maria da Vitória, Portugal.

Anexo 5 – Materiais utilizados na aula de trabalho de grupo da disciplina de História



Capa do filme *Lutero* (2003).

Anexo 6 – Materiais utilizados na aula de imagens em movimento da disciplina de História



Capa do filme *Amistad* de Steven Spielberg (1997).

Anexo 7 – Materiais utilizados na aula de trabalho de grupo da disciplina de Geografia

7.1. Dossier PRAUD (1)

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

PRAUD – “da decadência à revitalização

O Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD) traduz-se no apoio aos municípios em operações de reabilitação ou renovação de áreas de vocação urbana.

O programa reparte-se por dois segmentos distintos:

- O PRAUD-OBRS, financiamento de operações de reabilitação ou renovação de áreas urbanas degradadas, designadamente espaços públicos, edifícios com identidade histórica ou cultural, infraestruturas e equipamentos;
- O PRAUD-GTL, financiamento de ações de preparação e/ou acompanhamento de operações de reabilitação ou renovação de áreas urbanas, no âmbito do qual o Estado apoia os Gabinetes Técnicos Locais (GTL) criados junto das autarquias para elaboração de estudos, projetos e planos, atos necessários e preparatórios da operação de recuperação.



A Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A., é uma empresa de capitais exclusivamente públicos, cujos acionistas são o Estado e a Câmara Municipal do Porto que tem como missão promover a reabilitação urbana da área crítica de recuperação e reconversão urbanística da cidade do Porto.

Missão

Promover e conduzir a reabilitação e reconversão do património degradado do território correspondente à Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do concelho do Porto.

No cumprimento dessa missão, cabe à Porto Vivo o papel de orientar o processo, elaborar a estratégia de intervenção e atuar como mediador entre proprietários e investidores, entre proprietários e arrendatários e, em caso de necessidade, tomar a seu cargo a operação de reabilitação, com os meios legais que lhe foram conferidos.

Aprovada área de reabilitação de Campanhã, no Porto, obras ganham benefícios fiscais

A Assembleia Municipal do Porto aprovou por unanimidade, a delimitação da Área de Reabilitação Urbana (ARU) de Campanhã-Estação, garantindo desde já benefícios fiscais para quem fizer obras desse tipo.

O primeiro objetivo é "melhorar as condições habitacionais e de bem-estar dos atuais residentes, contribuindo para o reforço da atratividade residencial" de uma zona degradada, envelhecida, socialmente deprimida e afetada pela construção de uma linha férrea de via dupla, de uma linha de metro e da Via de Cintura Interna, vulgo VCI.

"Devido aos efeitos de "barreira" associados à presença de importantes infraestruturas viárias, a fragmentação do território constitui um dos principais problemas urbanísticos da ARU de Campanhã-Estação", lê-se na proposta aprovada.

<http://www.sapo.pt/noticias/aprovada-area-de-reabilitacao-de-campanha-no-5563f0c9f4e93a624dc99d26>



1. Qual é o principal problema urbano que o PRAUD tenta travar?

2. Qual é a aplicabilidade prática do PRAUD?

3. Quais são as suas finalidades?

📌 Conhecês algum edifício na tua cidade que necessita de um programa de **reabilitação** de áreas degradadas?

- ☞ Identifica onde se localiza;
- ☞ Explica os principais problemas;
- ☞ Indica o seu estado de degradação;
- ☞ Projeta as soluções para aquele espaço.

[illegible]

Elementos do Grupo:	Turma:	Data:
1		
2		
3		
4		

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

PRAUD – “revitalização com o PRAUD em ação”

O Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas (PRAUD) traduz-se no apoio aos municípios em operações de reabilitação ou renovação de áreas de vocação urbana.

O programa reparte-se por dois segmentos distintos:

- O PRAUD-OBRS, financiamento de operações de reabilitação ou renovação de áreas urbanas degradadas, designadamente espaços públicos, edifícios com identidade histórica ou cultural, infraestruturas e equipamentos;
- O PRAUD-GTL, financiamento de ações de preparação e/ou acompanhamento de operações de reabilitação ou renovação de áreas urbanas, no âmbito do qual o Estado apoia os Gabinetes Técnicos Locais (GTL) criados junto das autarquias para elaboração de estudos, projetos e planos, atos necessários e preparatórios da operação de recuperação.



A Porto Vivo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana da Baixa Portuense S.A., é uma empresa de capitais exclusivamente públicos, cujos acionistas são o Estado e a Câmara Municipal do Porto que tem como missão promover a reabilitação urbana da área crítica de recuperação e reconversão urbanística da cidade do Porto.

Missão

Promover e conduzir a reabilitação e reconversão do património degradado do território correspondente à Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística do concelho do Porto.

No cumprimento dessa missão, cabe à Porto Vivo o papel de orientar o processo, elaborar a estratégia de intervenção e atuar como mediador entre proprietários e investidores, entre proprietários e arrendatários e, em caso de necessidade, tomar a seu cargo a operação de reabilitação, com os meios legais que lhe foram conferidos.

Mercado do Bom Sucesso inaugurado após obras de requalificação

Depois de uma profunda obra de requalificação a cargo da empresa Mota-Engil, o Mercado do Bom Sucesso foi oficialmente inaugurado a 13 de Junho de 2013 pelo Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Rio, numa cerimónia em que esteve acompanhado, entre outros ilustres convidados, pelo ex-Presidente da República, General Ramalho Eanes, e pelo atual Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente.

O renovado Mercado do Bom Sucesso é o resultado de um conceito moderno de espaço comercial, integrado numa área total de 13.500 m², com 44 bancas, 7 restaurantes temáticos, 11 espaços destinados à venda de produtos frescos e várias lojas de moda. O espaço receberá também o novo Hotel da Música, um empreendimento de 4 estrelas, com 85 quartos, propriedade do Grupo Hoti Hotéis.

<http://www.mota-engil.pt/Media/Noticias/Mercado-do-Bom-Sucesso->



1. Qual é o principal problema urbano que o PRAUD tenta travar?

2. Qual é a aplicabilidade prática do PRAUD?

3. Quais são as suas finalidades?

📌 Conheces algum edifício na tua cidade que necessita de um programa de **reabilitação** de áreas degradadas?

- ☞ Identifica onde se localiza;
- ☞ Explica os principais problemas;
- ☞ Indica o seu estado de degradação;
- ☞ Projeta as soluções para aquele espaço.



Elementos do Grupo:	Turma:	Data:
1		
2		
3		
4		

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

POLIS “(RE) Inventar a cidade”

Este Programa visa promover intervenções nas vertentes urbanísticas e ambientais, por forma a promover a qualidade de vida nas Cidades, melhorando a atratividade e competitividade dos polos urbanos.

Objetivos

- Desenvolver grandes operações integradas de requalificação urbana com uma forte componente de valorização ambiental;
- Desenvolver ações que contribuam para a requalificação e revitalização das cidades e que promovam a sua multifuncionalidade;
- Apoiar outras ações de requalificação que permitam melhorar a qualidade do ambiente urbano e valorizar a presença de elementos ambientais estruturantes tais como frentes de rio ou de costa; Apoiar iniciativas que visem aumentar as zonas verdes, promover áreas pedonais e condicionar o trânsito automóvel nas cidades.

POLIS CASTELO BRANCO

Intervenção integrada de requalificação urbana e de valorização ambiental que visa a revitalização do centro cívico e histórico da cidade de Castelo Branco. A intervenção envolve a recuperação de espaço público (com a constituição de novas praças), a criação de estacionamento subterrâneo, a pedonalização de algumas ruas e a criação de equipamentos e parques urbanos. O valor global de investimento desta intervenção foi de 40 milhões de euros.

Objetivos:

- Requalificação e valorização do espaço público no Centro Cívico e na zona histórica;
- Tratamento do espaço público ao nível do mobiliário urbano, sinalética e equipamento urbano;
- Criação de parques de estacionamento subterrâneo;
- Requalificação da zona verde
- Reestruturação viária do Centro Cívico.



Centro Histórico de Castelo Branco

POLIS LITORAL RIA FORMOSA

O território abrangido pela Ria Formosa constitui-se como um espaço singular no contexto do Algarve, Portugal e Europa. As qualidades ambientais e paisagísticas inerentes conferem um elevado valor científico, cultural social e económico que se tem preservado ao longo do tempo.

Contudo, nas últimas décadas, verificou-se o aumento de um conjunto de ameaças à sustentabilidade deste espaço: o desenvolvimento de uma ocupação urbano-turística desqualificada e desadequada às características biofísicas do território, designadamente nas ilhas-barreira, assim como o acréscimo na época balnear de maior pressão humana sobre as ilhas e sobre as infraestruturas existentes.

O Polis Litoral Ria Formosa tem por objetivo a gestão, coordenação e execução do investimento a realizar na Ria Formosa.

Pretende:

- Preservar o património natural e paisagístico, através da proteção e requalificação da zona costeira visando a prevenção de risco e da promoção da conservação da natureza e biodiversidade no âmbito de uma gestão sustentável;
- Qualificar a interface ribeirinha, através da requalificação e revitalização das frentes de ria, da valorização de núcleos piscatórios e do ordenamento e qualificação da mobilidade;
- Valorizar os recursos como fator de competitividade, através da valorização das atividades económicas ligadas aos recursos da ria suportada no seu património ambiental e cultural.

1. Quais são os problemas que o POLIS tenta travar?

2. Em que áreas atua o POLIS?

3. Quais são as suas finalidades?

7.4. Dossier POLIS (2)

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

POLIS “Para melhorar vamos no POLIS apostar”

O Programa Polis – Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental de Cidades – foi criado pelo Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território em 2001. O seu principal objetivo é a melhoria da qualidade de vida nas cidades, através da realização de um conjunto de operações de requalificação urbana e valorização ambiental, desenvolvidas com base em parcerias entre as autarquias locais e a administração central.

O Programa Polis tem como objetivos específicos:

- Desenvolver grandes operações integradas de requalificação urbana com uma forte componente de valorização ambiental;
- Implementar ações que contribuíssem para a requalificação e revitalização de centros urbanos e que promovessem a sua multifuncionalidade;
- Apoiar outras ações de requalificação que permitissem melhorar a qualidade do ambiente urbano e valorizar a presença de elementos ambientais estruturantes, tais como frentes de rio ou de costa;
- Apoiar iniciativas que visassem aumentar as zonas verdes, promover áreas pedonais e condicionar o trânsito automóvel em centros urbanos.

POLIS AO NÍVEL DOS EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

As intervenções, em larga escala, no espaço público das cidades, assim como outras mais pontuais e localizadas, como a construção de novas escolas e a atuação sobre o património histórico, têm todas um denominador comum: qualificar e revitalizar o território e os seus fatores de competitividade, criando um funcionamento global incluso, coeso, sustentável e mobilizador.

A gestão de projetos – que abarca uma série de preocupações ambientais, sociais e de comunicação, para além da própria realização da “obra” – assume um papel diferenciador, tendo em conta que a intervenção no terreno cria sempre transtornos impossíveis de contornar, mas com alta probabilidade de serem minimizados.

As preocupações ambientais estão sempre presentes através, nomeadamente, de uma controlada gestão de resíduos e da adoção de métodos construtivos tendentes a minimizar os efeitos negativos no ambiente em que a intervenção está inserida.

A comunicação assume igualmente um papel diferenciador e de mobilização das comunidades, apelando à participação

Câmara do Porto admite requalificar Rosa Mota com 9 ME e fundos comunitários

No documento apresentado à Comissão de Coordenação Regional do Norte para a obtenção de financiamento comunitário, a autarquia colocou o equipamento na lista de "intervensões programadas" na área da Regeneração Urbana, com um investimento público e total de nove milhões de euros, suportado em 7,65 milhões de euros pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER).

A autarquia iniciou em dezembro de 2014, através da empresa municipal Porto Lazer, um processo de concessão da gestão, recuperação e instalação de um centro de congressos no 'Rosa Mota'.

http://www.sapo.pt/noticias/camara-do-porto-admite-requalificar-rosa-mota_565b3bec586ff4013355be24



1. Qual é o principal problema urbano que o POLIS tenta travar?

2. Qual é a aplicabilidade prática do POLIS?

3. Quais são as suas finalidades?

?

-
- This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Elementos do Grupo:	Turma:	Data:
1		
2		
3		
4		

Estudo de Caso...

URBAN “Reabilitar é manter”

A Iniciativa Comunitária Urban tem como objetivos:

- 1) promover a melhoria da qualidade de vida das populações de centros urbanos ou de subúrbios em crise das grandes cidades, pela formulação e a aplicação de estratégias inovadoras de revitalização sócio-económica sustentável;
- 2) fomentar o desenvolvimento e o intercâmbio de conhecimentos sobre a revitalização e o desenvolvimento urbano sustentável;

A abordagem Urban consiste numa abordagem territorial integrada envolvendo uma sólida parceria local. Integra as dimensões económica e social através de uma série de operações que combinam a recuperação de infraestruturas com ações nos sectores económico e do mercado de trabalho, complementadas por medidas destinadas a combater a exclusão social e a melhorar a qualidade ambiental.

A REABILITAR LISBOA DESDE 2007

A Reabilita nasce em 2007 e surge da necessidade de intervenção no centro de Lisboa, nomeadamente da vontade de recuperação de zonas históricas e residenciais com necessidade de Reabilitação Urbana de pequena escala. Desde o início que procura ter sucesso em cada projeto através de um compromisso entre: preços competitivos, qualidade do produto e serviço oferecidos e cumprimento de prazos.

O negócio assenta na reabilitação das zonas comuns dos prédios, dividindo-os em propriedade horizontal e comercializando os apartamentos ainda por reabilitar. O cliente tem a garantia de um prédio (como) novo, podendo intervir no seu apartamento com total liberdade e personalização.

Oferecemos a melhor relação preço/qualidade do mercado e procuramos desenvolver os projetos em tempo record, minimizando os custos do capital. Subjacente a cada projeto está a premissa de uma forte componente de reabilitação urbana com o mínimo de alterações relativamente ao traço original de cada prédio.



1. Qual é o principal problema urbano que o URBAN tenta travar?

2. Qual é a aplicabilidade prática do URBAN?

3. Quais são as suas finalidades?

 Conheces algum edifício na tua cidade que necessita de reabilitação?

-  Identifica onde se localiza;
-  Explica os principais problemas;
-  Indica o seu estado de degradação;
-  Projeta as soluções para aquele espaço.



Elementos do Grupo:	Turma:	Data:
1		
2		
3		
4		

7.6. Dossier PER

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

PER “A Habitação (PER) feita”

Programa de Realojamento visa proporcionar aos municípios condições para proceder à erradicação das barracas existentes e ao, consequente, realojamento dos seus ocupantes em habitações de custos controlados. Concede apoios financeiros para a construção, aquisição, ou arrendamento de fogos destinados ao realojamento de agregados familiares residentes nessas barracas e habitantes similares.

No âmbito do PER é ainda possível a concessão de apoios financeiros para a reabilitação de fogos ou de prédios devolutos, propriedade das entidades beneficiárias, ou para a aquisição de prédios ou fogos devolutos e pagamento do custo das referidas obras de recuperação, quando esses fogos ou prédios se destinem também a realojamento de famílias recenseadas no PER.

Para além do programa específico de realojamento nas áreas de Lisboa e Porto, existe a possibilidade dos restantes municípios do País procederem a ações de realojamento em habitações sociais construídas ou adquiridas com o apoio financeiro da Administração Central e das instituições bancárias que procedam a financiamentos bonificados para este fim.

Porta 65

O Programa Porta 65 – Jovem é um sistema de apoio financeiro ao arrendamento por jovens, isolado, constituídos em agregados ou em coabitação, regulado por um conjunto de diplomas legais.

Quem pode candidatar-se a este programa?

Jovens com idade igual ou superior a 18 anos e inferior a 30 anos (no caso de casais de jovens, um dos elementos pode ter até 32 anos) que reúnam as seguintes condições:

- Sejam titulares de um contrato de arrendamento celebrado;
- Não usufruam, cumulativamente, de quaisquer subsídios ou de outra forma de apoio público à habitação;
- Nenhum dos jovens membros do agregado seja proprietário ou arrendatário para fins habitacionais de outro prédio ou fração habitacional;
- Nenhum dos jovens membros do agregado seja parente ou afim do senhorio.

Programa de Emergência Social

O PES é um Programa que identifica as situações de resposta social mais urgentes e focado em medidas e soluções. É um Programa assente na promoção e proteção de direitos de muitos que são os mais excluídos e de muitos que estão numa situação de tal desigualdade, que necessitam de medidas que possam minorar o impacto social da crise constituindo uma "almofada social" que amortee as dificuldades que agora atravessam.

O PES assenta em 3 regras claras:

Não é um Programa retórico, mas um Programa focado e de soluções para grupos de risco.

É um Programa que não significa mais Estado, significa melhor política social. Nalguns casos irá investir-se mais, noutros irá investir-se melhor.

O PES conta chegar a cerca de 3 milhões de pessoas em 5 áreas essenciais de atuação:

Respostas às Famílias confrontadas com novos fenómenos de pobreza.

Respostas aos mais Idosos, com rendimentos muito degradados e consumo de saúde muito elevados.

Tornar a inclusão da Pessoa com deficiência uma tarefa transversal.

Reconhecer, incentivar e promover o voluntariado.

Acreditar nas Instituições Sociais e com elas contratualizar respostas.

Bairro do Aleixo - Porto

1. Qual é o principal problema urbano que o PER tenta travar?

2. Qual é a aplicabilidade prática do PER?

3. Quais são as suas finalidades?

?

- [illegible]

145

Estudo de Caso...

“As cidades sustentáveis”

A estratégia Cidades Sustentáveis 2020 configura-se como uma proposta de âmbito nacional, aplicável ao nível local, para um futuro mais sustentável das nossas cidades.

Dimensões:

GOVERNAÇÃO: Integra as políticas urbanas, assim como os processos de cooperação entre atores políticos, económicos e sociais, com destaque para as questões da participação pública. A eficiência, eficácia e transparência da provisão de serviços públicos são também fatores chave da análise da inteligência urbana.

INOVAÇÃO: Abarca a competitividade das cidades em termos de criação de riqueza e geração de emprego. Foca-se não só nos sectores intensivos em I&D e tecnologia, mas também no contributo das atividades da economia criativa, verde e social para o desenvolvimento económico dos espaços urbanos.

SUSTENTABILIDADE: Inclui a eficiência na utilização dos recursos, a proteção do ambiente, assim como o equilíbrio dos ecossistemas. A gestão da água e dos resíduos, a eficiência energética e a utilização de energias renováveis, a construção sustentável, a mobilidade, as emissões de gases com efeito estufa e a biodiversidade são alguns dos fatores chave do estudo.

INCLUSÃO: Integra não só as questões associadas à coesão social, mas também a diversidade cultural, a inovação e o empreendedorismo social e a inclusão digital ao nível dos serviços de saúde, segurança, educação, cultura e turismo. A utilização de tecnologias digitais ao serviço da integração social de camadas mais desfavorecidas da população é também alvo de análise.

CONNECTIVIDADE: Abarca o envolvimento das cidades em redes territoriais nacionais e internacionais, assim como o nível de integração de funções e infraestruturas urbanas. A utilização de tecnologias de informação e comunicação e de

GOVERNO PROPÕE ESTRATÉGIA PARA CIDADES SUSTENTÁVEIS

O plano pretende tornar as cidades portuguesas mais cognitivas, conectadas, justas, saudáveis, resilientes e prósperas, tendo como base quatro eixos estratégicos – Inteligência e Competitividade, Territorialização e Governança, Sustentabilidade e Eficiência, e Inclusão e Capital Humano.

“A estratégia Cidades Sustentáveis 2020 pretende evidenciar um caminho para o desenvolvimento territorial, centrado nas cidades e no papel crítico que estas desempenham na estruturação dos territórios, no seu desenvolvimento e coesão”, lê-se no documento. “Ambiciona responder às debilidades e necessidades de estruturação urbana do território e atuar no sentido de fortalecer e consolidar visão de desenvolvimento territorial partilhada entre os agentes do território, contribuindo para a promoção das condições necessárias à competitividade, sustentabilidade e coesão nacional”, continua.

Cidades Sustentáveis 2020 assume-se como uma “resposta a um conjunto de desafios identificados num diagnóstico territorial preliminar”, nomeadamente nas áreas de competitividade e crescimento, inclusão e coesão social, transformações demográficas, governança estratégica, disciplina do uso do solo, viabilidade financeira, regeneração urbana, sustentabilidade e resiliência, integração urbano-rural, integração no espaço internacional.

Fonte: <http://www.smart-cities.pt/pt/noticia/governo-propoe-estrategia-para-cidades-sustentaveis2020/>. Consultado em 15/01/2016



1. Qual é o objetivo do programa “Cidades 2020”?

2. Em que áreas atua o programa?

3. Quais são as suas finalidades?

?

-
- This image shows a blank sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and extend across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

148

7.8. Dossier Projeto Lado a Lado

Estudo de Caso...

E.S	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Projeto “Lado a Lado”

PROGRAMA ACONCHEGO

O Programa Aconchego "Casa para quem estuda, companhia para quem precisa" tem como missão apoiar e promover o bem-estar dos seniores e suas famílias através do alojamento de jovens universitários nas suas residências. Este programa assenta numa perspetiva intergeracional. O sénior disponibiliza casa ao estudante e o estudante contribui com a sua companhia para a diminuição do sentimento de solidão que alguns seniores afirmam sentir.

Podem aderir ao Programa Aconchego pessoas com mais de 60 anos de idade, residente no Concelho do Porto, que vivam sozinhos ou acompanhados com o cônjuge e com condições de alojamento para o acolhimento de estudantes universitários.

A grande mais-valia para os seniores, ao acolher um estudante, para além da promoção de um envelhecimento ativo, é sentirem-se acompanhados e em segurança, especialmente durante a noite. Os mais velhos permitem que os estudantes universitários possam vir estudar na cidade do Porto, apoiando assim as suas famílias na diminuição do encargo do alojamento. O Programa tem na sua génese a prática da solidariedade entre duas gerações.

PROJETO “GERAÇÕES SOLIDÁRIAS”

A Câmara Municipal da Amadora criou mais um instrumento de apoio à população sénior.

O Projeto “Gerações Solidárias” visa promover o bem-estar dos seniores, quebrando a sua solidão e isolamento, através do acolhimento de estudantes do ensino superior no seu domicílio, bem como, fomentar as relações entre gerações. Pretende-se também que os estudantes possam prestar algum tipo de acompanhamento e apoio aos seniores, mantendo sempre estreita ligação com os serviços da Autarquia.

Para quem se destina?

Seniores: com 60 ou mais anos de idade, residentes no município da Amadora, com autonomia para realizarem as suas atividades de rotina diária, com uma habitação que ofereça condições de habitabilidade para acolherem um estudante do ensino superior

Estudantes do ensino superior: que frequentam o Instituto Politécnico de Lisboa, residentes fora de Lisboa, com domínio da língua portuguesa, com idade compreendida entre os 18 e os 35 anos de idade

DUAS GERAÇÕES POR UMA BOA CAUSA

O Projeto Lado-a-Lado, coordenado pelo Centro de Acolhimento João Paulo II em parceria com a Associação Académica de Coimbra, pretende promover uma forma de alojamento alternativo, ao mesmo tempo que fomenta laços de amizade, carinho e entreajuda. O mote “Duas gerações juntas por uma boa causa” permite que estudantes universitários tenham alojamento gratuito em casa de um/a idoso/a de Coimbra, em troca de companhia e algum suporte.

Esta pode ser a melhor fórmula para combater a solidão que afeta as pessoas de mais idade e de concretizar os sonhos de jovens estudantes que têm aqui uma boa possibilidade de conseguirem estudar e ter um alojamento gratuito e de qualidade com a companhia e ensinamento de quem já tem uma grande experiência de vida.

Apesar de o projeto estar a ser muito bem recebido desde 2009, ano de implementação, atualmente não há um número suficiente de candidaturas de pessoas de mais idade para dar resposta a todos os estudantes. Nesse sentido, o projeto necessita com urgência da colaboração de 7 pessoas idosas que queiram acolher e receber estudantes como companhia.



PROJECTO LADO-A-LADO

DUAS GERAÇÕES JUNTAS POR UMA BOA CAUSA

Promoção da intergeracionalidade entre estudantes do ensino superior de Coimbra e sêniore da cidade de Coimbra, colmatando a solidão que assombra a terceira idade e permitindo a estudantes carenciados o acesso a alojamento gratuito

Mais informações



Associação Académica de Coimbra
Rua Padre António Vieira, nº 1,
3000-315 Coimbra
Telefone: 239110700
aacio.aac@ua.pt



Centro de Acolhimento João Paulo II
Rua do Brasil, nº 182,
3030-775 Coimbra
Tel: 239404485 / 239383620 / 239110811 / 961146363
info@caj.aacua.pt / caj@caj.aacua.pt
www.caj2010.pt



1. Quais são os problemas que estes idosos enfrentam?

2. Em que consistem estes projetos sociais?

3. Quais são os seus objetivos?

👉 Explica a(s) estratégia(s) utilizadas na tua cidade para combater o isolamento dos idosos.

👉 Que outras soluções podem ser implementadas para resolver este problema?

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Elementos do Grupo:	Turma:	Data:
1		
2		
3		
4		

Anexo 8 – Materiais utilizados na aula debate da disciplina de Geografia

8.1. Dossiês Cidades Médias

8.1.1. Dossier Presidente da Câmara

E.S.	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

Guião de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome:

Ano/Turma: _____

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

1. Falar de forma organizada e ordenada;
2. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
3. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Autarquia paga curso a futuros médicos que lá se fixem

A Câmara Municipal de Oleiros, no distrito de Castelo Branco, vai financiar os cursos dos jovens naturais do concelho que se queiram formar em medicina, desde que, depois, se comprometam a fixar-se naquela localidade com o objetivo de combater a falta de médicos.

O anúncio foi feito por Fernando Marques Jorge, presidente da autarquia, que explicou à Lusa que a medida pretende fixar profissionais de saúde em Oleiros e que já foi aprovado um regulamento no qual se estabelecem as regras para que os jovens naturais do concelho possam beneficiar deste apoio voltado para a especialidade de medicina familiar.

"Uma das condições para os jovens usufruírem deste apoio é que sejam naturais do concelho e que, após a conclusão do curso de medicina, se fixem em Oleiros, com residência permanente", revelou o edil.

Segundo Fernando Marques Jorge, o regulamento estipula também que caso o jovem conclua a licenciatura e, por uma razão que não lhe possa ser diretamente imputada, não se possa vir a fixar em Oleiros, terá que indemnizar a câmara pelo valor do dinheiro investido.

Mas, caso o médico opte, propositadamente, por não fixar residência no concelho, além de ter que indemnizar a autarquia sobre o valor do financiamento, irá ainda sofrer outras penalizações acentuadas, informou o autarca.

O governante esclareceu que o executivo decidiu levar a cabo este investimento na formação dos jovens porque "sucessivamente, os médicos colocados no centro de saúde local não ocupam as vagas". "Há mais de 30 anos que não há um médico residente no concelho de Oleiros", lamentou.

De acordo com o autarca, já há dois jovens interessados neste apoio do município que, em números redondos, irá rondar os 30 mil euros por ano para cada beneficiário.

"A câmara avança com o financiamento, sendo que parte dele será a fundo perdido (cerca de 40%) e outra parte reembolsada (60%) quando o jovem já estiver a exercer medicina", explicitou.

A decisão pretende não só resolver uma questão fundamental para o concelho - a ausência de médicos - como também fixar jovens na região. "Esta é uma medida pioneira e inédita com vista a fixar médicos e jovens no concelho, nunca foi adotada em Portugal", finalizou Fernando Marques Jorge.

Fonte: <http://boasnoticias.pt/mobile/noticias.php?id=21850>. Consultado em: 25/01/2016

Autarcas, universidades e politécnicos do interior pedem reunião urgente ao Governo

Autarcas e dirigentes de universidades e politécnicos do interior do país anunciaram hoje que vão pedir uma reunião urgente aos ministros da Educação e do Desenvolvimento Regional sobre o futuro das instituições de ensino superior.

"Vamos pedir, ao senhor ministro Adjunto e do Desenvolvimento Regional e ao senhor ministro da Educação, uma reunião com carácter de urgência para lhes apresentarmos alguns pontos que, no nosso entender, minimizam, de facto, essas diferenças brutais que hoje existem" entre o litoral e o interior, declarou o presidente da Câmara da Guarda no final de uma reunião realizada naquela cidade.

Álvaro Amaro falava aos jornalistas no final de um encontro sobre "O ensino superior no interior do país", no qual participaram representantes de 16 Câmaras, sete Institutos Politécnicos e de três Universidades.

O autarca referiu que a reunião serviu para delinear "uma política essencial para combater as assimetrias" entre os estabelecimentos de ensino superior das regiões do litoral e do interior.

"Nós não queremos travar nenhuma batalha do interior contra o litoral. O que nós achamos é que podemos dar um contributo e as políticas públicas, neste caso no sistema educativo, ainda mais ativas, podem dar um contributo muito grande para um país mais equilibrado", sustentou.

Referiu que os autarcas e os dirigentes que reuniram na Guarda trabalham por "um país mais equilibrado" o que só se consegue "com este eixo das políticas públicas que é o sistema educativo em geral e a política de ensino superior em particular".

O reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Fontaínhas Fernandes, deixou claro que as instituições de ensino superior do denominado "arco do interior", conjuntamente com o poder político, querem "fazer parte de uma solução para resolver o problema a que o país assiste", que são os "graves desequilíbrios" entre o litoral e o interior.

"O Governo tem vindo a estudar a situação e penso que sairá mais confortado se acolher as nossas opiniões e as medidas que estamos a elaborar", disse.

Segundo Fontaínhas Fernandes, os participantes na reunião estão a elaborar "medidas que apontam no sentido de reforçar as instituições que existem, uma vez que elas continuam a representar âncoras de esperança para o país enquanto âncoras de fixação de população e de empresas".

"Não se trata apenas de questões específicas de financiamento. Estamos a falar da defesa do território, em fixar pessoas, de fixar empresas, de contribuir para o desenvolvimento económico do país", acrescentou.

Os participantes no encontro vão elaborar um documento que será posteriormente entregue ao ministro da tutela.

O encontro de autarcas e de dirigentes de instituições de ensino superior foi realizado no seguimento do Congresso da Interioridade que decorreu em novembro, em Bragança.

Fonte: http://www.rtp.pt/noticias/pais/autarcas-universidades-e-politecnicos-do-interior-pedem-reuniao-urgente-ao-governo_n714741#sthash.xfioACBf.dpuf. Consultado em: 25/01/2016

MIL BOLSAS PARA QUEM QUER ESTUDAR NO INTERIOR



O programa + Superior é uma iniciativa que tem como objetivo atrair candidatos para 11 Instituições de Ensino Superior de regiões do interior do país, atribuindo uma bolsa de mobilidade de 1500 euros anuais a um máximo de mil alunos. Este programa, aprovado pelo Secretário de Estado do Ensino Superior, tem como objetivo a fixação de jovens qualificados no interior do país. Incentiva-se, desta forma, a mensagem de que vale a pena investir nestas opções de estudo, ainda que fiquem longe dos locais de residência dos alunos e das famílias.

Fonte: <http://uniarea.com/mil-bolsas-para-quem-quer-estudar-no-interior/> Consultado em: 25/01/2016

Norte e Centro de Portugal dão as mãos rumo à Internacionalização



A UTAD foi palco de um encontro de dirigentes associativos do Norte e do Centro de Portugal, apostados em unir esforços rumo à internacionalização. O Encontro, designado “Norte e Centro de Portugal nos Caminhos da Internacionalização”, foi organizado pela UTAD em conjunto com a Associação de Empresários Turismo do Douro e Trás-os-Montes (AETUR) e Comunidade Intermunicipal do Douro (CIMDOURO) e decorreu a 28 de outubro, na Biblioteca Central da UTAD.

Como objetivo principal, este evento pretendeu afirmar o papel das Associações e dos empresários das duas grandes regiões na dinâmica exportadora portuguesa, elegendo como estratégia comum o desenvolvimento do turismo e da indústria agroalimentar. Em conjunto, pretendem construir um modelo/guião transversal que simplifique e sirva esse propósito, contemplando os procedimentos e compromissos públicos e privados inerentes.

Conscientes de que as exportações assumem, no contexto da sociedade e da economia portuguesa, uma acrescida importância, contribuindo para os objetivos de crescimento da economia, os organizadores do encontro reconhecem também que as Associações têm um “histórico” notável em matéria de internacionalização, traduzido em conhecimento, relações de proximidade, vontade e ambição, que desejam acentuar na sua intervenção em prol do País e do tecido empresarial que representam. De resto, o movimento associativo vem desempenhando já um papel relevante na promoção externa dos produtos gerados pelas empresas associadas, facilitando o acesso a mercados estratégicos, aligeirando procedimentos e diminuindo custos operacionais.

O encontro tornou evidentes alguns dos desafios da internacionalização, como a baixa capacidade de negociação das empresas, a sua reduzida dimensão produtiva e o pouco conhecimento dos mercados internacionais; deu a conhecer experiências e iniciativas, das associações, empresas e tecido institucional; e apontou fatores críticos para o sucesso neste campo, com destaque para o reforço da cooperação e trabalho em parceria, um melhor conhecimento das diferentes dimensões dos mercados e a qualificação dos empresários e técnicos associativos.

Neste evento estiveram presentes vários representantes das organizações ligadas ao Turismo e ao Sector agroalimentar, entre elas o IAPMEI; a Agência Regional de Promoção Turística do Porto e Norte de Portugal; Turismo de Portugal, IP; Associação Industrial de Aveiro; Adega Cooperativa de Vila Real; AICEP; Comunidade Intermunicipal do Douro e o Diretor Regional de Agricultura e Pescas do Norte.

Fonte: http://www.utad.pt/vPT/Area2/noticias/Paginas/noticias_outubro_2015/norte_centro_rumo_internacionalizacao.aspx. Consultado em: 22/01/2016

A Câmara de Castanheira de Pera, no distrito de Leiria, aprovou por unanimidade uma moção que exige um médico permanente no centro de saúde do concelho, garantindo-se assim o acesso da população aos cuidados de saúde.

A moção, enviada hoje à agência Lusa, apela à Administração Regional de Saúde do Centro (ARSC) para que "implemente medidas urgentes capazes de fazer ultrapassar a crise funcional do Centro de Saúde de Castanheira de Pera" e exige que "sejam encetadas todas as diligências e adotadas as medidas necessárias para que seja colocado mais um médico, em regime de permanência".

O executivo propõe "repudiar a forma inoperante, afrontosa e despreocupada com que as autoridades competentes estão a conduzir todo este processo, que deixa milhares de utentes ao `abandono` e sem as respostas necessárias" e solicita à ARSC que, "imediatamente, dê cumprimento ao protocolo/compromisso recentemente assinado entre esta e os municípios de Castanheira de Pera, Pedrógão Grande, Ansião, Figueiró dos Vinhos, Alvaiázere, Penela e a Fundação Nossa Senhora da Guia de Avelar".

Segundo o documento, a autarquia continuará a "manter contactos junto da administração do Agrupamento de Centros de Saúde do Pinhal Interior Norte no sentido de serem equacionadas soluções de parceria que permitam garantir o acesso da população do concelho aos cuidados de saúde".

Na moção, o município salienta que o Centro de Saúde de Castanheira de Pera "não tem dado uma resposta capaz às necessidades dos cidadãos no seu direito à saúde, gerando, naturalmente, crescente insatisfação".

Considera também que "esse mau funcionamento se deve, essencialmente, à falta de pessoal médico, o que causa grandes constrangimentos à população".

"A situação de doença de um profissional médico e a simultânea rescisão de contrato de outro conduziu a que cerca de três mil utentes não disponham, atualmente, de médico de família", lê-se ainda na moção, que alerta para a "elevada percentagem de população idosa do concelho, com fracos recursos financeiros e com mobilidade condicionada".

A moção será enviada ao ministro da Saúde, ao Presidente da Assembleia da República, a todas as Direções dos Grupos Parlamentares, à ARSC, à Direção do Agrupamento de Centros de Saúde do Pinhal Interior Norte e à Direção do Centro de Saúde de Castanheira de Pera.

Fonte: http://www.rtp.pt/noticias/pais/camara-de-castanheira-de-pera-exige-medico-permanente-no-centro-de-saude_n886175. Consultado em: 23/01/2016

1.1. Imagina que és o Presidente da Câmara da Guarda e tens que encontrar defender o teu concelho consoante as notícias anteriores.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Explicar que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar sinergias entre uma câmara municipal de uma cidade média e uma câmara municipal de uma grande cidade.
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.1.2. Dossier Presidente da Câmara – Versão Cidadão

1.1. Imagina que és um cidadão da cidade da Guarda. A partir das notícias evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar desequilíbrios, a vários níveis, na tua cidade.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o presidente da câmara da cidade da Guarda pode resolver os problemas existentes?
- e) (outras questões ao presidente da câmara)

8.1.3. Dossier Hospitais

E.S.	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpellando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

4. Falar de forma organizada e ordenada;
5. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
6. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Centro de saúde esteve quatro horas sem médicos

A Urgência Básica do Centro de Saúde de Cinfães esteve, esta sexta-feira, quatro horas sem médicos ao serviço. A ausência de clínicos vigorou entre as 16 e as 18 horas.

A inusitada falta de clínicos foi denunciada, ao JN, por utentes que recorreram ao serviço. "Foi-nos dito que a médica que terminou o turno não teve quem a substituísse. Após esperar a doutora terá ligado para a Administração Regional de Saúde do Norte que lhe terá dado autorização para se ir embora. Ela assim fez. Foi-se embora", explicou ao JN, um dos utentes que juntou às queixas de saúde a indignação.

Ao início da noite, uma fonte do Centro de Saúde explicou ao JN que a situação ficou normalizada às 20h com a chegada de dois médicos.

O JN procurou junto do Agrupamentos de Centros de Saúde do Tâmega I Baixo Tâmega, perceber a razão da falta de médicos em Cinfães, mas os responsáveis estiveram incontactáveis.

O Hospital de referência de Cinfães para situações agudas, é o Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa, com unidades em Penafiel e Amarante que distam cerca de 50 km em percurso muito sinuoso que levam uma hora a percorrer de carro. A urgência básica de Cinfães trata de patologias ligeiras.

Fonte: http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Viseu&Concelho=Cinf%E3es&Option=Interior&content_id=4971041 Consultado em: 23/01/2016

» Centro Hospitalar de Leiria no top ten do ranking dos melhores hospitais públicos

O Centro Hospitalar de Leiria (CHL) está no top ten do ranking dos melhores hospitais públicos, de acordo com os resultados da "Avaliação de Desempenho dos Hospitais Públicos de 2012" realizado pela Escola Nacional de Saúde Pública. Para aferir a qualidade do internamento, este estudo analisou 41 hospitais e centros hospitalares do Serviço Nacional de Saúde, com base na mortalidade, complicações e readmissões em mais de 870 mil episódios de internamento de doentes em 2012.

Hélder Roque, presidente do Conselho de Administração do CHL, considera que «é muito gratificante ser considerado um dos dez melhores hospitais do país. O resultado deste estudo é muito importante para o nosso Centro Hospitalar, como reconhecimento pelo esforço que temos desenvolvido. É igualmente positivo para elevar a nossa região, os nossos cidadãos, pela segurança e confiança nos excelentes cuidados que lhes prestamos, bem como para os nossos profissionais, como incentivo e recompensa pelas suas boas práticas e competência».

O presidente do Conselho de Administração destaca que a posição que o CHL ocupa é consequência de uma opção estratégica que aposta no trabalho assente em elevados padrões de qualidade, na formação de profissionais e com equipas bem preparadas e empenhadas. A acreditação pela Joint Commission International (JCI), as elevadas classificações atribuídas pela Entidade Reguladora da Saúde, o reconhecimento com diversos prémios, a participação no projeto DUQuE, são exemplos do percurso que tem sido efetuado.

«Atendendo à conjuntura em que temos desenvolvido o nosso trabalho, não só as carências em recursos humanos, mas também as assimetrias com outros hospitais, estes resultados são ótimos. Os anos de 2012 e 2013 foram muito duros, de grande rigor e exigência, com grandes condicionalismos, mas temos conseguido mais com menos, fruto do brio e dedicação dos nossos profissionais. O nosso Centro Hospitalar tem vindo a consolidar-se como um dos hospitais de referência do País, apesar das dificuldades e carências que ainda sentimos», salienta Hélder Roque.

A análise e avaliação da Escola Nacional de Saúde Pública foram realizadas a partir de resumos informatizados de alta dos hospitais, disponibilizados pela Administração Central do Sistema de Saúde e pela Direção-Geral de Saúde. A coordenação do estudo é de Carlos Costa em conjunto com Sílvia Lopes, docentes na Escola Nacional de Saúde Pública.

Fonte: <http://www.chleiria.pt/comunicacao-social/noticias-eventos/-/centro-hospitalar-de-leiria-no-top-ten-do-ranking-dos-melhores-hospitais-publicos-102/> Consultado em: 25/01/2016

Médicos especialistas dão consultas gratuitas no interior do país

Objetivo é evitar deslocações aos centros urbanos da população mais idosa. Projeto está em curso no distrito de Bragança.

Um grupo de médicos voluntários está a dar consultas gratuitas, de várias especialidades, no interior do distrito de Bragança, para que os cidadãos não tenham que se deslocar aos hospitais dos centros urbanos.

"Fazemos cirurgias e outros tratamentos e resolvemos alguns problemas de saúde a uma população muito envelhecida como é a das zonas interiores do país e que de outra forma teriam dificuldade em se tratar", afirmou à Lusa António Massa, presidente da Sociedade Portuguesa de Dermatologia (SPD) e um dos mentores do projeto.

As especialidades médicas são, entre outras, a dermatologia, cirurgia, urologia, ginecologia, ortopedia e pneumologia.

Este trabalho está em curso em Freixo de Espada à Cinta, distrito de Bragança, havendo um projeto de o alargar a outras zonas do país, o qual deverá estar concluído no próximo outono. Para isso, os clínicos abdicam de parte dos seus tempos livres.

Os médicos estiveram em Mogadouro e Vimioso ao longo de um fim-de-semana e atenderam "algumas centenas de pessoas" não só nos centros de saúde mas também em lares de idosos.

"Só numa manhã e no centro de saúde de Mogadouro foram vistas pelos oito médicos 86 pessoas", enumerou António Massa.

"Assim conseguimos evitar as deslocações aos hospitais de referência criando algum conforto às pessoas mais idosas", assegurou.

Por seu lado, José Carlos Noronha, médico ortopedista referiu as lesões degenerativas como a principal causa da incapacidade das pessoas mais velhas.

"Nesta zonas desfavorecidas do interior, as artroses são o principal problema com que me deparo", disse o especialista.

Por seu lado, a população apoia a ideia: "foi uma grande iniciativa já que não temos grandes oportunidades de nos deslocar ao Porto, e depois somos encaminhados para os respetivos médicos de família", disse Eugénia Baltazar enquanto aguardava a sua vez para ser vista por um dos médicos.

O presidente da câmara de Mogadouro, Francisco Guimarães, afirmou que as deslocações destes médicos especialistas dão pouca despesa em termos de logística e o resultado é garantido.

"Qualquer pessoa fica agradada quando médicos deste gabarito se deslocam às nossas terras para fazerem um trabalho meritório e de forma gratuita", enfatizou o autarca.

Fonte: <http://www.dn.pt/portugal/interior/medicos-especialistas-dao-consultas-gratuitas-no-interior-do-pais-4546684.html> Consultado em: 23/01/2016

Criança fez 200 km para pôr gesso

Uma criança de 12 anos portadora de doença rara partiu uma perna durante um exercício de fisioterapia no Hospital Amato Lusitano, em Castelo Branco, mas teve de deslocar-se mais de 200 quilómetros para pôr gesso.

A mãe do menino, Zulmira Antunes, está revoltada e atribui responsabilidades a “guerras entre o Serviço de Ortopedia e o diretor clínico”. Na quarta-feira, às 15h30, partiu uma perna durante uma sessão de fisioterapia. Hora e meia depois, “o ortopedista que o viu disse ao diretor clínico que precisava de alguém que o ajudasse a pôr gesso”, conta a mãe. A resposta chegou às 20h00 e foi a menos esperada. “Mandaram-nos para Coimbra para pôr um bocado de gesso”, revelou Zulmira Antunes. Já passava das 00h30 quando Ricardo e a mãe chegaram de ambulância ao Hospital Pediátrico de Coimbra. Durante o tempo de espera, a criança – que devido à doença tem problemas renais, dificuldades motoras e cataratas – esteve sem comer, o que deixou a mãe ainda mais indignada. “Será que não têm ninguém dentro do hospital que ajude o ortopedista a pôr gesso?”, questiona. Zulmira Antunes e disse que “o ortopedista que viu o Ricardo queria

tratá-lo mas não teve autorização superior nem uma pessoa para o ajudar”, por isso “fez uma tala improvisada”, para que o transporte fosse menos doloroso.

João Frederico, diretor clínico do Hospital Amato Lusitano, diz que “é público que tem havido uma situação de divergência entre o Serviço de Ortopedia e a administração” mas afirma que “na ficha clínica do doente em causa apenas é referido que este precisava de uma intervenção e que o colega (ortopedista) não a podia fazer sozinho, pelo que foi solicitado ao Hospital Pediátrico de Coimbra se podia receber o doente”. Os conflitos no Hospital de Castelo Branco já levaram à demissão do diretor do Serviço de Ortopedia, função agora ocupada por João Frederico.

Fonte: <http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/portugal/detalhe/crianca-fez-200-km-para-por-gesso.html>. Consultado em: 25/01/2016

1.1. Imagina que és o Diretor do Centro de Saúde da Covilhã e tens que encontrar medidas para os problemas enunciados nas notícias.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar sinergias entre um centro de saúde e um hospital de grande dimensão.
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.1.4. Dossier Hospitais – Versão Utente 1

1.1. Imagina que és um utente do centro de saúde da Covilhã e tens que demonstrar qual é a realidade do funcionamento do sistema de saúde dessa cidade. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados no serviço de saúde das cidades médias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;

- d) Questiona um colega: como é que o diretor do hospital pode tomar medidas para atenuar esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do hospital)

8.1.5. Dossier Hospitais – Versão Utente 2

- 1.1. Imagina que és um utente do centro de saúde de Cabeceiras de Basto e tens que demonstrar qual é a realidade do funcionamento do sistema de saúde dessa cidade. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios entre o serviço de saúde das grandes cidades e as cidades médias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o diretor do hospital pode tomar medidas para atenuar esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do hospital)

8.1.6. Dossier Transportes

E.S. Paredes

Departamento de Ciências
Sociais e Humanas

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

2. Falar de forma organizada e ordenada;
3. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
4. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

O país das autoestradas desertas

As autoestradas construídas a sul do Tejo, nos anos de ouro dos fundos comunitários, não registam tráfego suficiente para justificar a sua existência, diz um estudo feito por Jorge Paulino Pereira, professor de Vias de Comunicação no Instituto Superior Técnico (IST) e Ana Guerreiro, engenheira civil com atividade na área das infraestruturas viárias. A exceção é a A2 e a Via do Infante, mas apenas em julho e agosto. Os autores de um estudo sobre a rede de autoestradas mostram como a sua construção foi baseada em previsões otimistas de tráfego. E também na vontade dos políticos em fazerem obra. Contactada pela VISÃO, a Brisa, concessionária de várias destas autoestradas garante que a A2 é rentável. Sobre a A10 e a 13, a empresa diz que foram obras feitas "a pensar nos 30 mil veículos por dia que ia gerar o tráfego do aeroporto da Ota".



Fonte: <http://visao.sapo.pt/actualidade/economia/o-pais-das-autoestradas-desertas=f827323>

Consultado em: 25/01/2016

Autarcas reclamam imediata abolição de portagens na Via do Infante

O Partido Socialista diz ter a garantia de que o “assunto não está esquecido”, mas não se quer comprometer com valores nem datas.



A Assembleia Intermunicipal do Algarve exige do Governo a “urgente abolição” das portagens na Via do Infante (VI), justificando tal medida com o facto de a região se sentir “economicamente” prejudicada pois a Estrada Nacional (EN) 125 não é uma alternativa à via rápida.

Decorridos quatro anos, após a introdução de portagens na VI, o que se verifica é que a “mobilidade na região regrediu cerca de 20 anos”. O motivo, diz a moção apresentada pelo BE, é que a EN 125 não passa de uma “rua urbana”, onde os acidentes continuam a suceder a um ritmo que faz desta via uma das mais perigosas do país. O Algarve corre o risco de chegar ao fim do ano com uma média de 27 acidentes por dia. “Uma situação trágica e insustentável por muito mais tempo”, enfatiza.

Durante a campanha eleitoral para as legislativas, o PS defendeu uma redução de 50% no preço das portagens, numa primeira fase. O PSD, na altura no poder, ficou-se pela “redução substancial”, evoluindo para a posição de “tendencialmente gratuita”.

Da bancada do Partido Socialista, Paulo Morgado disse haver a garantia do Governo para uma “redução significativa” no valor das portagens como princípio para atingir a circulação gratuita. “Temos a garantia do primeiro-ministro que o assunto não está esquecido”, sublinhou. Já os comunistas defendem que não há mais tempo a perder com a repetição de argumentos sobejamente conhecidos. Por isso, propuseram “exigir da Assembleia da República uma resolução para a abolição das portagens”. A moção recebeu a quase unanimidade dos votos, tendo contado apenas com uma abstenção. Além do custo das portagens, o PSD destacou que a forma como é feita a cobrança (apenas por leitura eletrónica) tem afastado os turistas espanhóis, um mercado turístico importante para a região.

Portagens não acabam, mas pode haver descontos no interior

Não haverá novas portagens na A3 e na A4. Governo não abolirá portagens em nenhuma autoestrada, mas promete descontos



O ministro do Planeamento e das Infraestruturas, Pedro Marques, garantiu hoje no parlamento que não haverá novas portagens na A3 nem na A4, adiantando que o Governo continua a estudar como favorecer a mobilidade nas autoestradas do interior.

"Neste ano, em que se acabam estas obras, este Governo não põe no Orçamento do Estado de 2016 qualquer introdução de portagens na A3 e na A4", declarou o governante, quando questionado sobre a possibilidade de virem a ser portajados o troço da A3 entre Águas Santas e a Maia e o troço da A4 entre Águas Santas e Ermesinde.

Na comissão de Economia, o governante realçou que "foi uma opção política a não introdução de portagens nestas autoestradas", da região norte, o que levou o deputado do CDS-PP Hélder a Amaral a aconselhar o ministro a não se deixar levar "por essa velha tradição de contentar tudo e todos".

No parlamento, Pedro Marques reafirmou que este Governo também não pretende abolir portagens em nenhuma autoestrada, mas está a estudar como favorecer a mobilidade no interior, o que "poderá passar por um regime de descontos nas portagens no interior".

Na mesa de Pedro Marques, ministro do Planeamento e das Infraestruturas, estão algumas soluções para potenciar o tráfego nas zonas do interior do país e em estradas menos utilizadas. Uma destas soluções, avançou o ministro esta quarta-feira, na Comissão de Economia, Inovação e Obras Públicas, "pode passar por uma redução de portagens" tanto no interior como em zonas com poucas alternativas em boas condições. No fundo: um desconto no valor a pagar pelo utilizador em determinadas localidades do país.

A introdução de portagens, em 2016, no troço da A3 entre Águas Santas e a Maia e no troço da A4 entre Águas Santas e Ermesinde estava prevista no Plano de Atividades e Orçamento da empresa Infraestruturas de Portugal (IP).

Fonte: <http://www.dn.pt/dinheiro/interior/portagens-nao-acabam-mas-poder-haver-descontos-no-interior-4989744.html> . Consultado em: 25/01/2016

Comboios de passageiros regressam à linha do Leste mas só ao fim-de-semana

Protocolo entre CP e municípios do Alto Alentejo prevê circulações às sextas e domingos entre Entroncamento e Portalegre.



Quase quatro anos depois de ter encerrado o serviço de passageiros na linha do Leste, a CP vai realizar comboios às sextas e domingos entre Entroncamento e Portalegre. O objetivo é servir a mobilidade de fim-de-semana de centenas de estudantes do Politécnico daquela cidade, bem como militares da Escola Prática da GNR e ainda estudantes de Alter do Chão e alunos da escola de pilotos de Ponte de Sôr.

A CP assina nesta sexta-feira um protocolo com municípios do Alto Alentejo no qual se compromete a realizar durante seis meses este serviço de fim-de-semana, que visa sobretudo transportar pessoas para o eixo da linha do Norte a norte do Entroncamento. Em contrapartida, a câmara de Portalegre, cuja estação está longe da cidade, assegura o transporte em autocarro à hora da partida e chegada dos comboios.

O serviço vai vigorar durante seis meses devendo depois ser reavaliado para se saber se vale a pena continuar.

A linha do Leste, entre Entroncamento e Elvas, encerrou ao serviço de passageiros em Janeiro de 2011 por ordem do atual governo, na sequência do PET (Plano Estratégico de Transportes). Na altura a CP dizia que viajavam por ano 28 mil pessoas neste eixo e que tinha um prejuízo anual de 1,2 milhões de euros.

No entanto, apesar do mau serviço, assegurado por automotoras velhas, a linha de Leste constitui uma alternativa para quem de Elvas, Portalegre e Ponte de Sôr pretende viajar para o Centro e Norte do país. De autocarro a viagem é mais cara e mais longa pois a maioria das ligações implica “descer” a Lisboa para mudar de autocarro e depois “subir” para norte.

Foi isto que pensou a câmara de Portalegre e a CCDR do Alentejo quando há um ano e meio contactaram a CP para reatar o serviço de passageiros nesta linha. Com boas ligações no

Entroncamento aos intercidades e alfa pendulares para norte, o modo ferroviário pode ser a melhor opção para chegar a Coimbra, Aveiro, ou Porto.

Os horários que estão a ser estudados pela CP prevêem que de Portalegre ao Porto se demore cerca de quatro horas e para Coimbra três. De autocarro demora-se o dobro do tempo. E de carro, podendo ser um pouco mais rápido, é seguramente muito mais caro. O arranque do serviço está marcado para 25 de Setembro, já com uma semana de atraso em relação ao inicialmente previsto, a fim de coincidir com o início do ano lectivo.

O caminho mais rápido para Espanha

Construída em 1863 entre Lisboa e Elvas (ainda antes do comboio chegar ao Porto), a linha do Leste foi a primeira ligação ferroviária para Espanha, tendo tido um importante papel no tráfego de mercadorias e de passageiros. Foi durante mais de cem anos a principal via de acesso do Alto Alentejo ao resto do território e por ela chegou a circular, em meados do século XX, o expresso noturno entre Lisboa e Sevilha. O tráfego de passageiros, contudo, foi diminuindo à medida que a região se desertificava, acabando a CP por cortar as ligações directas a Lisboa e reduzir a oferta a duas automotoras diárias entre Badajoz e Entroncamento, que acabaram em Dezembro de 2011.

A linha mantém-se, contudo, aberta para mercadorias, nela circulando entre seis a nove comboios diariamente, o que obriga a Refer (agora designada Infraestruturas de Portugal) a manter a linha operacional e as estações guarnecidas.

Fonte: <https://www.publico.pt/local/noticia/comboios-de-passageiros-regressam-a-linha-do-leste-mas-so-ao-fimdesemana-1708083>

1.1. Imagina que és o vereador dos transportes de uma câmara municipal de uma cidade do interior e tens de responder às reclamações dos cidadãos.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar uma rede de transportes exequível para ligar as cidades de grande dimensão e as cidades de pequena dimensão
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.1.7. Dossier Transportes – Versão Trabalhador

1.1. Imagina que és um trabalhador de uma empresa de transportes e conheces a realidade deste setor nas cidades de pequena dimensão. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios na rede de transportes das cidades médias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o vereador dos transportes de uma cidade média pode atenuar estes problemas?
- e) (outras questões ao vereador dos transportes)

8.1.8. Dossier Turismo

E.S.	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

2. Falar de forma organizada e ordenada;
3. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
4. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Bragança recebe conferência sobre o turismo inteligente em pequenas cidades

O Smart Travel 2015 acontece esta sexta-feira, em Bragança. A cidade transmontana recebe especialistas de todo o mundo que procurarão encontrar soluções para as pequenas e médias cidades inteligentes que utilizam o turismo como ferramenta de desenvolvimento económico e de sustentabilidade.



Mais do que encontrar respostas, o evento procurará descobrir perguntas diz Victor Pereira, o diretor do evento. " Que é feito das pequenas e médias cidades hoje em dia? As pessoas estão a migrar massivamente para as grandes metrópoles e todas as zonas periféricas estão a perder população. Teremos aqui espaço para debater estas questões e obviamente que as pessoas que trazemos ao **Smart Travel 2015** é gente criativa, com muitas ideias que trará algumas luzes acerca do que se está a fazer noutros pontos e noutras cidades do mundo".

Fonte: <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/braganca-recebe-conferencia-sobre-o-turismo-inteligente-em-pequenas-cidades-4915212.html>. Consultado em: 22/01/2016

O turismo em Portugal está a mudar. Estas são as novas tendências

Regiões menos conhecidas, hotéis diferentes, o regresso à simplicidade e à genuinidade. Este é o novo conceito de luxo

Portugal está na moda para fazer turismo. A frase tem sido dita e repetida nos últimos tempos. Mas se é verdade que o turismo português está na moda, não é menos verdade que as modas do turismo estão a mudar. Se antes os turistas rumavam em massa ao Algarve para aproveitar o sol e as praias, agora procuram cada vez mais novas regiões e novas ofertas.

Do Douro ao Alentejo, de Óbidos à Comporta, as novas tendências saltaram à vista no World Travel Market, uma das maiores feiras de turismo do mundo, que decorreu em Londres entre 2 e 5 de novembro. Portugal esteve representado com 50 empresas e várias regiões turísticas, e muitos foram os operadores que visitaram o stand nacional.

“Estamos à procura de novas localizações no Algarve e também em Lisboa”, explicou Christopher Yianni, da Saga Holidays. A empresa já oferece pacotes para vários destinos portugueses aos turistas ingleses, e garante que a procura é cada vez mais diversa. “Notámos um aumento significativo no nosso negócio para o Norte de Portugal, para o Douro, e também Lisboa, que é muito popular e muito ‘chic’ neste momento”.

Também Anna Waterman encaminha turistas para Portugal, sobretudo britânicos e espanhóis. Atualmente, a Holiday Rental Portugal trabalha com 75 propriedades na zona de Peniche e da Praia d’El Rey, em Óbidos. “São muito populares entre os nossos hóspedes. No último Verão notámos um aumento incrível na procura pela região da Costa da Prata, acho que as pessoas estão a começar a olhar para zonas que não reparavam antes”.

A Holiday Rental Portugal está à procura de novos destinos para oferecer aos clientes e considera quem, ao contrário do que acontece com o Algarve, “os operadores britânicos não têm muito conhecimento das outras regiões. Mas nós achamos que há imenso potencial para regiões à volta de Troia, Comporta, Cascais, a Costa de Lisboa...”. A Thomas Cook, um dos maiores operadores do Reino Unido, ainda aposta forte no Algarve, mas reconhece que há outros destinos que começam a ser uma tendência.

A crescente procura entre os britânicos fez com que a própria transportadora aérea British Airways tenha aumentado as frequências de Londres para Lisboa e Faro. Mas não só. “Em maio também começámos a voar para a Madeira e a partir de fevereiro do ano que vem passamos a voar para o Porto. Isso é reflexo precisamente do maior interesse do mercado britânico, explicou Lucie Weasley, gestora da companhia para o aeroporto londrino de Gatwick.

Novas ofertas, a hospitalidade de sempre

Ana Isabel Rebelo explica o que atrai os turistas à herdade Torre de Palma e ao Alentejo. O Torre de Palma Wine Hotel oferece mais do que enoturismo: há aulas de equitação e passeios equestres com cavalos lusitanos, workshops de agricultura, vindimas, e apanha da fruta, visitas a monumentos e património histórico, passeios em balões de ar quente, canoagem, BTT, falcoaria, observação de aves, loja e restaurante com produtos locais, e muito mais.

“Ali as pessoas encontram a genuinidade, a simplicidade dos locais, os sabores regionais, a história... o luxo hoje é isso”.

Mesmo as principais cadeias hoteleiras nacionais, estão a fazer por isso. É o caso da Vila Galé Hotéis, explica Gonçalo Rebelo de Almeida, administrador do grupo. “A nossa aposta vai por aí, temos tentado diversificar... já tínhamos aberto uma unidade em Coimbra, também já tínhamos uma no Alentejo, agora abrimos outra em Évora e fomos para o Douro, onde ainda não estávamos”.

Mesmo nos hotéis de praia, a palavra de ordem é tentar fazer diferente. “Abrimos o Pestana Alvor South Beach, inspirado no conceito de South Beach em Miami, em agosto, em plena época alta, e esgotou de imediato a ocupação, e foi atirado instantaneamente para os rankings do Trip Advisor”, congratula-se Nuno Ferreira Pires, administrador do grupo Pestana. “Porquê? O que era assim tão diferente? Tudo: a abordagem em termos de decoração, o modelo de operação totalmente novo, a restauração, com um conceito diferenciador, tudo”, resume.

João Cotrim de Figueiredo elogia a postura de quem trabalha no setor. “Portugal é visto cada vez mais como o país que melhor recebe, e onde toda a gente se sente em casa. O que nos distingue, o que temos de diferente, são as pessoas. E isso não vai mudar. No essencial, temos tudo o que é preciso para que esta onda de interesse por Portugal se mantenha por muito tempo, desde que continuemos a trabalhar e a adaptar a nossa oferta à realidade da procura, que vai sempre mudando”.

Fonte: <http://www.tvi24.iol.pt/economia/turistas/o-turismo-em-portugal-esta-a-mudar-estas-sao-as-novas-tendencias>.
Consultado em: 25/01/2016

Espanhóis foram conhecer o interior de Portugal e recomendam

O guia de viagens do jornal espanhol El País, El Viajero, fez um roteiro pelo interior do país, entre Alvados, Lousã e Aveiro. De um passeio de gôndola a um menu macrobiótico, o El Viajero foi descobrir as propostas turísticas do interior de Portugal e recomenda.



O guia de viagens do jornal espanhol El País destaca as propostas ligadas à natureza, à arte e à reciclagem. Bem como a calma, a gastronomia e a História que predomina nesta zona do país.

Num roteiro entre Alvados, Lousã e Aveiro que combina “paisagens fabulosas, experiências sensoriais, aldeias pitorescas e até cozinha macrobiótica”, a publicação espanhola foi conhecer a beleza de Portugal.

Em Alvados, a publicação destaca o hotel Cooking and Nature, um “hotel para se emocionar”, descreve o El Viajero. Contam que foram tratados como nobres na Lousã, onde destacam o Palácio, as Aldeias de Xisto, a natureza, a serra, as praias fluviais e a sua proximidade das ‘belas cidades’ de Coimbra e de Viseu, ideais para umas escapadelas, sugere a publicação.

Em Aveiro, deixaram-se levar num passeio de gôndola e experimentaram a cozinha macrobiótica no restaurante macrobiótico Ki.

Fonte: <http://www.noticiasaminuto.com/lifestyle/484088/espanhois-foram-conhecer-o-interior-de-portugal-e-recomendam>. Consultado em: 22/01/2016

Viagens de helicóptero para turistas descobrirem outro Douro

O Grupo DouroAzul lançou hoje, na Régua, um serviço de passeios de helicóptero para mostrar aos turistas outra perspetiva do Douro, do rio e vinhedos em socalcos, e que estará disponível até ao final de outubro.

As viagens aéreas poderão ser feitas todas as quartas e quintas-feiras, a partir do cais de Cambres, no concelho de Lamego, em voos de 20, 30 e 45 minutos com preços a partir dos 290 até aos 525 euros.

A operação é organizada pela Helitours, empresa do Grupo DouroAzul, que já desenvolve atividade no Porto, de onde também sobre para o Douro vinhateiro regularmente.

A novidade agora é, segundo afirmou Rui Saraiva, diretor de negócios sightseeing da DouroAzul, que o helicóptero, com capacidade para três passageiros, vai ficar estacionado no Douro até ao final de outubro, ou seja, até acabar a época alta do turismo neste território.

Para além dos pacotes já programados, é ainda possível fazer percursos à medida dos clientes.

"Esta é uma aposta e um investimento da DouroAzul na região", sublinhou. O objetivo é também a promoção turística deste território.

Rui Saraiva referiu que se prevê fazer um mínimo de cinco voos por dia, mas, se for necessário será ainda possível prolongar a estadia do helicóptero para mais do que os dois dias definidos.

O responsável referiu ainda que este produto turístico estará disponível para os passageiros dos navios hotel da empresa, que são na sua esmagadora maioria estrangeiros, mas também pretende captar outros turistas que estejam de visita às quintas e unidades hoteleiras da região.

"As quintas e os agentes turísticos locais são muito importantes e são fundamentais para nos ajudarem a que esta operação seja, de facto, um sucesso", afirmou Rui Saraiva.

O comandante do helicóptero Robinson R44, Carlos Figueiredo, vai funcionar também um pouco como guia turístico, já que ao mesmo tempo que vai pilotar vai também mostrar aos passageiros as "maravilhas" desta região.

"Durante a viagem vamos explicando, vamos situando e dando algumas referências, mostrando algumas quintas. Estou muito ansioso por começar", afirmou o responsável.

Manuel Coelho, diretor de operações da Helitours e piloto da empresa há 13 anos, explicou que nos restantes dias da semana a aeronave irá estar a operar no Porto, fazendo os tours naquela zona em complemento com o outro helicóptero da empresa, com capacidade para cinco passageiros.

Para já a operação vai estar concentrada no cais de Cambres mas, mais tarde, quando os heliportos instalados nos navios hotel estiverem devidamente licenciados e certificados, os voos também poderão ser feitos a partir das próprias embarcações da DouroAzul.

Para além das aeronaves, o grupo possui ainda 10 navios hotel, que registaram 190 mil dormidas em 2014, e ainda uma frota de 24 autocarros que fazem depois o transporte dos passageiros pelos diversos locais da região.

Fonte: http://www.rtp.pt/noticias/economia/viagens-de-helicoptero-para-turistas-descobrirem-outro-douro_n813223

Consultado em: 22/01/2016

1.1. Imagina que és o vereador do turismo numa cidade média e tens de promover a área do turismo na tua cidade.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Explicar os indicadores, tendo em conta as notícias anteriores, que demonstram que o turismo numa cidade média é uma boa aposta;
- b) Explicar as medidas que tomavas para dinamizar ainda mais este setor
- c) Explicar de que forma se pode promover uma ligação entre o turismo nas grandes cidades e o turismo nas cidades médias.

Anotações

8.1.9. Dossier Turismo – Versão Investidor

1.1. As notícias anteriores referem que o turismo nestas cidades está a crescer, embora seja de uma forma lenta. Imagina que és um potencial investidor e queres apostar no turismo das cidades médias pois foste atraído pela análise destas notícias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Explicar quais são os potenciais do turismo nas cidades médias;
- b) Evidenciar aspetos negativos que te impeçam de investir nesta área;
- c) Explicar para que classe económica se destina este tipo de turismo
- d) Questionar o vereador do turismo sobre as principais potencialidades da sua cidade;

8.1.10. Dossier Universidades

E.S. Paredes

Departamento de Ciências
Sociais e Humanas

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

7. Falar de forma organizada e ordenada;
8. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
9. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. L
ê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Interior: Novo programa para atrair mais universitários

O Governo português prepara-se para criar um novo programa destinado a incentivar a mobilidade universitária com o objetivo de fixar mais estudantes e diplomados nas regiões do Interior, revelou esta terça-feira o Ministério da Educação e Ciência (MEC).

Numa nota enviada à Lusa, o MEC explica que o programa "+Superior" vai atribuir bolsas que serão acordadas entre as instituições de ensino superior e as autoridades regionais, pretendendo "promover, junto dos candidatos e das famílias, a oferta educativa das regiões com menos pressão demográfica", contribuindo para fixar jovens qualificados nessas regiões.

Segundo a mesma nota, pretende-se, com este quadro de medidas, "incentivar a mobilidade dos estudantes de forma a utilizar plenamente a capacidade instalada em todo o país".

Entre as principais metas apontadas pelo MEC destacam-se a otimização do preenchimento de vagas nas universidades e politécnicos, o combate à desertificação e o reforço da contribuição das instituições de ensino superior para o desenvolvimento regional.

"A adesão ao programa depende da decisão da instituição de ensino superior e do apoio conseguido junto da CCDR [Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional] ou Governo Regional, da autarquia ou de outros parceiros", sublinha o Ministério.

De acordo com o MEC, ficará a cargo da Direção-Geral do Ensino Superior "a divulgação nacional [do programa] para garantir um maior impacto em todo o país", bem como a canalização das candidaturas "para decisão pelas instituições".

Já as instituições de ensino superior serão responsáveis pela identificação dos cursos para os quais pretendem atrair estudantes e as CCDR e Governos Regionais terão o dever de definir os apoios a conceder aos estudantes "dentro de uma formatação nacional".

Os apoios diretos previstos pelo programa passam pela atribuição de uma bolsa de mobilidade. "Cada instituição de ensino superior negocia com a sua CCDR ou Governo Regional um número determinado de bolsas a atribuir a estudantes que se deslocam de outras regiões para essa instituição", esclarece o MEC.

A nota do Ministério indica também que "o número de bolsas poderá variar de curso para curso, de instituição para instituição e de região para região", que "os critérios de seriação devem ser definidos em regulamentação própria" e que "o montante da bolsa de mobilidade e as condições de elegibilidade deverão ser acordados entre todos os aderentes ao programa".

O MEC acrescenta ainda que as autarquias e outros parceiros locais poderão ser chamados a contribuir para o programa com apoios e incentivos adicionais à fixação de alunos.

Fonte: <http://boasnoticias.pt/mobile/noticias.php?id=18655>. Consultado em: 25/01/2016

Bolsas de 1500 euros para mil alunos que queiram tirar cursos no interior

O Ministério da Educação vai atribuir bolsas de 1500 euros anuais, a um máximo de mil alunos, para 12 instituições do ensino superior fora das grandes áreas urbanas.

Em comunicado hoje divulgado, o Ministério da Educação e Ciência (MEC) anunciou que já foi assinado o despacho que regulamenta o programa +Superior, uma iniciativa que visa atrair candidatos a instituições de ensino superior de "regiões do país com menor pressão demográfica".

Esta "bolsa de mobilidade" de 1500 euros anuais, a atribuir a um máximo de mil alunos, pretende contribuir para "a coesão territorial e para a fixação de jovens qualificados no interior do país".

As universidades da Beira Interior, de Évora, de Trás-os-Montes e Alto Douro, e os Politécnicos de Beja, Bragança Castelo Branco, Guarda, Portalegre, Santarém, Tomar, Viana do Castelo e Viseu são as instituições selecionadas para o programa.

Podem ser candidatos ao programa +Superior todos os estudantes inscritos no ensino superior, na sequência de uma colocação na 1.^a, 2.^a ou 3.^a fases do concurso nacional de acesso, num ciclo de estudos de uma das 12 instituições selecionadas.

Podem ser portugueses ou de outro estado membro da União Europeia e com residência habitual em Portugal, mas não podem ser provenientes de nenhum concelho do interior do país.

Ficam assim excluídos os oriundos dos concelhos das seguintes NUTS (Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos): Cova da Beira, Alentejo Central, Douro, Baixo Alentejo, Alto Trás-os-Montes, Beira Interior Sul, Beira Interior Norte, Serra da Estrela, Alto Alentejo, Lezíria do Tejo, Médio Tejo, Minho-Lima e Dão Lafões.

Os candidatos têm um mês para formalizar a candidatura, 10 de setembro e 10 de outubro, que deve ser realizada pela Internet através da página da Direção-geral do Ensino Superior.

Fonte: http://www.jornaldenegocios.pt/economia/educacao/detalhe/bolsas_de_1500_euros_para_mil_alunos_que_queiram_tirar_cursos_no_interior.html. Consultado em: 25/01/2016

Setenta cursos superiores não tiveram candidatos



Na segunda fase de acesso ao ensino superior foram admitidos mais 8.602 novos estudantes, dos 18.281 candidatos, havendo ainda 9.006 vagas por preencher, segundo o Ministério da Educação e Ciência. Um total de 626 cursos preencheu todas as vagas levadas a concurso na segunda fase de acesso ao ensino superior público. No entanto, 70 não tiveram qualquer candidato, sobretudo, na área de engenharia. Os estudantes colocados têm até segunda-feira para se matricular.

“Dos 70 cursos que não tiveram qualquer aluno colocado apenas 25 não são de engenharia, agregando áreas como educação, ambiente, tecnologias de informação, marketing e uma licenciatura em redes sociais”, segundo os dados divulgados pela Direção-Geral do Ensino Superior.

Apesar dos institutos politécnicos estarem em maioria na lista de cursos com todas as vagas por ocupar, nas universidades dos Açores, Aveiro, Beira Interior, Évora, Minho e Trás-os-Montes há também cursos que não tiveram candidatos. O Instituto Politécnico de Bragança bate o recorde com 12 cursos, quase todos de engenharia, sem candidatos.

Mais de nove mil vagas por preencher

No final da segunda fase da candidatura ao ensino superior não ficaram ocupadas 9.006 vagas. Nos casos em que exista uma terceira fase, as vagas colocadas a concurso são divulgadas no dia 2 de outubro e o processo decorre até ao dia 6 do mesmo mês, através da página oficial de acesso ao ensino superior. Os resultados serão conhecidos a 10 de outubro, mas o processo só ficará concluído no final do mês, quando termina o prazo de decisão sobre eventuais reclamações referentes à terceira fase do concurso nacional.

O curso com mais lugares por preencher é o de Engenharia Eletrónica do Politécnico de Lisboa, com 105 vagas por ocupar. Seguem-se os cursos de Engenharia Civil na Universidade de

Coimbra com 99 vagas, Engenharia Mecânica no Politécnico do Porto com 80 e Engenharia Civil no Politécnico de Lisboa com 74 vagas.

“Cada instituição de ensino superior é que decidirá se abre ou não uma terceira fase de concurso para os seus cursos”, lê-se num comunicado da Direção-Geral do Ensino Superior. Segundo o mesmo documento, “foram admitidos na segunda fase 8.602 novos estudantes, de um total de 10.492 colocados, porque 1.890 já estavam matriculados no ensino superior de uma colocação na primeira fase”.

À segunda fase concorreram 18.281 estudantes, dos quais 7.286 são novos candidatos em relação à primeira fase. “O número de candidaturas submetidas foi ligeiramente superior mas algumas foram excluídas por não reunirem as condições legais”, acrescenta o documento. “O número total de candidatos ao ensino superior público através do concurso nacional de acesso foi de 49.694”, segundo a nota.

Na primeira fase do concurso, de entre os 37.778 estudantes colocados, 4.439 não se matricularam, pelo que as vagas foram colocadas a concurso na segunda fase, juntamente com as vagas que sobraram da primeira.

Vinte cursos com média inferior a 10 valores

Vinte cursos registaram como última nota de entrada uma classificação inferior a dez valores, mas necessariamente igual ou superior a 95,0 valores (numa escala de 0 a 200), a nota mais baixa permitida no ensino superior público, considerada positiva por arredondamento. Os cursos de Turismo, no Politécnico de Beja, Línguas para as Relações Internacionais no Politécnico de Bragança, Agronomia no Politécnico de Portalegre e Dietética e Nutrição no Politécnico de Bragança são os cursos que regista

Fonte: http://www.rtp.pt/noticias/pais/setenta-cursos-superiores-nao-tiveram-candidatos_n769320 ram uma nota mínima de entrada. Consultado em: 26/01/2016

- 1.1. Imagina que és o diretor do politécnico da Beira Interior e tens de promover a tua universidade.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Selecionar uma notícia do dossier que comprove a qualidade dos politécnicos/universidades em cidades de média dimensão;
- b) Explicar que medidas tomavas para promover a tua universidade;
- c) Explicar de que forma é possível promover relações de complementaridade com universidades de grande dimensão.

Anotações

8.1.11. Dossier Universidades – Versão Estudante

1.1. Imagina que és um estudante do Politécnico da Beira Interior. Tendo em conta a tua experiência e a partir das notícias, evidencia os problemas nas universidades do interior.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar o problema em questão;
- b) Explicar os motivos pelos quais acontece esse problema;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o diretor do teu politécnico pode resolver esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do politécnico)

8.2. Dossiês Grandes Cidades

8.2.1. Dossier Presidente da Câmara

E.S. Paredes

Departamento de Ciências
Sociais e Humanas

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

10. Falar de forma organizada e ordenada;
11. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
12. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Governo vai dar 35,89 milhões de euros à **Câmara do Porto**

O Governo socialista vai cumprir o Acordo do Porto e entregar 35,89 milhões de euros à Câmara portuense.



O Município fica com meios financeiros para edificar o terminal de Campanhã e conquistar maior capacidade de endividamento. O JN sabe que o processo foi desbloqueado, anteontem, por despacho da ministra da Justiça, Francisca Van Dunem.

O memorando de entendimento, firmado em julho entre o ex-primeiro-ministro Pedro Passos Coelho e o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, é para cumprir, entende o atual Governo. O Acordo do Porto visa a resolução de vários diferendos financeiros e judiciais entre a Autarquia e o Estado (relacionados com a STCP, com a Metro do Porto e com a propriedade dos terrenos do Aeroporto Sá Carneiro). O memorando foi ratificado por resolução do anterior Conselho de Ministros em outubro de 2015, mas permanecia ainda no papel.

Volvidos mais de três meses, o processo mantinha-se bloqueado sem a atribuição devida dos 35,89 milhões ao Município portuense. O ministro adjunto, Eduardo Cabrita, encabeçou a coordenação política deste processo no sentido de desbloqueá-lo, cumprindo as garantias dadas pelo primeiro-ministro António Costa, aquando da sua deslocação ao Porto no dia 11. Fonte do

gabinete de Eduardo Cabrita sublinha que a materialização do Acordo do Porto é um "ato de justiça" para com a Invicta e "põe fim a um conjunto de processos em tribunal". O despacho da ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, permite sanar o conflito judicial.

O JN apurou que o documento confirma os termos do Acordo do Porto. Como o entendimento, alcançado em julho, merece a concordância dos ministérios das Finanças, de Planeamento e Infraestruturas e do Ambiente, a governante autoriza o Ministério Público a findar as ações pendentes no Tribunal Administrativo e Fiscal do Porto. Os processos, iniciados em 2004 e em 2012, opunham o Estado ao Município do Porto.

Com esta decisão, a Autarquia receberá os 35, 89 milhões. A maior fatia (29,89 milhões) será aplicada na redução do endividamento, mas seis milhões permitirão avançar com o interface de Campanhã. Em resposta ao JN, Rui Moreira destaca a oportunidade de executar o terminal, "previsto há mais de uma década e que agora, finalmente, vai poder ser concretizado". O primeiro passo será a abertura de um concurso público para projetá-lo.

"Para o Porto é muito importante a concretização deste memorando, não apenas por pôr fim a um conjunto de diferendos históricos entre o Estado central e o Município do Porto, mas também porque representa um aumento real da capacidade financeira para a Câmara do Porto", explica o autarca.

Fonte: http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=4994526&page=-1 consultado em: 25/01/2016

"Porto, Marca de Cultura" a bordo da SATA

"Porto, Marca de Cultura". É assim que a revista de bordo da transportadora aérea SATA caracteriza a cidade. A bordo dos aviões, na capa viaja a imagem da icónica Livraria Lello. E, ainda, se dúvidas restassem acerca do destino que a edição nº71 da SATA MAGAZINE escolheu para destacar, na contracapa a identidade gráfica da autarquia não passa despercebida.



Passados 15 anos de ter sido Capital Europeia da Cultura (em 2001), a energia revitalizadora que marcou esse período foi crescendo intensamente, deixando marcas fortes na cidade que, cada vez mais, se manifestam numa vivência cultural sem precedentes, amplamente disseminada por inúmeros espaços - alguns revitalizados, outros que passaram a constar do mapa cultural da cidade, como o antigo matadouro de Campanhã, por exemplo -, através de um cardápio de iniciativas diferenciadoras, capazes de tirar o fôlego aqueles que se atrevem a vivenciar na plenitude a atividade cultural que, atualmente, é um dos fatores distintivos da cidade do Porto.

A transformação que a cidade foi desenvolvendo ao longo dos anos, não fica apenas marcada pelos equipamentos arquitetónicos que irão perdurar no tempo. É, sobretudo, na mudança de mentalidade e na organização imaterial da cidade que se verificam as maiores diferenças. Os novos espaços que surgiram neste período, de que são exemplos a Casa da Música, o Teatro Carlos Alberto, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett e o Centro Português de Fotografia, entre outros, foram-se adaptando à mudança dos tempos e das mentalidades, adotando programações artísticas cada vez mais variadas e diferenciadas.

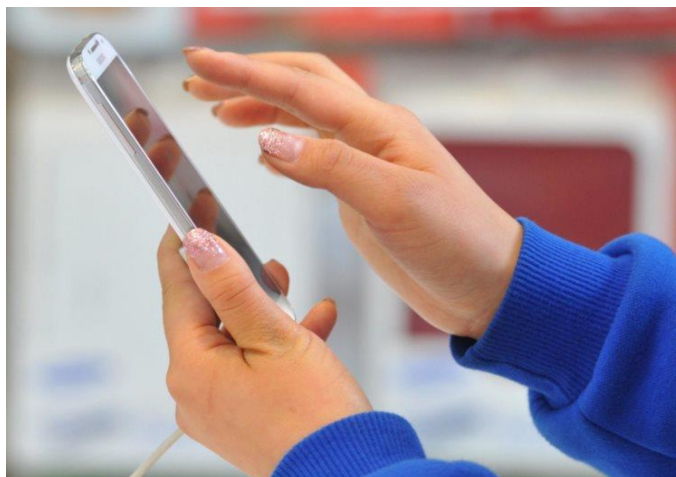
Entre as artes plásticas, música, dança, teatro, design, literatura - um espectro demasiado abrangente para aqui elencar -, emergem os tradicionais mercados e feiras de artesanato. São dezenas que, durante os fins-de-semana, juntam os portuenses e são polo atrativo de turistas nacionais e estrangeiros que, entre discos de vinil e marroquinaria diversa, passando pelos objetos feitos à mão e pelos livros que passaram entre gerações, vivem aquilo que de melhor a cidade tem: as suas gentes e a sua hospitalidade genuína, sempre pronta a receber, entre um pregão no Mercado do Bolhão e uma trinca nas iguarias gastronómicas da cidade.

As manifestações artísticas e culturais na cidade irão continuar a desenvolver-se, apostando em programas inovadores, destinados a miúdos e graúdos, seguindo as tendências culturais emergentes e mantendo as tradições que caracterizam a cidade Invicta. É esta dualidade, entre passado e futuro, tradicional e moderno, material e imaterial que melhor distingue o Porto.

Fonte: <http://www.porto.pt/noticias/a-cultura-portuense-em-destaque-na-revista-de-bordo-da-sata> consultado em: 22/01/2016

Portuenses apontam os problemas da cidade que a tecnologia e a inovação poderiam resolver

A Desafios Porto apresentou nesta terça-feira as ideias sugeridas pelos cidadãos para melhorar o município que chegaram à fase final.



Mais poupança nos consumos de água ou electricidade, mais proximidade com a produção local de alimentos, maior ligação entre a forma como os cidadãos vivem a cidade e as novas tecnologias. Os portuenses responderam ao repto da iniciativa Desafios Porto, que convidou todos os cidadãos a levantar qualquer problema que vissem na cidade, e responderam em massa apresentando questões que, com soluções tecnológicas, poderiam melhorar o município.

Depois de, em Agosto, terem anunciado a recepção de mais de 300 candidaturas divididas em quatro temáticas – Saúde e Bem-estar, Mobilidade e Ambiente, Cidade Digital e Energia, a Câmara do Porto, em conjunto com os seus parceiros e patrocinadores do projecto, anunciou esta terça-feira, quais os desafios que chegaram à fase final. Depois de uma selecção, quatro problemas de cada uma das áreas foram escolhidos, dos quais um de cada sairá vencedor e verá o seu problema resolvido, com um financiamento que poderá chegar aos 50 mil euros, a que se somará um apoio de consultadoria até aos 12.500 euros financiado pela Ernst & Young, a impulsora do desafio.

O presidente da câmara, Rui Moreira, salienta que “só um Porto inovador e empreendedor pode atrair mais pessoas”, razão pela qual considera esta iniciativa “uma prova da inovação pujante da cidade”. Na apresentação desta terça-feira, os representantes da NOS, EDP, CEIIA (Centro de Experiência e Inovação para a Indústria Automóvel) e da Ernest & Young, destacaram a importância que o projeto poderá ter para a cidade, que funcionará como “laboratório vivo”, uma vez que o objetivo será depois replicar a experiência noutras cidades. Filipe Araújo, vereador da inovação e do ambiente, completa: “Tentámos uma perspetiva em que estamos perto de um ecossistema”. Para além disso, o vereador destaca que o projeto “fixa pessoas, cria valor e cria emprego” na cidade.

Quanto aos projetos, na área da Saúde e Bem-Estar as propostas seleccionadas incluem o desenvolvimento de ferramentas para facilitar a integração necessária ao envelhecimento, um espaço no Parque da Cidade onde se possam guardar os objetos pessoais aquando da prática de exercício, uma plataforma que permita a reserva de instalações desportivas e uma plataforma de boleias para quem quer sair à noite mas não quer levar carro.

Na Energia, sugere-se um circuito que ajuda na otimização de energia da via pública, uma aplicação que meça a pegada ecológica hídrica dos cidadãos, sistemas de autoconsumo para ajudar na sustentabilidade económica e ainda ciclovias que captem energia solar para produzir electricidade para a via pública.

Já na categoria de Cidade Digital, as questões levantadas relacionam-se todas com as novas tecnologias, como os *smartphones* – as sugestões são de aplicações que permitam o pagamento de transportes públicos, que mostrem que eventos se estão a passar na cidade em tempo real, que indiquem quais os consumos de água, gás e electricidade e ainda que permitam comunicar às entidades competentes avarias ou intervenções necessárias no município.

Por último, na área da mobilidade e ambiente pede-se uma forma de produtos locais serem entregues em casa, sensores inteligentes para estacionamento que possam ser vistos em *app*, um sistema de aluguer de carros competitivo e ainda um sistema que ajude a perceber a circulação de veículos de emergência.

Em suma, a Desafios Porto quer aliar o dia-a-dia da invicta com a tecnologia. Até 15 de Outubro qualquer empreendedor poderá apresentar soluções inovadoras. A 15 de Novembro os projetos vencedores deverão ser anunciados.

Fonte: <https://www.publico.pt/local/noticia/ideias-inovadoras-para-melhorar-a-cidade-do-porto-1710304> consultado em: 25/01/2016

1.1. Imagina que és o Presidente da Câmara Municipal do Porto e tens que encontrar defender o teu concelho consoante as notícias anteriores.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Explicar que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar sinergias entre uma câmara municipal de uma cidade média e uma câmara municipal de uma grande cidade.
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.2.2. Dossier Presidente da Câmara – Versão Cidadão

1.1. Imagina que és um cidadão da cidade do Porto. A partir das notícias evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar desequilíbrios, a vários níveis, na tua cidade.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o presidente da câmara da cidade do Porto pode resolver os problemas existentes?
- e) (outras questões ao presidente da câmara)

8.2.3. Dossier Hospital

E.S.	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpellando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

13. Falar de forma organizada e ordenada;
14. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
15. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Portugueses vão mais aos hospitais e menos aos centros de saúde



Até Julho deste ano os hospitais já tinham registado mais 212 mil consultas do que há um ano e os centros de saúde menos 229 mil. Nos casos mais urgentes os portugueses também optaram mais por ir ao hospital.

Os hospitais estão a ser mais procurados. Na hora de escolherem entre o centro de saúde e o hospital, os portugueses estão a optar pelo segundo. A afluência aos hospitais aumentou tanto ao nível das consultas de especialidade como dos atendimentos urgentes. Já os centros de saúde registaram quebra na procura.

Os dados divulgados pelo Ministério da Saúde mostram que nos primeiros sete meses do ano os hospitais registaram 6.882.390 consultas, mais 212 mil do que no mesmo período do ano passado, e 3.591.172 atendimentos urgentes, um acréscimo de 3,4% face a 2012 “em linha com a onda de calor observada no período”, justifica o Ministério de Paulo Macedo.

Um movimento inverso ocorreu nos cuidados de saúde primários. Até Julho, os centros de saúde registaram uma quebra de mais de 170 mil atendimentos urgentes (-12,1%) e menos 229 mil consultas médicas. O Ministério justifica esta última redução com a “informatização da prescrição de medicamentos”.

O Governo revela ainda que há agora (no mês de Setembro) menos 479 mil utentes inscritos nos centros de saúde do que em Janeiro, fruto da operação de limpeza da lista de utentes que não iam ao centro de saúde há três anos ou mais, tendo caído a percentagem de utentes sem médico de família.

Fonte: http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/portugueses_vao_mais_aos_hospitais_e_menos_aos_centros_de_saude.html

Hospitais em rutura. Já se espera 12 horas nas urgências



Falta de camas de internamento já está a levar hospitais a enviar doentes para os que estão com menos problemas de resposta.

Vários hospitais de todo o País estão à beira da rutura com tempos de espera na urgência que já estão a atingir as 12 horas. Évora, Faro ou Abrantes são alguns dos que estão com mais atraso na resposta. Os serviços de internamento estão também a atingir o máximo da taxa de ocupação, por isso, as unidades estão a colaborar e a enviar doentes para aquelas que têm menos problemas, dando seguimento a instruções do Ministério da Saúde. É o caso do Amadora-Sintra ou do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, que ontem enviaram doentes para o Hospital de Santa Maria.

Apesar de ainda se estar longe do pico da gripe (ver caixa), os serviços já estão a lidar com dificuldades na resposta, seja porque há falta de recursos humanos ou camas para internar doentes, além de haver mais casos sociais e muitos casos de problemas respiratórios.

Ontem, esperava-se grande afluência de doentes por ser segunda-feira e por ser a sequência de quatro dias de fim de semana prolongado, em que tradicionalmente se tenta ir menos aos serviços. Em Viseu, a triagem demorava uma hora e em Faro "os doentes verdes esperam cerca de sete horas. Está mesmo muito complicado", disse um profissional. Em Évora, fonte do gabinete de comunicação admite que "tem havido capacidade de internamento.

No entanto, a afluência tem sido grande, o que se repercute nos tempos de espera". Um administrativo precisou: "A urgência está muitíssimo complicada. Os doentes azuis [menos urgentes] têm de esperar doze horas."

Também na área metropolitana de Lisboa, há registo de constrangimentos no Garcia de Orta, sem problemas no internamento mas com quatro horas de espera para os casos menos urgentes. No Centro Hospitalar Barreiro, segundo um médico, havia "seis horas de espera para os doentes menos urgentes", ainda assim metade do tempo de há duas semanas. "Havia 40 doentes em banco à tarde e já depois de um conjunto de medidas tomadas para aliviar os serviços, como a abertura de mais 18 camas.

Uma delas foi a contratação de médicos a 42 euros à hora, "autorizada pela tutela. Há médicos pagos por esse valor, alguns dos quais são internos, o que é lamentável porque os clínicos da unidade recebem cerca de 20", refere. O DN contactou a unidade, sem resposta.

No Centro Hospitalar do Médio Tejo, que inclui os hospitais de Tomar, Abrantes e Torres Novas, um profissional denunciou ao DN que os tempos de espera estavam a disparar. Os doentes pouco urgentes (verdes), já tinham de esperar 5.30 para serem atendidos e os urgentes 3.30, números que fonte oficial disse só poder apurar no dia de hoje.

Os principais constrangimentos em várias unidades prendem-se com o internamento. Mesmo depois de acionados os planos de contingência que preveem a abertura de mais camas, "havia à tarde 87 doentes na zona de triagem e de internamento, 52 dos quais internados. A maioria não tinha vaga para internamento, os outros aguardavam uma decisão." Alguns doentes "chegam a esperar 24 horas sem ser reavaliados. Não se consegue chegar a todo o lado".

O profissional refere ainda que os bombeiros e o INEM têm aguardado macas para poder deixar os doentes. Fonte oficial da unidade não tinha dados fechados, mas refere que "se registava a afluência normal para a época, frisando que só no dia 2 houve menos de 500 atendimentos nas três unidades. Podemos ter momentos com 80/90 doentes no serviço mas conseguimos dar-lhes resposta".

Ontem, o Hospital Amadora Sintra deu indicações ao Centro de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) para que não enviasse doentes para lá, "sejam urgentes ou não urgentes. Vão passar a ir para Santa Maria, porque o nosso serviço de observação atingiu o limite de 80 doentes". Apesar disso, a unidade estava com uma espera máxima de três horas.

No Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental passou-se o mesmo. "Vamos encaminhar oito doentes para Santa Maria." Fonte do Ministério da Saúde referiu que foi "dada a indicação aos hospitais para que colaborassem de forma a não haver ruturas, seja em internamentos ou nos serviços de observação. Quem tem maior capacidade deve receber doentes de outros mais lotados".

Fonte: <http://www.dn.pt/portugal/interior/hospitais-a-beira-da-rutura-tempos-de-espera-ate-12-horas-nas-urgencias-4963998.html> consultado em: 23/01/2016

Santo António e S. João são os melhores hospitais do país

Dois grandes hospitais do Norte, Santo António e S. João, voltaram a destacar-se como os melhores do país, em dois estudos divulgados com intervalo de poucas horas.



O Centro Hospitalar do Porto (inclui Santo António) é pelo segundo ano consecutivo o melhor do país entre os hospitais mais diferenciados, de acordo com o estudo "TOP 5 - A Excelência dos Hospitais Portugueses" , realizado pela empresa IASIST. Os resultados desta avaliação, com base nos critérios de classificação definidos pela Administração Central do Sistema de Saúde (ACSS), foram apresentados esta manhã de terça-feira, em Lisboa.

No que respeita aos indicadores, a avaliação da IASIST analisa o desempenho das unidades hospitalares na qualidade assistencial, eficiência e adequação. Já a avaliação da ENSP, coordenada por Carlos Costa, faz o "ranking" com base na avaliação de todos os episódios de internamento de 17 agrupamentos de doenças.

Segundo o estudo da IASIST, o Centro Hospitalar do Porto (inclui o Hospital de Santo António, o Centro Materno-Infantil do Norte e o Hospital Joaquim Urbano) foi considerado o melhor no grupo dos maiores hospitais onde estão também os Centros Hospitalares (CH) de S. João e Lisboa Norte.

O Hospital Santa Maria Maior, em Barcelos, o Hospital de Braga, o Centro Hospitalar Tâmega e Sousa e a Unidade Local de Saúde do Minho venceram nos respetivos grupos, segundo a avaliação da IASIST.

Fonte: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Saude/Interior.aspx?content_id=4791707 Consultado em: 25/01/2016

1.1. Imagina que és o diretor do Hospital de S. António no Porto e tens que encontrar medidas para os problemas enunciados nas notícias.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar sinergias entre um centro de saúde e um hospital de grande dimensão.
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.2.4. Dossier Hospital – Versão Utente 1

1.1. Imagina que és um utente do Hospital de S. António no Porto e tens que demonstrar qual é a realidade do funcionamento do sistema de saúde dessa cidade. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios entre o serviço de saúde das grandes cidades e as cidades médias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão;
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: que medidas podem ser implementadas para atenuar esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do hospital)

8.2.5. Dossier Hospital – Versão Utente 2

1.1. Imagina que és um utente do Hospital Santa Maria, em Lisboa, e tens que demonstrar qual é a realidade do funcionamento do sistema de saúde dessa cidade. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios entre o serviço de saúde das grandes cidades e as cidades médias.

Para preparar o teu discurso debes ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão;
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: que medidas podem ser implementadas para atenuar esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do hospital)

8.2.6. Dossier Transportes

E.S. Paredes
Departamento de Ciências
Sociais e Humanas

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpelando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

16. Falar de forma organizada e ordenada;
17. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
18. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Bicicletas ganham lugar nos transportes públicos e na cidade



Inês Pascoal vive em Almada e trabalha em Lisboa. É uma utilizadora da bicicleta e também dos barcos da Transtejo

Transtejo recua e bicicletas voltam a cruzar o rio de barco. Mas os ciclistas ainda pedem mais condições nas vias urbanas.

Inês Pascoal ainda não tinha decidido como iria contornar a situação, caso a Transtejo mantivesse a proibição de transportar bicicletas entre Cacilhas e o Cais do Sodré. A solução do comboio ou autocarro não agradava a esta moradora do Feijó (Almada) e pedalar até à Trafaria, onde os velocípedes continuavam a ter lugar a bordo, poderia demorar cerca de uma hora. "A bicicleta é o meu meio de transporte desde março, quando comecei a trabalhar, mas tenho de atravessar o rio", dizia ontem ao DN, antes de saber que a Transtejo tinha recuado na decisão e que na segunda-feira vai poder continuar a entrar com a "bici" no barco.

A empresa Transportes de Lisboa admitia ontem que através do acordo da Direção-Geral de Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos (DGRM) e de-vido ao "transtorno causado às dezenas de passageiros que, diariamente, transportam consigo, na frota Transtejo, as suas bicicletas", decidiu manter temporariamente o transporte de bicicletas nas condições atuais, pelo menos "até solução formal a definir com a DGRM".

O recuo da Transtejo foi anunciado 24 horas depois de a empresa ter desencadeado uma onda de contestação entre os cada vez mais ciclistas do país, que em 2014 fizeram a venda de bicicletas aumentar 30%, apressando-se a marcar uma manifestação no Terreiro do Paço, em frente ao Ministério da Agricultura e do Mar, para esta sexta-feira. A concentração iria ser desconvocada até final do dia, mas, segundo o presidente da Federação Portuguesa de Cicloturismo e Utilizadores de Bicicletas (FPCUB), José Manuel Caetano, só depois dos Transportes de Lisboa

"assumirem por escrito" que deixavam cair a interdição nas três das cinco ligações fluviais no rio Tejo.

A empresa tinha comunicado na quarta-feira que iria interditar o transporte de bicicletas por passageiros das embarcações que ligam Lisboa-Cacilhas, Lisboa-Montijo e Lisboa-Seixal para cumprir as regras. Seria a partir de segunda-feira e por um prazo indeterminado, perante a falta de certificação de normas de segurança, até obter a homologação para os barcos voltarem a transportar velocípedes.

A Transtejo justificava a restrição com base na recomendação que recebeu há um ano (15 de setembro de 2014) da DGRM, para que fossem delimitados espaços nos navios destinados às bicicletas, cumprindo, assim, regras básicas de segurança. Contactado pelo DN, o Ministério da Agricultura e do Mar ressaltou que não se tratava de nenhuma proibição.

Com esta vitória, a bicicleta mantém "maioria absoluta" nos transportes públicos. Entre as sete empresas de Lisboa e do Porto, apenas uma proíbe os ciclistas de transportarem a bicicleta, embora existam regras ao nível dos horários e da lotação, segundo um estudo da Deco. Em Lisboa, os velocípedes têm lugar na Carris, CP, Fertagus, Metro e Transtejo, todos gratuitos, enquanto no Porto estão autorizados no Metro, mas encontram portas fechadas no Serviço de Transportes Coletivos do Porto.

Com o recuo da Transtejo, Inês Pascoal pode continuar a adotar a solução que até aqui a tem conduzido entre a casa e o emprego, em Alcântara. "Demoro dez minutos entre o Cais do Sodré e o trabalho, o mesmo que se demora de carro. Pouco é muito dinheiro e o ambiente. Até posso guardar a bicicleta no edifício", revela. O transporte mantém nos dias de chuva. "Uso impermeável", conta a ciclista, que aprendeu a pedalar há três anos, já depois de ter carta de condução automóvel. Quanto à segurança? "Sinto-me relativamente bem na estrada. Os automobilistas já nos levam mais a sério", sustenta.

Já Miguel Silva, proprietário da loja Build My Bike (no Cais do Sodré), assume que Lisboa disponibiliza "poucas condições" aos ciclistas. "Faltam infraestruturas para a boa utilização de bicicletas", dando o exemplo das ciclovias. Há um total de 1784 quilómetros entre 297 ciclovias, ecovias, ecopistas e percursos cicloturísticos em Portugal, mas Lisboa precisava de mais, na opinião do empresário. "Temos meia dúzia só para quem quer passear, mas que não servem para quem precisa de fazer percursos maiores, entre a casa e o trabalho", sublinha, garantindo que poucos ciclistas utilizam as ciclovias.

"Tenho clientes que vêm de Algés pela estrada, porque a ciclovia é em S e há sempre gente a pé a caminhar por lá", diz. O DN tentou sem sucesso uma reação da Câmara de Lisboa, tendo a autarquia criado o site Lisboa Ciclável, com informações. Ainda assim, as vendas dispararam, assume o empresário, sobretudo entre as bicicletas mais bem equipadas, que passaram a ter mais saída do que os veículos baratos. "As pessoas estão sem dinheiro para transportes públicos e a bicicleta é a melhor alternativa", refere, avançando que nos últimos tempos tem sido procurado pelos donos de velocípedes antigos de montanha, que pedem a adaptação à bicicleta de utilização urbana.

Fonte: <http://www.dn.pt/portugal/interior/bicicletas-ganham-lugar-nos-transportes-publicos-e-na-cidade-4797659.html>. Consultado em: 25/01/2016

Problemas das paragens de autocarro de Lisboa

"são tantos que dava para chorar"



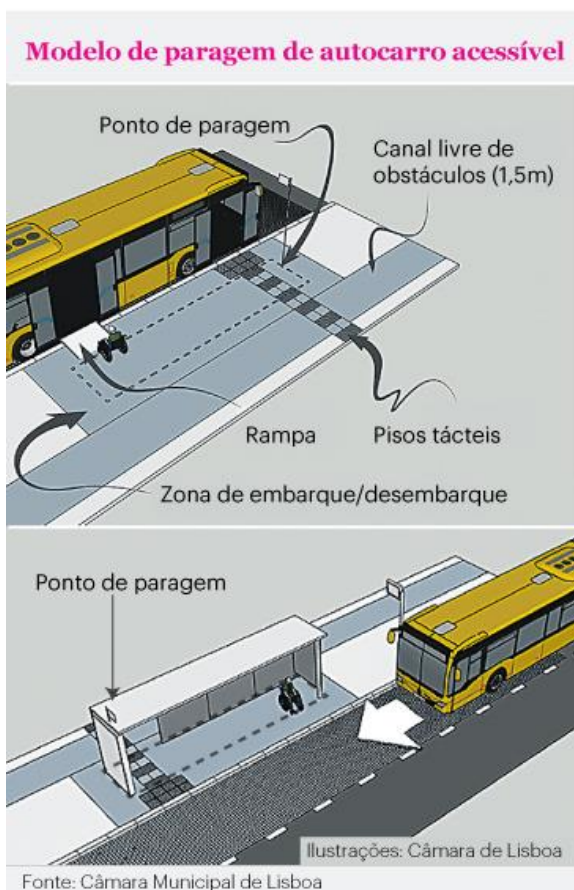
A equipa do Plano de Acessibilidade do Município quer novos abrigos, com condições para os cidadãos com mobilidade reduzida, mas a Carris lembra que quem mantém esses equipamentos os vê “como suportes publicitários”

Na cidade de Lisboa existem mais de duas mil paragens de autocarro e embora “três quartos” delas até tenham abrigos, os problemas que apresentam “são tantos que dava para chorar”. A constatação é de um dos elementos da equipa do Plano de Acessibilidade Pedonal (PAP), que criou uma espécie de livro de estilo onde se sistematizam regras e se apresentam modelos de paragens consideradas acessíveis e seguras.

Na conferência sobre acessibilidade aos transportes públicos que se realizou esta quinta-feira, Carlos Rua deu a conhecer uma das soluções que a equipa do plano, desenvolvido sob a alçada do pelouro dos Direitos Sociais da Câmara de Lisboa, gostaria de ver surgir na capital. O modelo apresentado inclui um abrigo onde os passageiros podem sentar-se e proteger-se do sol e da chuva, mas com uma particularidade: esse abrigo tem uma abertura numa das extremidades, destinada à entrada dos cidadãos invisuais.

Na extensão dessa abertura, a ideia é que seja colocado um piso tátil (alternando um material estriado com um liso), que faça o “encaminhamento” entre “o percurso pedonal e a plataforma da paragem”. Para garantir que quem anda de cadeira de rodas e entra no autocarro pela porta traseira também tem lugar no abrigo, propõe-se que a sua extensão seja superior à habitual.

Já atrás da paragem, o ideal será que haja “um canal livre de obstáculos” com 1,5 metros, como explicou Carlos Rua. Este elemento da equipa do PAP acrescentou que sempre que possível as paragens devem ser paralelas à estrada (restringindo-se aquelas que são em recorte às vias de grande tráfego) e as “faixas de acostagem” devem ser reforçadas, para evitar a sua deformação.



“É bom para toda a gente”, constatou o técnico, sublinhando que hoje em dia os problemas existentes nas paragens de autocarro “são tantos que dava para chorar”. O estacionamento abusivo nos recortes é “o mais recorrente”, mas Carlos Rua não esquece outros, como a existência de abrigos em zonas de estacionamento, de árvores e outros obstáculos na saída dos veículos ou de passeios demasiado curtos.

O director da Unidade de Controlo Operacional e Planeamento de Rede da Carris reconheceu que “há algumas necessidades de ajustamento”, salientando no entanto que a decisão quanto à localização das paragens é tomada pelos serviços da câmara, e não pelo operador. José Maia admitiu também a existência de “alguns problemas” ao nível das rampas para cadeiras de rodas existentes em 346 dos 619 autocarros da frota, mas garantiu que está a ser feito “um forcing ao nível a manutenção” e que vão ser adquiridas novas rampas para permitir “uma substituição rápida” em caso de avaria.

Em relação aos abrigos, o dirigente da Carris lembrou que “quem suporta e mantém os abrigos” são dois concessionários (a JCDecaux e

a Cemusa), que os vêm acima de tudo “como suportes publicitários”. “Nesta altura, em que a publicidade está em baixa, não acho que vá ser colocado nenhum novo abrigo”, afirmou José Maia, acrescentando que se está aliás “a assistir a uma degradação dos abrigos, que têm menos manutenção”.

O coordenador do PAP, Pedro Homem de Gouveia, também destacou que “como não há dinheiro para tudo”, que é como quem diz para promover a criação de abrigos nas paragens que não os têm e para substituir os existentes por outros mais acessíveis, é preciso “definir prioridades de investimento”.

Fonte: <https://www.publico.pt/local/noticia/problemas-das-paragens-de-autocarro-de-lisboa-sao-tantos-que-dava-para-chorar-1684416> Consultado em: 25/01/2016

Lisboa quer rede de transportes mais ampla e rápida



A Câmara de Lisboa está a estudar a hipótese de alargar a linha de metro, podendo em breve existir uma ligação mais direta entre o Rato e o Cais do Sodré.

O Expresso noticia este sábado os planos que a Câmara Municipal de Lisboa têm para a rede de transportes, numa tentativa de fazer frente às pretensões do Governo em privatizar as concessões da Carris e do Metro de Lisboa.

O plano passa pela criação de um ‘Metrobus’, uma rede que irá permitir uma circulação mais rápida e eficaz dentro da capital. “O atual sistema funciona mal, é caro e a rede está desajustada, como prova o facto de os transportes coletivos na cidade terem vindo a perder passageiros nos últimos anos”, disse ao Expresso o vereador do Urbanismo, Manuel Salgado.

Segundo o semanário, esta nova rede iria ligar pontos centrais da cidade e facilitar as ligações entre as escolas, os centros de saúde e as zonas comerciais existentes na capital, ideia que é denominada como ‘rede de bairro’. Além disso, uma ligação via metro entre o Rato e o Cais do Sodré está também em cima da mesa, passando a existir uma passagem na Estrela, São Bento e Santos.

A Câmara de Lisboa já recorreu aos tribunais para tentar anular a atribuição das concessões da Carris e do Metro.

Fonte: <http://www.noticiasaminuto.com/economia/367863/lisboa-quer-rede-de-transportes-mais-ampla-e-rapida>.
Consultado em: 22/01/2016

1.1. Imagina que és o vereador dos transportes de uma câmara municipal de uma cidade do litoral e tens de responder às reclamações dos cidadãos.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Que soluções implementavas;
- b) Explica como podes criar uma rede de transportes exequível para ligar as cidades de grande dimensão e as cidades de pequena dimensão
- c) Outros argumentos que possam defender a tua posição.

Anotações

8.2.7. Dossier Transportes – Versão Trabalhador

1.1. Imagina que és um trabalhador de uma empresa de transportes e conheces a realidade deste setor nas cidades de maior dimensão. A partir das notícias, evidencias os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios na rede de transportes das grandes cidades.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar qual é o problema em questão
- b) Explicar o que te aconteceu naquele acontecimento;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o vereador dos transportes de uma grande cidade pode atenuar estes problemas?
- e) (outras questões ao vereador dos transportes)

8.2.8. Dossier Turismo

E.S. Paredes

Departamento de Ciências
Sociais e Humanas

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpellando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

19. Falar de forma organizada e ordenada;
20. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
21. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Em 2015 o destino turístico Porto e Norte de Portugal cresceu 16,7%

Os últimos dados recentemente divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), relativos ao período de janeiro a novembro de 2015 comprovam que o ano passado foi extremamente positivo para o turismo e para a promoção internacional do Porto e Norte de Portugal enquanto destino turístico.

Fazendo um balanço, o Porto e Norte registou um total de mais de três milhões de dormidas de estrangeiros no destino, o que representa um crescimento de 16,7% face aos números verificados no período homólogo de 2014. De acordo com os dados do INE, de janeiro a novembro de 2015, foram alcançadas 3.086.200 dormidas de estrangeiros, mais 442.100 do que as verificadas em igual período do ano anterior. A lista dos mercados que mais visitam o destino continua a ser liderada por Espanha, França e Brasil.

De acordo com Rui Moreira, presidente da **Associação de Turismo do Porto (ATP)**, "estes números materializam e são fruto do esforço que a Associação de Turismo do Porto tem vindo a desenvolver, em conjunto com os seus associados, no sentido de trabalhar, de forma contínua, para o incremento turístico do Porto e Norte, procurando, de uma forma sustentada, qualificar o turismo, aumentar a procura, alcançar notoriedade e o reconhecimento internacionais, vetores de que presentemente já beneficiamos."

De recordar que a Associação de Turismo do Porto é a agência responsável pela promoção e comercialização do destino Porto e Norte junto dos mercados externos e o único organismo certificado pela Confederação do Turismo Português para exercer essa função, tendo para esse fim assinado um contrato com o Turismo de Portugal.

Entre os principais contributos para este desempenho de sucesso destacam-se as diversas ações que a Associação de Turismo do Porto realizou em parceria com companhias aéreas (na promoção do destino e na captação de novas rotas e ligações aéreas), bem como as iniciativas organizadas junto da imprensa e dos operadores do setor do turismo internacional e ainda o lançamento de uma nova campanha publicitária digital, instrumentos de promoção definidos como prioritários.

Ao longo de 2015, a Associação de Turismo do Porto apoiou a realização de 100 Press Trips (ações direcionadas para a imprensa internacional), que contaram com a participação de 362 jornalistas e fotógrafos provenientes de vários mercados; de 52 Fam Trips (visitas de apresentação do destino a agentes e operadores turísticos estrangeiros), que contaram com um total de 681 participantes; e acolheu 6 visitas de inspeção, tendo em vista a captação de congressos internacionais para o destino, que reuniram a participação de 19 participantes.

A realização destas ações revela a proficuidade da parceria estratégica da Associação de Turismo do Porto, que conjuntamente com o Turismo de Portugal e com os seus associados (atualmente com cerca de 200 associados, entre autarquias, instituições e empresas, públicas e privadas), tem vindo a dinamizar o Destino "Porto e Norte a Essência de Portugal".

A marcar o ano de 2015 esteve também a concretização de um novo modelo organizacional e de negócio, que passou a reunir numa única organização - Associação de Turismo do Porto - o acolhimento, a comercialização e a promoção do destino, e que se tem revelado um contributo fundamental para posicionar o desenvolvimento turístico do Porto e Norte num patamar muito superior.

De forma a dar continuidade a este percurso de sucesso, a Associação de Turismo do Porto tem já definido um plano de atividades para 2016 que conta com um orçamento próximo dos 4,7 milhões de euros e que foi recentemente aprovado, por unanimidade e com um elevado grau de representatividade dos diversos associados, na última Assembleia Geral da Associação. Este valor corresponde a um incremento de cerca de 2,7 milhões de Euros em dois anos, o que, na opinião de Rui Moreira "irá permitir ao Porto e Norte continuar a trilhar o seu caminho de sucesso e fortalecer, de forma sólida, consistente e sustentável, o posicionamento do destino".

Fonte: <http://www.porto.pt/noticias/em-2015-o-destino-turistico-porto-e-norte-de-portugal-cresceu-167>. Consultado em: 25/01/2016

Porto é o terceiro melhor destino turístico

A cidade do Porto não só faz parte do top 10 dos melhores destinos turísticos emergentes do planeta, como se posiciona em terceiro lugar. O ranking foi elaborado a partir dos comentários elogiosos deixados no site TripAdvisor.



"O Porto surpreende os visitantes pela sua beleza e o seu ambiente nostálgico", refere o comunicado do TripAdvisor. "A zona histórica da cidade - o bairro da Ribeira - é Património da Humanidade e da Unesco.

"E passear pelas suas ruas é como viajar através do tempo", pode ler-se. "A Torre dos Clérigos, o Mercado do Bolhão, a estação de São Bento, a ponte de Dom Luís, a Livraria Lello e os seus vinhos refinados fazem do Porto um destino muito atrativo".

Além dos elogios, as contas do portal consideram a qualidade dos hotéis e preço praticado durante o ano de 2015.

A tabela destaca em primeiro lugar Tulum, no México, por conjugar ruínas arqueológicas e boas praias. Em segundo surge Cartagena, na Colômbia. E aqui o edificado colorido e as catedrais merecem nota especial.

Em quarto, quinto e sexto estão Gatlinburg, Tennessee (EUA), Moscovo, Rússia, Brighton, Reino Unido. A fecha a tabela: Nova Deli, Índia, Banff, Alberta (Canadá), e Lima, Peru.

O TripAdvisor é um dos maiores sites de viagens do mundo, chegando a reunir 200 milhões de comentários dos viajantes.

Fonte: http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=4923145 Consultado em: 25/01/2016

O Porto mudou, mas quem vem continua a atravessar o rio



Estrangeiros e emigrantes ocupam os seus lugares nos barcos que sobem e descem o Douro. As caves, as pontes e os monumentos continuam a atrair curiosos à cidade, que nos últimos anos voltou à ribalta.

Ao lado da ponte D. Luís há um relíquia do passado, que tem já um toque de futuro. É um dos pilares da antiga ponte pênsil, desmontada ainda no século XIX e onde agora fica uma moderna esplanada, quase em cima do Douro. O Porto reinventado é um íman de turistas, novos e velhos, que enchem hotéis, hostels e alugam quartos na cidade. Muitos vêm de carro, outros de avião "low cost" e, para quem ainda pode, em voos de companhias aéreas regulares.

Alguns metros ao lado, o "Cenários do Douro", um dos barcos da Douro Azul está prestes a partir. A embarcação leva os turistas, com vista privilegiada para as duas cidades ribeirinhas: Porto e Vila Nova de Gaia.

Zé Manel e Maria são dois nomes bem portugueses, mas este casal, o único no barco numa manhã cinzenta de Agosto só está cá de férias. Vivem em Paris há mais de 40 anos. "Já fizemos esta viagem antes. É muito bonito". O barco vai até à Afurada, terra de pescadores, e dá a volta. À direita, o edifício da Alfândega do Porto contrasta com os modernos prédios de habitação do outro lado do rio.

Há 40 anos em França, Maria e Zé Manel têm um português praticamente perfeito. Ele é canalizador e ela gerente num centro logístico. Vieram de carro até à Póvoa do Varzim, a terra natal dos dois. "Já fomos às caves, já vimos tudo", explicam. A conversa rapidamente passa a ser sobre a crise. "Em França os impostos são cada vez mais elevados", confessam os emigrantes. Mas para Zé Manel e Maria, o Porto continua igual a si mesmo.



É neste preciso lugar que pára o BlueBus, uma das três "tours" que existem na cidade para turistas e curiosos. Faz parte do famoso modelo "hop on, hop off", em que o passageiro pode entrar e sair do autocarro onde quiser durante um dia. Além do azul, há um autocarro amarelo e outro vermelho.

Patrícia Maia já está habituada à confusão que as três companhias por vezes causam nos turistas. Explica calmamente ao casal que entra no seu autocarro que aquele bilhete só dá para a linha vermelha. A motorista só está há um mês na empresa, mas diz que estas perguntas acontecem com regularidade. Saiu de uma empresa privada de transportes para trabalhar no autocarro turístico.

"Ontem isto estava cheio de gente. O bom tempo ajudou. À tarde vêm mais pessoas", explica, justificando o reduzido número de ocupantes do veículo naquela manhã parcialmente cinzenta. O autocarro atravessa o rio pela ponte D. Luís e vira à direita em direção ao Palácio do Freixo, onde fica a Pousada do Porto, passeando pela avenida ribeirinha.

Pelo caminho, os audioguias dos turistas vão debitando informações sobre os locais por onde passa o autocarro, em 16 línguas. No rio ergue-se a velhinha ponte D. Maria, onde dantes os comboios atravessavam as duas margens do Douro. Esta obra emblemática da cidade data, como a ponte D. Luís, do século XIX e manteve-se em funcionamento, ainda que em condições precárias, até ao início dos anos 90. A moderna ponte S. João ditou o encerramento da D. Maria, que passou a ter um estatuto de monumento da cidade. O futuro da ponte permanece, contudo, incerto.

Turismo: Dormidas subiram 14,7% até Junho

O turismo no Porto registou um aumento de quase 15% até Junho, face a igual período de 2012. Segundo dados da Associação de Turismo do Porto, foi atingido um "contínuo incremento no número de dormidas de estrangeiros no Porto e Norte de Portugal, traduzindo-se presentemente num incremento de 14,7% comparativamente ao período homólogo de 2012". Os principais mercados são Espanha, seguida da França, Brasil, Alemanha e Reino Unido. Uma das vertentes do crescimento foi potenciada pelas "low cost", que fizeram aumentar os "City Breaks" na cidade (estadas de 2 a 3 dias). A Associação conta apresentar números ainda mais positivos no fim do ano.

Tours: Do Douro para o "BlueBus"

Os tours da Douro Azul, com a marca "BlueBoats" e "BlueBus" fazem o cruzeiro pelas seis pontes do Douro e depois pela cidade, num autocarro aberto de onde se pode sair e entrar sem restrições. Dois dias, com o passeio pelo rio e pela cidade, custam 16 euros, Um dia de cruzeiro no rio fica por 10 euros (o mesmo que o autocarro).

Quem quiser pode ainda visitar as caves ou mesmo o estádio do Dragão. A Douro Azul apostou na cor azul para se destacar das ofertas da concorrência (amarela e vermelha), tendo investido mais de um milhão de euros nos barcos rabelos. O turismo na cidade está em mudança, mas o Douro continua a ser uma constante.

Fonte: http://www.jornaldenegocios.pt/empresas/turismo_lazer/detalhe/o_porto_mudou_mas_quem_vem_continua_a_atravesar_o_rio.html Consultado em: 25/01/2016

1.1. Imagina que és o vereador do turismo da Câmara Municipal do Porto e queres trazer mais dinamismo ao turismo da tua cidade. A partir das notícias, evidencia os problemas enfrentados e encontra soluções para atenuar os desequilíbrios entre o turismo das grandes cidades e o turismo das cidades médias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Explicar os indicadores, tendo em conta as notícias anteriores, que demonstram que o turismo numa cidade grande é uma aposta viável;
- b) Explicar as medidas que tomavas para dinamizar ainda mais este setor
- c) Explicar de que forma se pode promover uma ligação entre o turismo nas grandes cidades e o turismo nas cidades médias.

Anotações:

8.2.9. Dossier Turismo – Versão Investidor 1

1.1. As notícias anteriores referem que o turismo nas grandes cidades é cada vez mais reconhecido a nível internacional. Imagina que és um potencial investidor e queres apostar no setor do turismo das grandes cidades pois foste atraído pela análise destas notícias.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Explicar quais são os potenciais do turismo nas grandes cidades;
- b) Evidenciar aspetos negativos que te impeçam de investir nesta área;
- c) Explicar para que classe económica se destina este tipo de turismo
- d) Questionar o vereador do turismo sobre as principais potencialidades da sua cidade;

8.2.10. Dossier Universidades

E.S.	Paredes
Departamento de Ciências Sociais e Humanas	

Ano Letivo 2015/2016

1 Fevereiro de 2016

Dossiê de Trabalho

“As cidades que não moramos”

Nome: _____

Ano/Turma: _____

Guião de Trabalho

Debate: “As cidades que não moramos”

Com a realização do debate pretende-se criar situações de aprendizagem significativas para os alunos, em que estes terão de conhecer e preparar o assunto que vão debater, desenvolvam o espírito de reflexão e de análise crítica, aprendam a colaborar em grupo e organizar-se, desenvolvam valores e atitudes de tolerância perante a diferença e ainda desenvolvam opiniões próprias e aprendam a defendê-las aumentando assim a sua autoestima e autoconfiança.

1º Preparação do debate:

- Cada aluno possui um dossier com notícias, devendo analisá-lo com o objetivo de participar no debate, interpellando os restantes colegas.
- Leitura e análise dos documentos fornecidos com vista a preparar os argumentos e as opiniões a defender no debate.
- Podes pesquisar na internet mais informação para defender a tua posição no debate. É valorizada a colocação de questões e diversidade de intervenções.

- Professor moderador do debate

- Introduz o debate, apresentando o tema aos participantes; lança algumas questões (outras deverão ser lançadas no decorrer do debate para o «alimentar».
- Gerir a participação dos intervenientes
- Solicitar a participação dos restantes elementos que estão a assistir sempre que for pertinente

2º O debate:

Tempo previsto para o debate – Cerca de 60 minutos

A realização do debate deve obedecer às regras de diálogo e às orientações do moderador, de modo a que todos tenham oportunidade de falar e se possam ouvir mutuamente. Por isso debes:

22. Falar de forma organizada e ordenada;
23. Participar sempre, quando julgas ser pertinente para o esclarecimento do assunto e não porque apetece intervir por intervir.
24. Não debes monopolizar o debate. Tu não és o único(a) a ter opinião sobre o assunto. É preferível pedires a palavra mais do que uma vez do que fazeres intervenções repetitivas. Por isso é bom que faças intervenções claras e objetivas.

“O poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos” Milton Santos

1. Lê e analisa com atenção os seguintes documentos.

Novos estudantes têm este ano um sistema de apoio ao sucesso académico



Projeto foi criado para apoiar as dificuldades dos novos estudantes ao entrar no Ensino Superior.

Planificação e Organização de Estudo, Como Trabalhar em Grupo, Gestão da Ansiedade e Técnicas de Comunicação são apenas alguns dos *workshops* que os estudantes de primeiro ano que participam no projeto “**Ensino Superior – Sucesso Académico**” já tiveram oportunidade de participar nos primeiros meses deste ano letivo.

Criado pela Universidade do Porto para apoiar os estudantes que acabam de entrar no Ensino Superior a **superar as naturais dificuldades ao entrar num novo ciclo de estudos**, o “Ensino Superior – Sucesso Académico” é financiado pela Secretaria de Estado do Ensino Superior e conta com a participação das universidades da Beira Interior, Coimbra, ISCTE, Lisboa, Madeira, Minho, Nova de Lisboa e Trás-os-Montes e Alto Douro e dos institutos politécnicos de Coimbra, Lisboa e Porto.

Este projeto tem por objetivo criar um **sistema de apoio aos novos estudantes** que facilitem a sua integração, autonomia e aprendizagem, de forma a minimizar as potenciais dificuldades que poderão encontrar na entrada de um novo ciclo de ensino e potenciar o seu sucesso académico.

De facto, entre os estudantes da Universidade do Porto que se inscreveram nesta primeira edição do projeto “Ensino Superior – Sucesso Académico”, as questões de aprendizagem, de integração social e cultural, de motivação e financeiras foram apontadas como as principais dificuldades antecipadas à entrada da Universidade do Porto.

Para apoiar os novos estudantes a lidar com estas dificuldades, um **conjunto de workshopstematicos** estão a ser realizados nos E-learning Cafés da Universidade do Porto que abordam algumas das questões identificadas, desde à gestão de planos de estudo até às leis relacionadas com o arrendamento de habitação ou às regras de alimentação e nutrição cuidada.

Estes são apenas algumas das ações que serão desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo em todas as instituições envolvidas no projeto “Ensino Superior – Sucesso Académico”. Iniciativas realizadas em contexto informal destinadas aos estudantes de primeiro ano e desenhadas para promover o desenvolvimento de competências pessoais e académicas, mas também desportivas e sociais, entre os novos estudantes do Ensino Superior.

Fonte: <http://noticias.up.pt/novos-estudantes-tem-este-ano-um-sistema-de-apoio-ao-sucesso-academico/> Consultado em: 25/01/2016

Porto lidera universidades nacionais no QS World University Rankings



O ranking tem como base indicadores como a qualidade de ensino, a reputação académica, a produção científica. (Foto: Egídio Santos / U.Porto)

A Universidade do Porto ocupa a 308.^a posição entre as melhores universidades do mundo de acordo com a edição 2015/2016 do “**QS World University Rankings**”, voltando a cotar-se como a instituição portuguesa melhor colocada naquele que é um dos mais prestigiados rankings de instituições de ensino superior,

A celebrar a sua décima segunda edição, o “**QS World University Rankings**” – elaborado pela empresa multinacional Quacquarelli Symonds – tem como base a análise de mais de 3 mil universidades e baseia-se em indicadores como a qualidade de ensino, a reputação académica, a produção científica, a reputação entre empregadores ou a proporção de estudantes

internacionais. Desde 2012, a U.Porto já subiu mais de 100 lugares na tabela das melhores universidades do mundo.

Globalmente, e à semelhança da edição anterior, o ranking é liderado pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT). As universidades de Harvard (EUA) e de Cambridge (Reino Unido) completam o pódio mundial. Para além da U.Porto, Portugal está representado pela Universidade Nova de Lisboa (351^a), a Universidade de Coimbra (367^a), a Universidade de Lisboa (481-490) e a Universidade Católica (651-700).

Recorde-se que, em abril passado, o “QS World University Rankings by Subject” já tinha considerado a U.Porto como uma das 350 melhores escolas do mundo em 13 áreas de ensino e investigação. De acordo com este *ranking*, a U.Porto está entre as 100 melhores universidades do mundo na área da Engenharia Civil e de Estruturas e no top 200 em cinco outras áreas (Engenharia Química, Engenharia Eletrotécnica, Agricultura e Silvicultura, Farmácia e Farmacologia e Ciências Ambientais). A Universidade surge ainda entre as 200 e as 350 melhores do mundo nos campos das Línguas Modernas, Ciência de Computadores, Engenharia Mecânica, Ciências Biológicas, Medicina, Química e Matemática.

Fonte: <http://noticias.up.pt/u-porto-lidera-universidades-portuguesas-no-qs-world-university-rankings/>

Conselho Geral da Universidade do Porto rejeita aumentar valor das propinas

O Conselho Geral da Universidade do Porto decidiu hoje não aumentar a propina dos atuais 999 euros para 1.037 em 2014/15, contrariando assim a proposta da reitoria, apesar de ter "consciência das dificuldades económicas" das instituições de Ensino Superior.

"[O Conselho Geral] decidiu não aumentar o valor das propinas dos estudantes. Fê-lo com consciência das dificuldades crescentes, no plano económico e financeiro, que atravessam as universidades portuguesas, incluindo a Universidade do Porto", diz, em comunicado, o Conselho Geral.

A proposta de aumento das propinas, que era o principal ponto da reunião do Conselho Geral, foi rejeitada por unanimidade.

"A Universidade do Porto está sediada numa região do país com graves problemas sociais em que o desemprego, a quebra do rendimento das pessoas e outros custos sobre os estudantes e suas famílias têm particular gravidade", acrescenta o comunicado.

Desta forma, este organismo diz "recusar projetar sobre os estudantes o custo das propinas o ónus de cortes que foram impostos às Universidades", admitindo, no entanto, que esta decisão

poderá resultar numa "gestão ainda mais difícil do orçamento" das instituições de Ensino Superior.

Hoje, o Conselho Geral da Universidade do Porto decidiu também, e em complemento à recusa de aumento de propinas, realizar um estudo sobre o peso da situação económica e social dos estudantes e suas famílias no abandono da universidade.

É ainda intenção deste organismo, conclui a nota, proceder a uma revisão da eficácia dos apoios sociais concedidos pela Universidade".

Na quarta-feira, também a Federação Académica do Porto (FAP) tinha apelado a que a proposta de aumento de propinas fosse rejeitada.

Numa carta enviada ao Conselho Geral, a FAP classificava de "obsoleto" o atual sistema de ação social e apresentava "números que relacionam aumento do valor da propina com aumento do abandono escolar".

"A percentagem de abandono aumentou em todos os anos em que ocorreram alterações legais nas responsabilidades financeiras dos estudantes perante o sistema", referia a carta da FAP.

Fonte: http://www.rtp.pt/noticias/pais/conselho-geral-da-universidade-do-porto-rejeita-aumentar-valor-das-propinas_n723616#sthash.HoUDMMY2.dpuf Consultado em: 25/01/2016

1.1. Imagina que és o diretor de uma faculdade da Universidade do Porto e tens de promover a tua universidade.

Para preparar a tua intervenção deves:

- a) Selecionar uma notícia do dossier que comprove a qualidade dos politécnicos/universidades em cidades de grande dimensão;
- b) Explicar que medidas tomavas para promover a tua universidade;
- c) Explicar de que forma é possível promover relações de complementaridade com universidades de média dimensão.

Anotações

8.2.11. Dossier Universidades – Versão Estudante

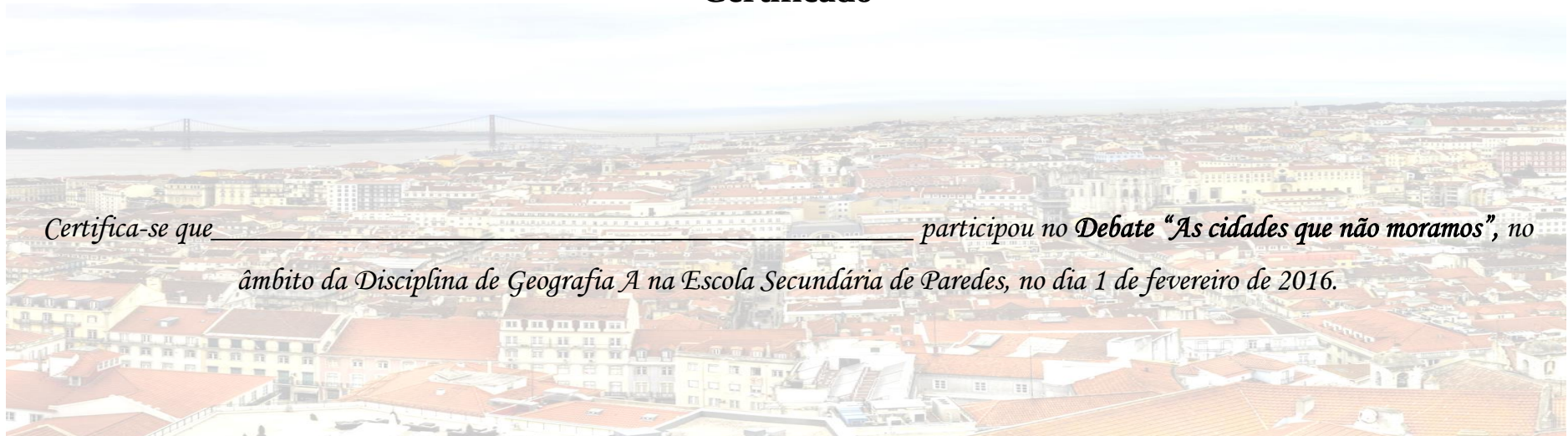
1.1. Imagina que és um estudante da Universidade do Porto. Tendo em conta a tua experiência e a partir das notícias, evidencia os problemas nas universidades das grandes cidades.

Para preparar o teu discurso deves ter em conta os seguintes tópicos:

- a) Indicar o problema em questão;
- b) Explicar os motivos pelos quais acontece esse problema;
- c) Explicar outro caso/problema semelhante;
- d) Questiona um colega: como é que o diretor da tua universidade pode resolver esse problema?
- e) (outras questões ao diretor do politécnico)

8.3. Certificado dos alunos

Certificado



Certifica-se que _____ participou no Debate “As cidades que não moramos”, no âmbito da Disciplina de Geografia A na Escola Secundária de Paredes, no dia 1 de fevereiro de 2016.

A professora estagiária



(Ana Sofia Cruz)

Anexo 9 – Materiais utilizados na aula do jogo didático da disciplina de Geografia

Quiz – A União Europeia

- 1. Como se organizam os deputados no Parlamento Europeu?**
 - a) Por clubes desportivos.
 - b) Por nacionalidades.
 - c) Por grupos políticos.
 - d) Por idiomas.

- 2. Três dos cinco países denominados países nórdicos fazem parte da UE. Identifica-os.**
 - a) A Dinamarca, a Suécia e a Finlândia.
 - b) A Noruega, a Dinamarca e a Lituânia
 - c) A Islândia, a Noruega e a Suécia.
 - d) A Finlândia, a Suécia e a Estónia.

- 3. Quando surgiu o conceito de cidadania Europeia?**
 - a) Em 1999, com a assinatura do Tratado de Amesterdão.
 - b) Em 2001, com a assinatura do Tratado de Nice.
 - c) Em 1957, com a assinatura do Tratado de Roma.
 - d) Em 1992, com a assinatura do Tratado de Maastricht.

- 4. O Danúbio atravessa 11 países europeus. Quais são os países da UE que são banhados por este rio?**
 - a) Croácia, Sérvia, Moldávia e Suécia.
 - b) Áustria, Alemanha, Hungria e Eslováquia.
 - c) Itália, Bélgica, Luxemburgo e França.

d) Alemanha, Portugal, Espanha e República Checa.

5. Em que ano é que Portugal aderiu às Comunidades Europeias?

a) 1995

b) 1986

c) 1973

d) 2004

6. Em 1973, aconteceu o primeiro alargamento. Refere os países que aderiram nessa data.

a) Dinamarca, Irlanda e Reino Unido.

b) Áustria, Finlândia e Suécia.

c) Estónia, Letónia e Lituânia.

d) Bulgária e Roménia.

7. Qual o maior país da UE?

a) Alemanha.

b) Itália.

c) França.

d) Espanha.

8. Com vista a reformular o funcionamento das Instituições da UE, permitindo a entrada de mais países foi assinado um Tratado. Qual o seu nome?

a) Tratado de Lisboa, assinado em 13 de Dezembro de 2007.

b) Tratado de Maastricht, assinado em 7 de Fevereiro de 1992.

c) Tratado de Roma, assinado em 25 de Março de 1957.

d) Tratado de Nice, assinado em 26 de Fevereiro de 2001.

9. Onde fica a sede da Comissão Europeia?

- a) Luxemburgo.
- b) Bruxelas.**
- c) Berlim.
- d) Estocolmo.

10. Quais os dois países mais pequenos da União Europeia?

- a) Malta e Luxemburgo.**
- b) Estónia e Chipre.
- c) Polónia e Bélgica.
- d) Dinamarca e Irlanda.

11. Um dos símbolos da UE é a bandeira. Quais as suas cores?

- a) Verde e Vermelho.
- b) Azul e Branco.
- c) Amarelo e Preto.
- d) Azul e Amarelo.**

12. Que documento precisamos de levar para viajarmos para outro país da União Europeia?

- a) Passaporte.
- b) Cartão de Cidadão.**
- c) Boletim de Vacinas.
- d) Cartão de Eleitor.

13. Qual o nome da primeira Comunidade Europeia?

- a) CEE – Comunidade Económica Europeia.
- b) CEI – Comunidade de Estados Independentes.
- c) CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.**
- d) CPE - Comunidade de Países Europeus.

14. Qual o país do sul da Europa que entrou sozinho em 1981?

- a) Espanha.
- b) Finlândia.
- c) Croácia.
- d) Grécia.

15. Em que ano aconteceu o maior alargamento da União Europeia?

- a) 2004
- b) 1995
- c) 2002
- d) 1986

16. Atualmente quantos países da UE adotaram o Euro como moeda oficial?

- a) 25
- b) 27
- c) 19
- d) 15

17. Qual é a capital da Estónia?

- a) Tallinn
- b) Vilnius
- c) La Valetta
- d) Riga

18. O Muro de Berlim foi derrubado em que ano?

- a) 1986
- b) 1989
- c) 2005
- d) 1992

19. Como se chama o compositor do Hino da UE?

- a) Antonio Lucio Vivaldi.
- b) Wolfgang Amadeus Mozart.
- c) Ludwing van Beethoven.
- d) Frédéric Chopin.

20. O dia da Europa comemora-se em que data?

- a) 9 de Maio
- b) 1 de Janeiro
- c) 25 de Dezembro
- d) 19 de Março

21. Qual o número de línguas oficiais da UE?

- a) 28
- b) 24
- c) 15
- d) 20

22. A Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) nasceu na sequência de um conflito mundial. Qual foi ele?

- a) Primeira Guerra Mundial.
- b) Guerra Fria.
- c) Segunda Guerra Mundial.
- d) 25 de Abril.

23. Qual o lema adotado para a União Europeia?

- a) Unida na Diversidade.
- b) Unida na Adversidade.

- c) Unida na Diferença.
- d) Unida na Desigualdade.

24. Qual a instituição que verifica se o dinheiro do orçamento da UE foi bem aplicado?

- a) O Banco Central Europeu.
- b) O Fundo Monetário Europeu.
- c) O Conselho da União Europeia.
- d) O Tribunal de Contas Europeu.

25. O que significa a sigla EEE?

- a) Espaço Económico Europeu.
- b) Estratégia Europeia Económica.
- c) Estudos Económicos Europeus.
- d) Estrutura Económica Europeia.

26. Ludwig van Beethoven foi o compositor do Hino à Alegria. Qual o seu país de origem?

- a) Alemanha
- b) Espanha
- c) Áustria
- d) Bélgica

27. Qual o país da União Europeia que tem a forma de uma bota?

- a) Dinamarca
- b) Itália
- c) Irlanda
- d) Portugal

28. Praga é a capital de que país?

- a) Hungria
- b) Polónia
- c) Grécia
- d) República Checa

29. Quantas estrelas tem a bandeira da UE?

- a) 28
- b) 10
- c) 12
- d) 27

30. Qual a moeda que entrou em circulação na União Europeia em Janeiro de 2002?

- a) Euro
- b) Ecu
- c) Libra
- d) Florim

31. Qual o número de eurodeputados de Portugal?

- a) 24
- b) 21
- c) 25
- d) 19

32. Quem escolhe os deputados europeus?

- a) Os governos dos países da UE.
- b) Os cidadãos da UE.

- c) O Tribunal de Justiça da UE.
- d) O Conselho da União Europeia.

33. Quando foi assinado o Tratado de Roma?

- a) 1951
- b) 1957**
- c) 1990
- d) 1992

34. Qual destes países não aderiu ao Euro?

- a) França
- b) Luxemburgo
- c) Dinamarca**
- d) Alemanha

35. Em que cidade está sediado o Banco Central Europeu?

- a) Bruxelas
- b) Madrid
- c) Lisboa
- d) Frankfurt**

Anexo 10 – Tabela de análise de dados na disciplina de História

10ºX				
Tipo de Comunicação ↔ Eficácia em Aprendizagem				
Exercícios Alunos	1	2	3	4
1	X	+/-	✓	+/-
2	✓	✓	+/-	X
3	+/-	X	+/-	✓
4	—	✓	+/-	X
5	+/-	+/-	+/-	+/-
6	✓	+/-	+/-	X
7	✓	✓	+/-	✓
8	✓	✓	+/-	✓
9	✓	✓	✓	✓
10	X	X	X	X
11	✓	X	+/-	✓
12	—	+/-	+/-	—
13	X	+/-	+/-	+/-
14	✓	✓	✓	✓
15	✓	✓	✓	✓
16	✓	X	✓	✓
17	+/-	+/-	+/-	✓
18	+/-	+/-	+/-	+/-
19	—	+/-	+/-	X
20	✓	✓	✓	✓

21	✓	✓	✓	✓
22	+/-	+/-	+/-	✓
23	✓	✓	✓	✓
24	+/-	+/-	+/-	+/-
25	—	+/-	+/-	+/-
26	✓	X	X	X
27	✓	✓	✓	✓
28	+/-	✓	+/-	✓
29	+/-	+/-	+/-	X
30	✓	✓	✓	✓

Legenda:

X Não realizou a atividade

✓ Abordou todos os tópicos

+/- Abordou alguns dos tópicos

— Sem significado

Anexo 11 – Tabela de análise de dados na disciplina de Geografia

11ºY				
Tipo de Comunicação ↔ Eficácia em Aprendizagem				
Exercícios Alunos	1	2	3	4
1	+/-	✓	✓	X
2	X	X	✓	X
3	X	✓	X	X
4	+/-	✓	✓	✓
5	X	X	✓	X
6	X	✓	X	X
7	—	X	✓	X
8	X	✓	+/-	X
9	X	✓	✓	X
10	X	X	✓	X
11	X	+/-	+/-	+/-
12	+/-	+/-	+/-	X
13	X	X	+/-	X
14	✓	✓	✓	✓
15	X	X	✓	+/-
16	+/-	+/-	+/-	X
17	X	✓	✓	X
18	X	✓	X	X
19	X	X	✓	X
20	✓	✓	+/-	X

21	X	X	X	X
22	✓	+/-	✓	X
23	X	+/-	✓	X
24	X	X	X	X
25	✓	✓	✓	✓
26	+/-	✓	+/-	+/-
27	X	X	✓	X
28	X	✓	X	X
29	X	+/-	X	X
30	X	X	X	X

Legenda:

X Não realizou a atividade

✓ Abordou todos os tópicos

+/- Abordou alguns dos tópicos

___ Sem significado